

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA**

JOÃO PEDRO CIOFFI PEREIRA

**ANTISSEMITISMO NOS LIVROS INFANTIS NA ALEMANHA NAZISTA
(1933 – 1945)**

**PONTA GROSSA
2023**

JOÃO PEDRO CIOFFI PEREIRA

**ANTISSEMITISMO NOS LIVROS INFANTIS NA ALEMANHA NAZISTA
(1933 – 1945)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Stancik

**PONTA GROSSA
2023**

P436 Pereira, João Pedro Cioffi
 Antissemitismo nos livros infantis na Alemanha Nazista (1939 - 1945) / João Pedro Cioffi
Pereira. Ponta Grossa, 2023.
 115 f.

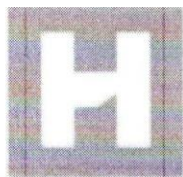
 Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Área de
Concentração: Ensino de História), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Stancik.

 1. Nazismo. 2. Antissemitismo. 3. Imagens. I. Stancik, Marco Antonio. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ensino de História. III.T.

 CDD: 907.2

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos- CRB9/986



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



Universidade
Estadual de
Ponta Grossa

TERMO DE APROVAÇÃO

JOÃO PEDRO CIOFFI PEREIRA

ANTISSEMITISMO NOS LIVROS INFANTIS NA ALEMANHA NAZISTA (1933-1945)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 17 de maio de 2023, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Marco Antonio Stancik (UEPG - Orientador)

Prof. Dr. Fabio Luciano Iachtechen (UEPG)

Prop Drª Talita Gonçalves Medeiros (UEPG)

Ponta Grossa, 17 de maio de 2023.

Ao meu pai Maurício (*in memoriam*) e minha
mãe Rogéria.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Ana Paula e Leandra, pelo apoio, seja ajudando a pesquisar uma fonte, lendo e relendo para alterações e até mesmo me dando uns puxões de orelha para que eu sentasse e escrevesse. Sem elas grande parte desse trabalho não teria sido escrito.

A todas as pessoas que fazem parte do meu círculo de amizade e familiares, mas em especial a Ana Carolina por se fazer presente todos os dias, mesmo distante, e me ajudar a ter foco e calma para a conclusão desse curso.

Ao meu primo Tobias por estar junto comigo, praticamente, todos os dias da minha existência, não há palavras para descrever a importância dele para mim e para esse trabalho.

Aos meus amigos do BoNd por ler e me ouvir falar sobre o tema a quase todo o instante e pelos momentos de risos em tempos tão pesados.

A minha psicóloga Bianca que me ajudou a não surtar e me fez a não desistir de escrever o presente trabalho.

Agradeço também, o corpo docente de Licenciatura em História da UEPG, por todos os ensinamentos passados e principalmente por terem me formado professor da maneira que sou.

De maneira especial, agradeço ao meu orientador o professor doutor Marco Antonio Stancik, que me acompanha desde a escrita do meu TCC e agora na conclusão do meu mestrado, obrigado pelas correções, ensinamentos e principalmente pela paciência, pois sei que acabei enrolando e desaparecendo por um tempo.

“Ah! Se o mundo inteiro me pudesse ouvir
Tenho muito para contar, dizer que aprendi.”(Tim Maia)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar e compreender as imagens antissemitas em livros infantis no período da Alemanha Nazista (1933 – 1945). Esse trabalho foi embasado em uma análise bibliográfica e imagética. As imagens analisadas são carregadas de mensagens de ódio e preconceito, devido a isso esse trabalho se utiliza do livro escrito por Adolf Hitler, o *Mein Kampf*, para fazer uma análise contextual e conseguir explicar, e desconstruir, a sua mensagem de uma maneira direta. As imagens podem ser uma importante fonte para ser utilizada em sala de aula, mas é necessário ter uma contextualização e conhecimento sobre o tema e de como trabalhar essas imagens. Como resultado final há a produção de um material didático instruindo como as imagens produzidas pelo governo nazista podem ser utilizadas em sala de aula para um conhecimento crítico do tema e para a desconstrução do ódio produzido e propagado pelas imagens dos livros infantis da Alemanha Nazista.

Palavras-chave: Nazismo. Antissemitismo. Imagens. Representação. Ensino de História.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and understand the antisemitic images in children's books during the period of Nazi Germany (1933 - 1945). This work was based on a literature and image analysis. The images analyzed are loaded with hate and prejudice messages, and because of that this work uses the book written by Adolf Hitler, *Mein Kampf*, to make a contextual analysis and be able to explain, and deconstruct, its message in a direct way. Images can be an important source to be used in the classroom, but it is necessary to have a contextualization and knowledge about the theme and how to work with these images. As a final result there is the production of a didactic material instructing how the images produced by the Nazi government can be used in the classroom for a critical knowledge of the theme and for the deconstruction of the hatred produced and propagated by the images of Nazi Germany in children's books.

Keywords: Nazism. Antisemitism. Images. Representation. History Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Atacante	23
Figura 2 – O Cogumelo Venenoso	27
Figura 3 – O Cogumelo Venenoso	29
Figura 4 – Como reconhecer um judeu	31
Figura 5 – Como os Judeus chegaram?	33
Figura 6 – O que é o Talmud?.....	35
Figura 7 – Por que os Judeus se batizam?	37
Figura 8 – Como um camponês foi expulso?	39
Figura 9 – O Judeu trapaceiro.....	40
Figura 10 – Inge vai ao médico.	42
Figura 11 – Os Judeus advogados.....	44
Figura 12 – Dinheiro é o deus dos Judeus.....	46
Figura 13 – Nosso herói Julius Streicher.....	49
Figura 14 – Não acredite em nenhuma raposa na charneca verde e em nenhum juramento do Judeu.....	52
Figura 15 – O pai dos Judeus é o Diabo.	54
Figura 16 – O pai dos Judeus é o Diabo	57
Figura 17 – O eterno Judeu.....	60
Figura 18 – Nomes judaicos.....	63
Figura 19 – Uma vez Judeu, sempre Judeu.....	65
Figura 20 – O Judeu do gado.....	67
Figura 21 – O Sabbath	69
Figura 22 – O Sabbath.	71
Figura 23 – O Sabbath	74
Figura 24 – O advogado Judeu	77
Figura 25 – A serva	80
Figura 26 – A serva.	82
Figura 27 – A serva.	84
Figura 28 – O médico Judeu	86
Figura 29 – O médico Judeu	89
Figura 30 – O médico Judeu	91
Figura 31 – O médico Judeu.	93
Figura 32 – O médico Judeu	96
Figura 33 – O médico Judeu	98
Figura 34 – A Juventude de Hitler	101
Figura 35 – A Juventude de Hitler.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – ANTISSEMITISMO NAZISTA	17
CAPÍTULO 2 – <i>DER STÜRMER E DER GIFTPILZ</i>	22
CAPÍTULO 3 – <i>TRAU KEINEM FUCHS AUF GRÜNER HEID UND KEINEM JUD BEI SEINEM EID!</i>	50
CAPÍTULO 4 – MATERIAL DIDÁTICO	104
4.1 PRIMEIRO PASSO	105
4.2 SEGUNDO PASSO	106
4.3 TERCEIRO PASSO	107
4.4 QUARTO PASSO.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a analisar imagens retiradas de livros didáticos e paradidáticos para uma análise das representações do povo judeu dentro da educação alemã no período em que o país estava sob o domínio do Partido Nazista. Durante o governo do *Reich* a educação sofreu várias mudanças para assegurar o comprometimento das massas mais jovens com o governo e uma adoração total ao seu governante.

Esse trabalho tem como eixo principal a análise das imagens e como elas podem ser utilizadas para enriquecer o âmbito pedagógico. A imagem como fonte histórica começa a ganhar força no século XX com a Escola dos Annales em um movimento que visava ampliar o estudo da História para além das fontes escritas. Como retratado por Le Goff (1993) “a História Nova nasceu em grande parte de uma revolta contra a historiografia positivista do século XIX.”

Já Peter Burke em seu livro, *Testemunha Ocular*, discute as possibilidades de se usar a imagem como um recurso de pesquisa histórica, as colocando como fonte visual. Ao fazer isso ele pontua que:

1. As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo, a visão masculina das mulheres, a da classe média sobre os camponeses, a visão dos civis da guerra, e assim por diante. Os historiadores não podem dar-se ao luxo de esquecer as tendências opostas dos produtores de imagens para idealizar e satirizar o mundo que o representam. Eles são confrontados com o problema de distinguir entre representações do típico e imagens do excêntrico.
2. O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material e assim por diante), incluindo as convenções artísticas para representar as crianças (por exemplo) em um determinado lugar e tempo, bem como os interesses do artista e do patrocinador original ou do cliente, e a pretendida função da imagem.
3. Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais, seja quando o historiador focaliza todas as imagens ainda existentes que os espectadores poderiam ter visto em lugares e épocas específicas (na expressão de Zanker, “a totalidade de imagens que um contemporâneo poderia ter experimentado”), seja quando observa as mudanças nas imagens do purgatório (por exemplo) ao longo do tempo. O que os franceses chamam “história serial” vem a ser extremamente útil em determinadas ocasiões.
4. No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos, mas significativos – incluindo ausências significativas - usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir....
(BURKE, 2004, p.237-238)

Partido dessa premissa essa dissertação foi construída a partir de uma análise bibliográfica sobre o contexto da época e será estruturada a partir das análises de imagens retiradas de livros da época.

Para Bartolletti (2006) Adolf Hitler e o partido Nazista enxergava na educação uma oportunidade de transformar as crianças e os jovens em “bons nazistas” para o futuro. Então, quanto antes começasse o processo de doutrinação, mais forte ela estaria enraizada nas pessoas.

A autora Hannah Arendt pontua que esse tipo de pensamento tem como base a superioridade dos adultos em relação às crianças, especialmente em governos ditatoriais.

O papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas [...] mostra o quanto parece natural iniciar um novo mundo com aqueles que são por nascimento e por natureza novos. No que toca a política, isso implica obviamente um grave equívoco: ao invés de juntar-se aos seus iguais, assumindo o esforço de persuasão e correndo o risco do fracasso, há uma inversão ditatorial, baseada na absoluta superioridade do adulto, e na tentativa de produzir o novo como em *fait accompli*, isto é, como se o novo já existisse. Por esse motivo na Europa, a crença de que se deve começar das crianças se quer produzir novas condições permaneceu sendo principalmente o monopólio dos movimentos revolucionários de feição tirânica que, ao chegarem ao poder, subtraem as crianças a seus pais e simplesmente as doutrina. (ARENDR, 2001, p. 225 - 226)

A partir das proposições de Arendt, consegue-se perceber que governos tirânicos necessitam criar suas reformas educacionais para que não haja mais uma educação e sim uma doutrinação para as crianças e até mesmo adultos.

Constata-se assim que, entre outras estratégias adotadas, o partido Nazista conseguiu chegar ao poder através de grandes propagandas que apelavam para o lado emocional de classe da sociedade alemã. Para se manter no poder e ter uma adesão que assumisse feições de se dar de forma voluntária entre os jovens, o governo Nazista apelava intensamente para o sentimental dentro da educação.

Hitler e seus apoiadores compreendiam que o processo de ensino, a fim de disseminar o ideal nazista, era algo que deveria enraizar tal ideologia e compreendiam que era algo complexo, ainda mais começar a educar adultos com a doutrina nazista. Assim ele acaba voltando-se com especial ênfase para jovens em idade escolar, pois “a juventude, em compensação, pareceu-lhe um eldorado a ser conquistado a qualquer preço. O novo alemão seria formado na idade em que se é realmente maleável” (VITKINE, 2010, p. 58). Com isso pode-se perceber que havia um grande esforço por parte do governo Nazista para submeter todas as crianças a uma

educação que as mantivessem em um ideal proposto por Hitler, pois em suas palavras (2016, p.321) “para que esse sentimento nacionalista seja verdadeiro e não meramente artificial, já na juventude deve-se manter no cérebro de cada um a convicção firme de que quem ama seu povo deve prová-lo somente pelo sacrifício de que é capaz em favor do mesmo.”

Para Hitler (2016, p. 322), “o trabalho de educação coletiva do Estado nacionalista deve ser coroado com o despertar do sentido e do sentimento da raça, que deve penetrar no coração e no cérebro da juventude que lhe foi confiada.” Nesse contexto, a escola se torna um laboratório perfeito para iniciar o trabalho de fixar nas crianças, racional e emocionalmente, a ideia de compromisso com a pretensa pureza da raça e compromisso com o bem coletivo ariano. Caberia ao Estado desempenhar o papel de conduzir essa educação até atingir o seu objetivo final, que era transformar de maneira definitiva a criança com os ideais nazistas. Como apontado por Hitler, (2016, p. 322) “a tarefa do Estado nacionalista será a de preservar a raça e prepará-la para as grandes e finais decisões, por meio da educação apropriada”.

Com isso em mente, Hitler e o Partido Nazista reformulam o currículo escolar. Com isso há mudanças no corpo docente também ,segundo Bartoletti (2006, p.40) “mudaram os currículos de alto a baixo, de forma a só ensinar ideias aprovadas pelos nazistas”. Principalmente sobre a questão de superioridade da raça alemã, esporte e confiança, conforme pontua Hitler:

Justamente agora que a nação alemã está em colapso, espezinhada por todo mundo, é que se faz necessária aquela confiança em si mesma. Essa confiança deve ser cultivada na juventude, desde a meninice. Toda a sua educação, todo o seu treinamento, devem ser dirigidos no sentido de dar-lhe a convicção de sua superioridade. Certo da sua força e da sua habilidade, a mocidade deve readquirir a fé na invencibilidade da sua nação. (HITLER, 2006, p.312)

Hitler acreditava firmemente na superioridade do ensino físico em relação ao ensino intelectual, para ele era dever do Estado cultivar a eficiência física e o meio para isso era através da educação. Não só houve mudanças nas matérias, mas também com a carga horária referente ao ensino físico.

Foi um erro crasso, ter-se, hoje, até no programa das escolas médias, deliberado reservar à ginástica apenas duas horas por semana e, isso mesmo sem caráter obrigatório. Não se deve passar um dia sem que cada jovem tenha, pelo menos, uma hora de exercício físico, pela manhã a à tarde, em esportes e ginástica. Especialmente o boxe, visto por muitos nacionalistas “como rude e indigno”, não deve ser esquecido.(HITLER, 2006, p. 310).

E além do aumento da carga horária de atividade física, houve a criação de diversos materiais com o intuito de doutrinar as crianças. Para os membros da *HitlerJugend* (Juventude Hitlerista) foi criada a *Kriegsbücherei der deutschen Jugend* (Biblioteca de Guerra da Juventude Alemã) que era uma série de livros, sendo 156 no total, cujo objetivo era enaltecer a guerra e o amor pela pátria.

Os livretos tendiam a apresentar elementos comuns, por exemplo: apelavam para uma glorificação da guerra e terminavam com um apelo enfático para que o jovem leitor se alistasse no exército. Pois “sob o ponto de vista racial, a educação deve ser completada pelo serviço militar, que deve ser visto como a conclusão da educação normal de cada alemão.” (Hitler, 2016, p. 322)

Para crianças que não participavam da *HitlerJugend* foram produzidos materiais que se valiam da ideia da superioridade da raça alemã perante as outras e com ênfase no anticomunismo. Um livro que se fez popular na época foi o *Der Giftpilz* (Cogumelo Venenoso). Ele foi publicado pela editora do professor e editor Julius Streicher¹ e era utilizado em várias escolas da época. O livro é voltado para o antissemitismo com textos e desenhos estereotipados seguidos com pequenas legendas. A publicação conforme pontua Penke (2019) reúne a ideologia antisemita do Nacional-Socialismo em uma série de narrativas que visavam despertar nas crianças emoções negativas contra os judeus.

As fontes utilizadas para a produção dessa dissertação são livros e jornais produzidos pela Alemanha Nazista nos anos de 1934 a 1945. Apesar do espaço temporal ser longo, houve uma catalogação das imagens em recortes temáticos como imagens voltadas para o antissemitismo, anticomunismo, para os trabalhadores e até mesmo o culto ao Hitler facilitando assim o processo para a sua escolha. Após realizado esse levantamento, o tema escolhido para a discussão foi o antissemitismo devido ao grande número de ilustrações presentes nos materiais catalogados, bem como pela relevância que o tema teve no regime. As imagens dos livros serão retiradas dos acervos *online* do *Deutsches Historisches Museum*², do *United States Holocaust Memorial Museum*³, dos arquivos do professor Randall Bytwerk⁴, no qual ele disponibiliza imagens para pesquisas.

¹ Foi um apoiador do regime nazista. Editor chefe do jornal "*Der Stürmer*", o qual era parte da máquina de propaganda nazista.

² <https://www.dhm.de/>

³ <https://www.ushmm.org/>

⁴ <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/index.htm>

A primeira fonte a ser analisada nesse trabalho será o livro *Der Giftpilz*, que foi publicado de duas maneiras, uma com 17 imagens e legendas e a outra com a adição de breves textos nas páginas ao lado das imagens. Esse fato auxilia na análise do trabalho e por ser um livro que foi projetado de fácil compreensão para os jovens da época. A análise aconteceu no segundo capítulo e o foco serão as imagens do livro, pois elas representam uma variedade de estereótipos acerca do povo judeu, bem como uma construção imagética de fácil compreensão e interpretação, pois o público-alvo era as crianças e a juventude alemã da época. As imagens desse livro foram retiradas de uma edição publicada em Nuremberg, cidade da Bavária. O idioma em que ele foi escrito é o bávaro, uma variação do alto-alemão. Nas imagens analisadas não consta a enumeração das páginas do livro.

O segundo livro a ser trabalhado é o *Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid! Ein Bilderbuch für Gross und Klein*, esse livro também foi publicado pela editora de Julius Streicher, mas foi escrito e desenhado por Elvira Bauer, na época uma professora do jardim de infância. De acordo com o *Deutsches Historisches Museum*, foram vendidas pelo menos 100.000 cópias do livro e que ele foi criado com o intuito de ser um, pretendo, manual para crianças de 6 a 9 anos sobre como identificar e tratar o povo judeu. O livro possui 43 páginas sendo dividido em seções, cada seção a autora traz um texto introdutório e uma ilustração retratando o que foi pontuado no texto. Esse material apresenta ilustrações estereotipadas do povo judeu, bem como textos que os desumanizam, na tentativa de incutir nas crianças a falsa, ideia de que o povo judeu é inferior ao alemão.

Nesse sentido, Liebel (2006) atribui que as charges desenhadas pela editora *Der Stürmer* conseguem cumprir com o seu objetivo, não só através da sedução pelo riso, mas também por meio de elementos sombrios que demonizavam e culpavam o povo judeu por certos problemas.

Essas imagens serão analisadas seguindo o método proposto por Gervertau (2004, p. 45), “desenvolvido em três etapas, que são: a descrição, a evocação do contexto e a interpretação.”

“Na etapa da descrição foram abordados os elementos mais perceptíveis das imagens, tais como cores, traços, características dos personagens, ambiente e temática” (GERVERTAU, 2004, p. 45). Nesse momento os dados observados são transcritos de maneira que possam servir de base para a elaboração de uma análise

concreta acerca da imagem. Nessa fase coleta-se todo o material relativo ao que se está vendo e se faz uma interpretação afim de facilitar a compreensão para o leitor.

Na segunda etapa temos o contexto da imagem, ou seja, se trata daquilo que levou o processo de produção da imagem, o momento social e político da época, quem produziu e para quem foi produzida a imagem.

Por fim acontece a interpretação que surge como um resultado das bases sólidas dos dois primeiros passos. Essas etapas formam um conjunto de instruções e percepções para a compreensão das imagens trabalhadas, o seu resultado nunca poderá ser absoluto, podendo sofrer alterações com a subjetividade individual ou da época. Em ambos os livros os judeus acabam sendo desenhados com traços fortes, principalmente os seus rostos, de acordo com Liebel (2006) tal técnica visa promover, ao logo do tempo, o sentimento de ódio ou de simpatia.

No caso das fontes analisadas, consegue-se perceber que essa técnica está voltada para a criação do sentimento de ódio, isso de se dá devido a situação e ambientes em que os judeus foram representados, cada um está realizando uma ação banal, como por exemplo um judeu açougueiro estar cortando carne para o cliente, mas toda a contextualização em volta dele foi desenhada para que haja o sentimento de ódio e repulsa. Evitando, para Liebel (2006), uma banalização da ideia pela representação fantasiosa e criando uma representação real, tornando, então, aquele momento e personagens reais.

Com isso, podemos entender que os livros estão sendo utilizados para a perversão e difusão de um ideal de ódio contra um, segundo os nazistas, inimigo comum. Esses livros, apesar de não serem de propaganda eleitoral, acabam se encaixando nas cinco leis e técnicas de propaganda política descritas por Donenach em seu livro "Propaganda Política".

Basicamente, a primeira lei é a chamada Lei da Simplificação e do Inimigo Único, na qual diz que a propaganda deve ser direcionada contra um inimigo da maneira mais simples o possível, criando assim uma premissa natural para direcionar o ataque a aquele alvo.

A segunda lei, Lei de Ampliação e Desfiguração, fala sobre o exagero das mensagens que serão passadas ao público, esse exagero pode ser voltado tanto para alavancar quem a propaganda quer apoiar, ou desfigurar, ainda mais, o inimigo criado.

A Lei da Orquestração, é a terceira e coloca que o produtor da propaganda deve levar em consideração o público que se quer atingir, a maneira de como alcançar esse público e como as ideias circularão entre a população.

A quarta lei é a Lei da Transfusão, esta lei é sobre como passar os sentimentos da propaganda para os leitores, ela utiliza de elementos do subconsciente dos indivíduos para que eles recebam, com a mesma intensidade, os sentimentos transmitidos pelo autor da propaganda.

Tendo essas leis em mente as imagens analisadas nesse trabalho seguem o pensamento proposto por Paiva:

As imagens construídas historicamente que, associadas a outros registros, informações, usos e interpretações, se transformaram, em um determinado momento, em verdadeiras certidões visuais do acontecido, do passado. Essas imagens são, geralmente e não necessariamente de maneira explícita, plenas de representações do vivenciado e do visto e, também, do sentido, do imaginado, do sonhado, do projetado. São, portanto, representações que se produzem nas e sobre as variadas dimensões da vida no tempo e no espaço. (PAIVA, 2002, p. 13-14)

As imagens podem ser utilizadas como um recurso metodológico, conforme pontua Abud (2003) a linguagem própria da imagem auxilia o aluno na construção do conhecimento histórico. Porém, como as imagens aqui analisadas são propagandas voltadas para o público em idade escolar, elas precisam ser levadas para sala de aula com um olhar crítico e uma reflexão em cima delas, para que elas não se tornem instrumentos de persuasão. Conforme pontuam Guedes e Nicodem:

Faz-se necessário que o professor conheça as características do material a ser utilizado, saber sobre os autores, técnicas utilizadas, momento histórico em que foi realizado, entre outras características, independentemente do tipo de imagem utilizada, sejam documentários, histórias em quadrinhos, filmes, pinturas, gravuras, fotografias, charges ou esculturas. É preciso obter o maior número de informações possíveis a respeito do objeto imagético a ser analisado, é preciso interrogá-lo a partir de uma leitura crítica, procurando identificar as intenções contidas no mesmo, sua intencionalidade e seus significados, assim, são possíveis uma avaliação de forma mais rigorosa. (GUEDES; NICODEM, 2017, p.4)

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise crítica do contexto em que os livros foram escritos, descrever as imagens com elementos do seu contexto e partir disso elaborar a produção de um material didático para que possa ser utilizado, de maneira crítica, em sala de aula afim de enriquecer o conhecimento do aluno e abordar o conteúdo de uma maneira mais abrangente. Pois conforme pontuado por Litz (2009, p.14) “trazer novas abordagens e recursos para a sala de aula é uma alternativa para motivar os alunos a se interessarem pelo ensino de forma geral”.

CAPÍTULO 1 ANTISSEMITISMO NAZISTA

O Partido Nazista foi criado em 1919 após a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e à Revolução Alemã de 1918. Até então o seu nome era Partido dos Trabalhadores Alemães e servia como um conglomerado de ex-militares e veteranos de guerra. Apenas em 1920 com Hitler no comando do partido denominação é alterada para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

O Partido tinha como base o nacionalismo, antissemitismo, antimarxismo, oposição ao Tratado de Versalhes, o bem-estar da nação ariana como um todo e o uso da violência, uma vez que através dela, na percepção deles, a Alemanha voltaria a ser grande novamente. (MANN, 2008). Ainda na visão do partido, seria necessário derrubar a democracia de Weimar, destruir o marxismo, remover raças consideradas inferiores. Com isso pode-se observar que o Partido estava dedicado a travar guerras, sejam elas internas ou externas.

Em 1923 o partido foi dissolvido devido a uma tentativa fracassada de Golpe de Estado no qual Hitler buscou aplicar contra o governo da Baviera. Essa investida levaria a prisão de Hitler. Apesar de ser condenado a cinco anos ele permaneceu apenas nove meses preso, tendo dedicado esse tempo para ditar para seus companheiros o seu manifesto político, o *Mein Kampf* (HITLER, 2016), que havia sido escrito por Emil Maurice e Rudolf Heß, integrantes do Partido que também estavam sob custódia.

Em 27 de fevereiro de 1925 Hitler recriou o Partido Nazista. Ele havia decidido que assumiria o poder pela “legalidade” e não mais através da força. Para Richard Bessel (2014) o Partido havia deixado de ser um movimento de veteranos dispostos a praticar a violência, para se tornar uma associação política disciplinada e dedicada ao jogo parlamentar a qual teria como objetivo, entre outros, destruir a democracia.

Adolf Hitler chegou ao poder da Alemanha em 1933 colocando o país sob o domínio do Partido Nazista até o ano de 1945. Esse domínio teve como norte a alegada supremacia da raça ariana e a ambição de levar à extinção das raças consideradas inferiores, como judeus e pessoas com algum tipo de deficiência. Para se manter no poder com essas premissas o Partido Nazista empenhou-se no sentido de reformar todo o sistema político e o sistema educacional, tanto institucional quanto familiar, de todo país.

Muitas das reformas educacionais aconteceram sob o amparo de falsas teorias científicas e na criação de revistas ideológicas para os meninos da Juventude Hitlerista (*HitlerJugend*) e para as meninas da Liga das Moças Alemãs (*Bund Deutscher Mädel*) com edições mensais, bem como a reformulação de todos os livros do ensino escolar básico da Alemanha. Essas instituições para a juventude tinham o objetivo de introduzir ainda mais o pensamento nazista na cabeça desses jovens para que eles formassem uma ampla gama de seguidores fiéis aos ideais do *Führer*.

Entre os instrumentos e recursos então adotados visando a educação, ma das ferramentas consistiu na utilização de imagens e fotografias, objetivando a fácil compreensão dos jovens. As imagens ilustravam estereótipos das raças apontadas como inferiores, padrão de como um ariano deveria ser e até mesmo o aprendizado do idioma realizado através de símbolos, tais como armas, bandeiras nazistas e suásticas.

Em seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta), Hitler (2016) propôs uma reformulação no ensino de História, propondo que “sobretudo nos métodos atuais de ensinar história, deve-se proceder a modificação racial.” (2016, p. 317) Ele acreditava que a forma de se ensinar história era exaustiva e que os alunos não iriam aproveitar o que se aprendeu em sala. Para ele o ensino histórico deveria ser voltado para “a parte mais importante, que é o conhecimento das linhas gerais da evolução” (2016, p. 318). Ele acreditava que quanto mais restringir a História apenas ao foco da evolução, mais proveito desses conhecimentos os alunos iriam tirar pois ainda na ideia de Hitler “não se estuda História somente para saber o que aconteceu, mas para que ela possa orientar o futuro da nação”. (2016, p. 318).

Hitler acreditava que deveria haver uma diferença entre a educação geral e a especializada. A geral é a educação que deveria ser aplicada a todos estudantes enquanto a especializada era para quem quisesse lecionar. No âmbito da História ele acreditava que o ensino geral deveria ser uma base para as linhas gerais da evolução enquanto o especializado deveria se atentar em estudar as noções necessárias para que lhe proporcione atitudes em face dos acontecimentos políticos da nação.

Em resumo, para Hitler:

o Estado nacionalista racista deve resumir o ensino intelectual, reduzindo-o ao que é essencial. Só depois disso é que se oferecerá a possibilidade de uma especializada de bases sólidas. A educação geral, destinada a todos, deve ser obrigatória. O resto deve ficar ao arbítrio dos indivíduos. (HITLER, 2016, p. 318)

Há uma diminuição da carga horária escolar, as horas que sobraram deveriam ser aproveitadas pelos jovens para as atividades físicas e criação do senso de dever e pátria nos acampamentos para a juventude. Além da redução de horas, Hitler propunha que a educação deveria cada vez mais atender exigências profissionais da época, assim o ensino geral serviria de base para as especializações profissionais futuras. Segundo o mesmo “o jovem deve ser de futuro uma unidade útil na sociedade humana”. (2016, p. 319)

Hitler tinha certa ideia voltada para o campo da História, percebe-se que há um favorecimento da História Antiga enquanto matéria escolar. Pois nas suas ideias:

Não se deve afastar o estudo da história antiga, pois a história romana bem apreciada nas suas linhas gerais, é e será sempre a melhor mestra não só para o presente como para o futuro. O ideal da cultura helênica, na sua típica beleza, deve ser aproveitado. (HITLER, 2016, p. 319)

Com essa visão sobre o ensino de história várias mudanças foram operadas nos conteúdos ministrados, conforme pontua Hannsjoachim Wolfgang Koch (1973, p. 98) “a História também foi matéria seriamente atingida. Todos os livros da disciplina foram submetidos a rigorosa revisão.” Nesse âmbito a História passou a ser ensinada com um viés para a orientação da sobrevivência da nação alemã no futuro, pois para Hitler (2016, p.319) “a luta que hoje se agita tem o grande objetivo de, ligando sua existência ao passado milenar, unificar o mundo greco-romano com germânico.” A História agora seria orientada pela experiência política da atual sociedade alemã, na qual pregava a sobrevivência e a superioridade de uma raça sobre as demais. De acordo com Evans (2011, p. 348):

Em 30 de julho de 1933 um decreto central dispôs as ‘Diretrizes para Livros Didáticos de História’, segundo as quais as aulas de história dali em diante deveriam ser montadas em torno do ‘conceito de heroísmo em sua forma alemã, ligado à ideia de liderança’. Em breve os estudantes estavam às voltas com redações sobre tópicos como ‘Hitler: o realizador da unidade alemã’, ‘a revolução nacionalista como o começo de uma nova era’.

A História vai ter como sua principal base de sustentação o ensino das grandes figuras germânicas que fossem consideradas de sangue puro germano, excluindo aqueles que não se enquadrassem nessa categoria. Pois para Hitler (2016) o sangue germano em determinadas regiões por se ter conservado mais puro e sem mistura; ali continuará imperar, enquanto não se deixar vitimar pelo pecado da mistura do sangue. Tendo em vista a ideia de dominação de uma raça pelo sangue o Estado deveria se esforçar para reduzir o ensino intelectual apenas aos aspectos considerados necessários. Conforme proposto por Hitler:

O Estado nacionalista deve ver na ciência um meio de aumentar o orgulho nacional. Tanto a história universal quanto a história da civilização devem ser ensinadas sob esse aspecto. Um inventor deve ser visto não só porque é inventor, mas também porque é um dos nossos compatriotas. A admiração por todas as grandes ações deve ser combinada ao orgulho por ser seu executor um membro da nossa pátria. Devemos selecionar as maiores figuras da massa dos grandes nomes da nossa história e pô-las diante da juventude de modo tão impressionante que elas possam servir de colunas mestras de um inabalável sentimento nacionalista. (HITLER, 2016, p.321).

Os jovens ao saírem da escola não deveriam se tornar pacifistas, mas sim nacionalistas como o exemplo daqueles apontados como os verdadeiros alemães que aprenderam a conhecer e a admirar nas escolas. Dentro dessa lógica era tarefa do Estado nacionalista preservar, e preparar, a forte convicção de quem ama o seu povo e está preparado para manter a superioridade de sua raça. Hitler (2016) destacava que nenhum jovem deveria abandonar a escola sem estar convencido da necessidade de manter a pureza da raça.

Evans escreve que:

O objetivo da história era ensinar as pessoas que a vida sempre era dominada pela luta, que raça e sangue eram centrais em todos os acontecimentos do passado, presente e futuro, e que a liderança determinava o destino dos povos. (EVANS, 2011, p. 350).

Laurence Rees transcreveu uma carta de 1919 de Adolf Hitler na qual ele indicava quais seriam os causadores, na sua percepção, da situação crítica que a Alemanha estava vivenciando:

Existe, vivendo entre nós uma raça não alemã, estrangeira, que não se dispõe e não é capaz de abrir mão de suas características [...] E que mesmo assim desfruta de todos os direitos políticos de que nós dispomos [...] Tudo o que leva os homens a se esforçarem para obter coisas mais elevadas, como a religião, o socialismo ou a democracia, é para ele apenas um meio para um fim, para satisfazer sua cobiça por dinheiro e poder. Suas atividades produzem uma tuberculose racial entre as nações. (REES, 2018, p.9)

Essa ideia era algo muito habitual na Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial e o período entre guerras. Apesar de atualmente Hitler ser reconhecido pelo seu ódio extremo aos judeus, ele não criou a ideia do antissemitismo, ele chegou a essa visão após a leitura de várias fontes, conversas com Alfred Rosenberg o autor do *Der Mythos des XX Jahrhunderts* (O Mito do Século XX) e a leitura de Houston Chamberlain, autor do livro *Die Grundlagen des XIX Jahrhunderts* (Os Alicerces do século XIX), entre outras influências que devem ter lhe inspirado tais ideias.

Baseado no Darwinismo Social⁵ Hitler acreditava que a sobrevivência de uma raça dependeria da sua luta e dominação das raças propostas como inferiores. A noção que haveria uma raça ariana superior foi tirada do *Ensaio Sobre as Desigualdades das Raças* de Arhur de Gobineau conforme pontua Rees:

Gobineau acreditava também que todas as “civilizações” europeias – incluindo a das “raças germânicas” – haviam sido criadas, “pelo menos em parte”, por um grupo chamado de “arianos”, que havia migrado da Índia para a Europa. (REES, 2018, p.13)

Alfred Rosemberg contribuiu para o pensamento de Hitler com a questão do “bolchevismo judaico”, ideia na qual junta a percepção anticomunista com o antissemitismo. Para Jürgen Matthäus e Frank Bajohr, Rosemberg interpretava:

“Humanidade” como execução violenta de “verdades” históricas e baseadas em leis da natureza e propagava continuamente o extermínio do “inimigo mundial judaico-bolchevique”, que sob circunstâncias de guerra era ainda mais imperioso; além disso incentivava o uso novos métodos, até então não testados. (BAJOHR; MATTHÄUS, 2017, p.47)

Rees sintetiza o pensamento de Houston Chamberlain:

Chamberlain argumentava que, enquanto os arianos representavam o ideal mais fundamental, os judeus representavam justamente o inverso. [...]No entanto, como apenas os judeus e a raça alemã haviam conseguido se manter “puros”, concluía-se que essas duas “raças” – a ariana e a judaica – estavam envolvidas em uma intensa luta pela supremacia. (RESS, 2018, p.13).

Com esse tipo de pensamento foi obtido a ideia de um sistema dicotômico no qual a “raça” teria a sua “contrarraça” e tem que haver a vitória de uma sobre a outra. Para o Partido Nazista, a raça ariana, deveria dominar as demais, principalmente a sua “contrarraça” os judeus.

⁵ A teoria Darwinismo Social pode ser definida como a aplicação das leis da teoria da seleção natural de Darwin na vida e nas sociedades humanas. O darwinismo social considera que os seres humanos, são, por natureza desiguais, ou seja, alguns superiores outros inferiores. Nesse conjunto de ideia a vida na sociedade é uma luta “natural” pela vida, os mais aptos vencem e os menos aptos perdem. Conforme pontua Bolsanello, pode-se observar que o darwinismo social era ideológico e estava relacionado a uma defesa da sociedade capitalista. Sendo vinculado com teorias racistas e eugenistas.

CAPÍTULO 2

DER STÜRMER E DER GIFTPI LZ

Para que houvesse uma maior circulação das ideias do Partido Nazista foi criado o jornal semanal o *Der Stürmer* (O Atacante). O periódico foi fundado por Julius Streicher em 1923 e foi um dos meios de propaganda de maior alcance do Partido Nazista. Com o seu slogan "Os judeus são o nosso infortúnio" exibido em todas as primeiras páginas, ele deu uma contribuição significativa para a disseminação do antissemitismo⁶. Além de um alcance nacional o jornal era direcionado a um determinado público e com a sua estrutura criada para a compreensão do mesmo, conforme pontua Vinícius Liebel:

O estilo do jornal pode ser classificado como "popular", ou seja, era voltado às camadas menos privilegiadas da população, especialmente aos trabalhadores: pequenos artigos e um grande número de ilustrações compunham as páginas do semanário, além da linguagem direta e plena de violência. (LIEBEL, 2016, p. 386)

As charges da capa encenavam principalmente supostos crimes violentos de judeus, como assassinatos de crianças sendo mostrados com particular frequência e encenados para um falso esclarecimento com manchetes impactantes como: "plano de assassinato judaico contra a humanidade não-judaica descoberto". O periódico contribuía assim para criar a falsa imagem de que o povo judeu seria o culpado pelos problemas que assolavam a Alemanha na época.

Pois conforme pontua Liebel (2016, p. 384) o chargista toma uma personalidade ou um fato relevante social e politicamente e o apresenta a partir de seu próprio olhar.

Conforme pode ser observado na Figura 1, que é a edição do jornal de 1934.

⁶ Conforme é apontado pelo Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos: Durante a década de 1930, os alemães podiam encontrar *Der Stürmer* nas calçadas e esquinas de toda a Alemanha. Streicher montou várias vitrines para promover sua propaganda antissemita e aumentar a circulação.

Figura 1 – O Atacante

Preis 30 Pfennig

Der Stürmer

antisches Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit
HERAUSGEBER: JULIUS STREICHER

Sonder- Nummer 1	Nürnberg, im Mai 1934	21. Jahr 1934
---------------------	-----------------------	------------------

Jüdischer Mordplan

gegen die nichtjüdische Menschheit aufgedeckt

Das Mördervolk

Die Juden haben in den letzten Jahren in einem beispiellosen Ausmaß die Welt in einen Zustand der Verwirrung und des Schreckens versetzt. Sie haben die Menschheit durch ihre Verbrechen in den Abgrund der Barbarei gestoßen. Sie haben die Menschheit durch ihre Verbrechen in den Abgrund der Barbarei gestoßen. Sie haben die Menschheit durch ihre Verbrechen in den Abgrund der Barbarei gestoßen.

Judenopfer



Durch die Judenthatsachen vergeht der Tod, geheimes Mord folgend, Menschheit
Der Tod ist uns heute noch im Leben, er liegt an Euch die Erschießung zu passen

Die Juden sind unser Unglück!

Fonte: STREICHER, Julius. Der Stürmer. Nuremberg: Stürmerverglag, 1934.
 Disponível em: <https://www.slub-dresden.de/besuchen/ausstellungen-corty-galerie/archiv-der-ausstellungen/ausstellungen-2020/schmaehung-provokation-stigma-medien-und-formen-der-herabsetzung/stereotype-stigmata/der-der-giftpilz-stigmatisierung-und-hass-als-lernziel>.
 Acesso em: 09 mai. 2022

A respeito do cartum desenhado no jornal há dois homens desenhados, a partir do conceito da caricatura, representando os judeus. Um deles segura uma faca manchada de sangue enquanto outro segura um prato para recolher o sangue das crianças que eles estão matando. As crianças foram desenhadas no céu, fazendo alusão religiosa aos anjos. Enquanto no fundo há três cruzeiras, uma delas com uma túnica. Podendo representar o Calvário, local que Cristo foi crucificado. Aqui o autor quis evocar a ideia de que o povo judeu praticava magia em rituais religiosos. Abaixo está escrito “os judeus são nosso infortúnio”.

Com isso, o *Der Stürmer* criou um padrão de percepção segundo o qual haveria uma constante ameaça dos judeus tornando os alemães vítimas e que eles teriam o dever de se defender com todos os meios. É em tal contexto e em visando reforçar tais estereótipos, que obras tais como o livro infantil antissemita *Der Giftpilz* (O Cogumelo Venenoso) contribuía naquele processo de estigmatização, difamação e desumanização dos cidadãos judeus. Essas caricaturas poderiam ser representadas a fim de evocar certas emoções conforme o contexto em que ela está sendo inserida. Liebel escreve que:

As formas de representação do elemento judeu nas charges eram variadas, assim como os temas nelas abordados. O horror, elo que unia as representações e os textos do jornal, podia andar de mãos dadas com o humor para atingir o alvo das críticas, que muitas vezes eram dirigidas a múltiplas instituições e grupos sociais, sem que com isso perdessem a invariabilidade do judeu como seu ponto central. (LIEBEL, 2016, p.286)

O livro *Der Giftpilz* foi publicado pela editora *Stürmer* em 1938, ao passo que as imagens foram assinadas pelo cartunista Fips, pseudônimo de Philipp Rupprecht.⁷ Ele foi o responsável pela parte gráfica do livro pois já havia feito uma quantidade grande de caricaturas estereotipadas dos judeus, sempre com o mesmo estilo malicioso. Esse personagem da coleção de caricaturas recebeu o nome de “*Stürmer-Juden*” (Schwarz, 2010). Esse estilo de desenho já estava presente na Alemanha desde os tempos do Império Alemão e em ideias antissemitas da República de Weimar (Schleicher, 2009). O que Fips fez foi aperfeiçoar a técnica e criar um grande acervo entre 1925 e 1945 com base nas convenções representacionais fisionômicas do antissemitismo (Schäfer, 2005).

⁷ Phillip Rupprecht nasceu em Nuremberg, Alemanha e serviu na marinha alemã na Primeira Guerra Mundial. De acordo com Bridges (1997); Fips entrou para o *Der Stürmer* em 1925 como cartunista e suas ilustrações tornam-se sinônimos do jornal. Ele desenhou milhares de revoltantes caricaturas antijudaicas, geralmente gordas, feias, barba por fazer, babando, sexualmente pervertidos, nariz torto e olhos de porco. Goebbels via as caricaturas como engraçadas, Hitler via o humor como uma arma para os nacional-socialistas.

As imagens utilizadas nos livros e nos jornais seguem um modelo de produção subjetiva, já que se trata de desenhos e caricatura:

[...] o artista/produtor retratador trabalha com base em uma imagem “virtual” do retratado e em uma concepção unilateral idealizada das estruturas mentais e praxiologias que cercam o retratado – não há uma interação direta entre os dois produtores, mas uma interpretação do produtor retratado através da ação do retratador. (LIEBEL, 2016, p. 383)

Essas caricaturas tenderam a seguir o esquema de uma “imagem distorcida padrão que vai destilar todas as atribuições negativas em características externas” (Linsler, 2015, p.478). E para Liebel:

O retratado pode, em verdade, sequer existir no plano real; pode ser um personagem imaginário, alegórico ou representativo de uma personalidade ou de um grupo social. (LIEBEL, 2017, p.87)

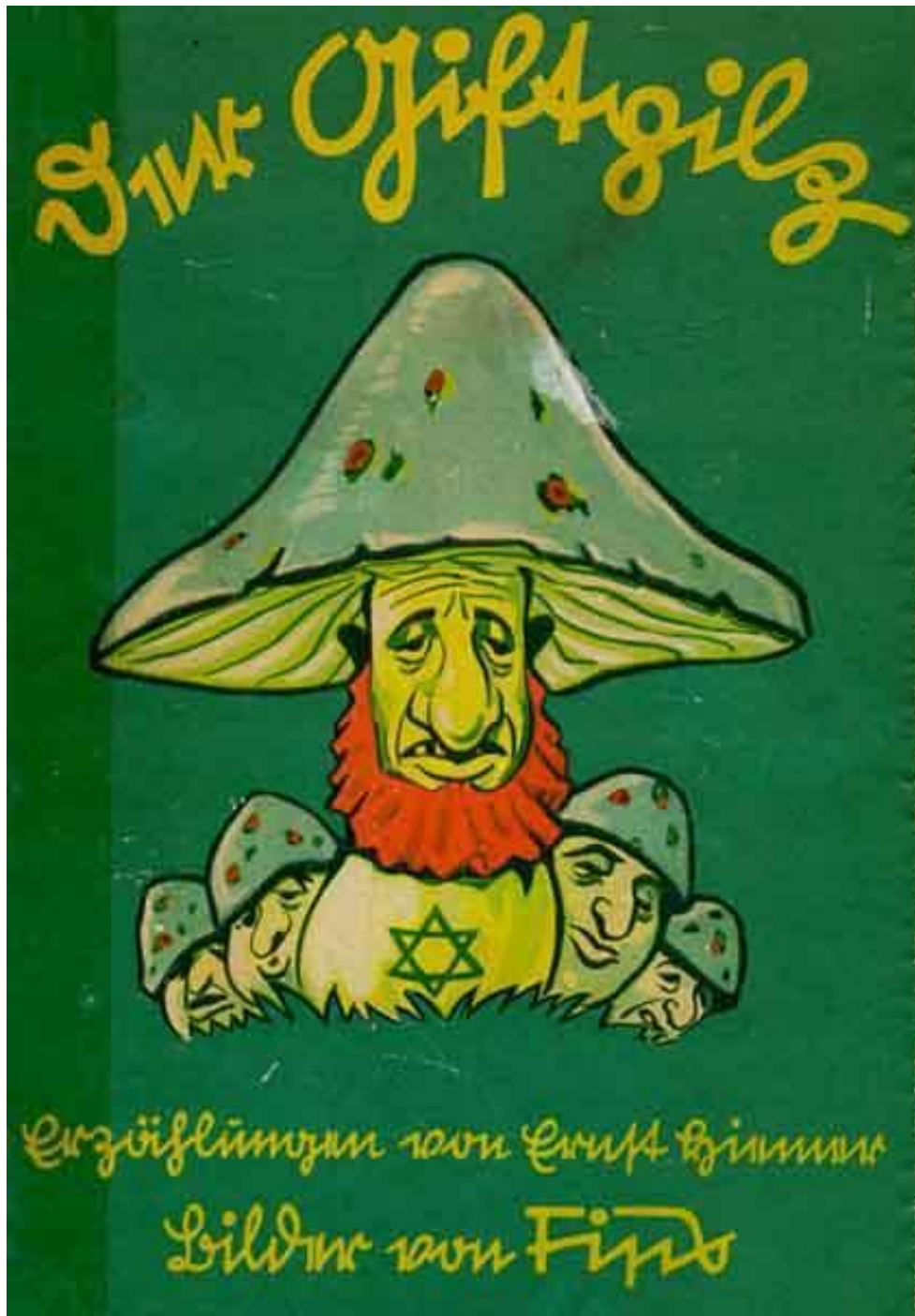
O sucesso das figuras criadas por Fips foi tão grande que elas se tornaram algo assim como uma marca registrada do *Der Stürmer* e proporcionaram uma espécie de padrão para a caricatura antissemita do judeu, que, a partir de então, tendeu a ser representado como um homem gordo, com nariz longo e curvado, olhos salientes, rosto quase todo barbado, pernas tortas e ganancioso (ZELNHEFER, 2008). Esse tipo de imagem distorcida serve para uma análise mais completa do contexto em que a figura foi desenhada. Para Peter Burke a arte pode evidenciar aspectos da realidade social que os textos acabam não conseguindo aprofundar. Porém, a arte de representação é quase sempre menos realista e pode haver distorção da realidade, que se não for considerada, pode levar a uma análise equivocada do período. Com uma análise que leva em consideração a intenção dos autores das imagens, pode-se compreender ainda melhor o contexto social em que ela está inserida, conforme pontua Burke:

O processo de distorção é, ele próprio, evidência de fenômenos que muitos historiadores desejam estudar, tais como mentalidades, ideologias e identidades. A imagem material ou literal é uma boa evidência da “imagem” mental ou metafórica do eu ou dos outros. (BURKE, 2004, p.37)

Isso pode ser observado nas imagens a seguir, iniciando por aquela que representa a capa do livro (Figura 2). Nela temos 5 cogumelos com rostos do estereótipo judeu promovido pela Alemanha Nazista. Os cogumelos desenhados têm o formato parecido com o *Amanita phalloides*, um dos cogumelos mais venenosos do mundo. Até a “barba” da figura que se encontra no meio se assemelha com um anel distintivo que essa espécie de cogumelo possui. Os rostos dessas figuras apresentavam um nariz grande, orelhas alargadas para fora e rostos tristes. Além de

conter uma tipologia mais complexa, pois de acordo com Raimés & Bhaskaran (2007) a propaganda alemã se valia do estilo gótico *Blackletter* para que haja uma certa identificação do grupo. Os elementos textuais trazem o nome do livro no topo *Der Giftpilz* e embaixo da imagem há um subtítulo que se faz incompreensível tanto pela tipologia utilizada quanto pelo idioma que foi escrito.

Figura 2 – O cogumelo venenoso



Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmeverlag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

A primeira ilustração que o livro apresentava é um menino colhendo cogumelos em uma floresta com sua mãe (Figura 3). A mãe adverte o filho que assim como muitas vezes é difícil distinguir um cogumelo venenoso de um cogumelo comestível, também costuma ser muito difícil reconhecer o judeu como um vigarista e criminoso. (HITLER, 2016).

Essa é a fala introdutória do livro, que já nos remete ao objetivo central da obra que é ensinar a diferenciar o cogumelo então apresentado como bom, o ariano, do cogumelo proposto como venenoso, o judeu. Saber quem era judeu era um papel de extrema importância para a juventude alemã, pois para Hitler (2016, p. 212) “o papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria. Somente um débil de nascença poderá ver nisso uma crueldade.”

Um ponto importante a ser destacado é que no fundo da imagem há uma floresta, porém, a mãe e o menino estão colhendo cogumelos em um campo a frente da floresta pois, segundo as proposições de Hitler (2016) os judeus não teriam nenhum limite territorial pois a formação de um Estado precisa ter uma noção idealista de raça. Por isso para Hitler o povo judeu permaneceria sem nenhuma cultura verdadeira e apresentaria apenas uma pseudocivilização com patrimônio de outros povos, criando assim uma analogia com os cogumelos venenosos que intoxicam campos saudáveis.

Na imagem, Percebe-se que o menino entrega para sua mãe um cogumelo da mesma espécie representada na capa, *Amanita phalloides*, e a mãe está apontando para o cogumelo e advertindo o filho que aquele é venoso, mas que não é culpa dele não saber, pois assim como é difícil saber quem são as pessoas venenosas, no caso da obra representada são os judeus, é difícil saber separar qual cogumelo é venenoso.

Figura 3 – O cogumelo venenoso



„Wie die Giftpilze oft schwer von den guten Pilzen zu unterscheiden sind, so ist es oft sehr schwer, die Juden als Gauner und Verbrecher zu erkennen...“

Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmeverlag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

A próxima imagem do livro (Figura 4) apresenta um ambiente escolar e com a seguinte legenda: “como reconhecer um judeu. O seu nariz é dobrado como um seis.” Pelos desenhos do quadro negro pode-se perceber que o professor está mostrando para os alunos vários estereótipos judeus para que os alunos consigam identificá-los. Observa-se na imagem um desenho de um rosto com as orelhas salientes, lábios grossos, nariz que se assemelha ao formato de um número seis, careca e rosto redondo. Há também um desenho de um corpo com o rosto com as mesmas características e uma corcunda, além de uma estrela de Davi.

A aula que está sendo representada na figura é a de Ciências das Raças. Essa matéria de acordo com os nazistas tinha o intuito de difundir e reforçar o pensamento ariano de raça superior em meio aos alunos e ensiná-los a distinguir a raça dita superior daquelas indicadas como raças inferiores. Conforme pontua Michaud:

Eram nas aulas de ciência racial que os alunos iniciavam-se realmente no que lhes era racialmente estranho. Embora os novos manuais de *Rassenkunde* (ciência das raças), assim como inúmeras brochuras, refletissem as múltiplas e contraditórias concepções que os ideólogos nazistas tinham das noções de povo, ou de nação, possuíam em comum incitar o próprio aluno a reconstruir o mito racial pela imagem e pelo texto (MICHAUD, 1996, p. 293).

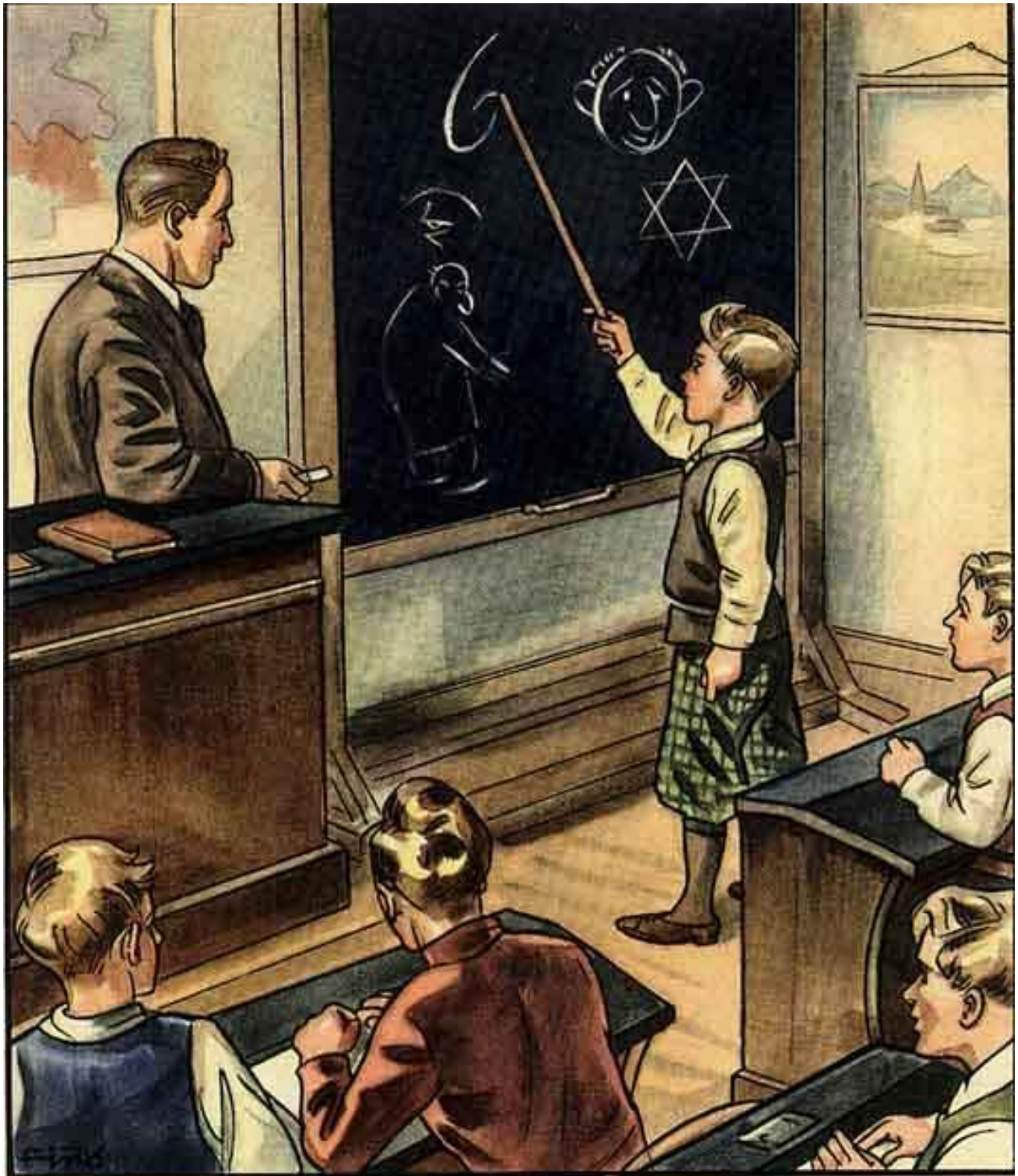
Pela imagem percebe-se que o intuito dessa aula era de ensinar os alunos a reconhecerem as raças propostas como inferiores e a se identificar dentro de uma raça pretensamente superior, pois para Hitler:

O trabalho de educação coletiva do Estado nacionalista deve ser coroado com o despertar do sentido e do sentimento da raça, que deve penetrar no coração e no cérebro da juventude que lhe foi confiada. Nenhum rapaz ou rapariga deve abandonar a escola sem estar convencido da necessidade de manter a pureza da raça. (HITLER, 2011, p.322)

Outro ponto a ser observando na imagem é que há apenas meninos dentro da sala de aula, pois as meninas recebiam outro tipo de educação e em outras instituições, como as Ligas Femininas de educação. Pois além de conhecimento das matérias as meninas deveriam se dedicar as ginásticas, esportes e atividades maternas, conforme pontua Bleuel:

Para a futura mãe da nação faz-se imprescindível desde já, instituir um sadio sistema de educação corporal para a mocinha. O excessivo acúmulo de conhecimentos teóricos deve ser evitado em benefício do pleno conhecimento físico da adolescente. (BLEUEL, 1972, p. 177)

Figura 4 – Como reconhecer um Judeu



„Die Judennase ist an ihrer Spitze gebogen. Sie sieht aus wie ein Sechser...“

Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmeverlag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

Na Figura 5 há três judeus em primeiro plano e atrás há dois garotos de idade escolar, percebe-se pelos materiais que estão carregando. Com a tradução da legenda da imagem percebe-se que esses judeus são novos na cidade, pois ela diz: como os judeus vieram até nós: “olhe essas pessoas! Barbas infestadas de piolhos! Orelhas imundas e salientes!

Fazendo uma ligação entre a figura 4 e a figura 5 podemos compreender que os alunos estão saindo da sala de aula e colocando em prática aquilo que aprenderam em classe, pois de longe eles conseguem reconhecer os judeus. “Para a ideologia nazista a educação deveria impregnar cada pensamento para acostumar o aluno a distinguir o que era útil à sua raça e aquilo que a ameaçava” (MICHAUD, 1996, 293-294). A prática desses pensamentos era algo valorizado por Hitler (2006), para ele toda educação física e intelectual viria a ser inútil se não pudesse ser aproveitada por uma pessoa disposta e resolvida a manter o pensamento aprendido.

As próximas duas ilustrações do livro trazem uma temática com apelo religioso. A figura 6 se passa em uma sinagoga com um rabino e a figura 7 em uma igreja com um padre presente. Essas duas figuras vão representar os judeus que seguem o Talmude a outra os judeus batizados.

A figura 6 traz uma legenda que é do rabino falando para o jovem que “No Talmud está escrito: ‘Somente o judeu é humano. Os povos gentios não são chamados de humanos, mas de animais.’ Já que nós judeus vemos os gentios como animais, nós os chamamos de Goy”. O uso dessa frase como legenda e como citação do rabino sobre o Talmud foi bem tendencioso, pensado para criar uma justificativa ao ódio aos judeus e do porquê de eles terem que ser excluídos dos demais.

Figura 5 – Como os Judeus chegaram?



„Schau nur diese Kerle an! Diese verlausten Bärte! Diese schmutzigen, wegstehenden Ohren...“

Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmerverlag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

Com essa legenda e a ajuda da ilustração pode-se deduzir que o garoto está em fase escolar e que está aprendendo as escrituras sagradas. Dentro da imagem há um menorá, um púlpito com uma estrela de Davi e um pergaminhos de escritura aberto no fundo, conclui-se que estão dentro de uma sinagoga. O texto que acompanha a imagem na página ao lado pontua que é uma sinagoga e o jovem está indo visitar o rabino pois é um dia livre de escola e ele está tentando entender o porquê do comportamento dos gentios em relação a ele.

O que chama atenção para a imagem é o uso de tons escuros ao fundo e o menorá aceso, trazendo a impressão que a sinagoga é um lugar sombrio e a imagem evoca uma certa sensação de sujeira devido as manchas na parede. Além dos dois representarem o estereótipo das características dos judeus.

Figura 6 – O que é o Talmud?



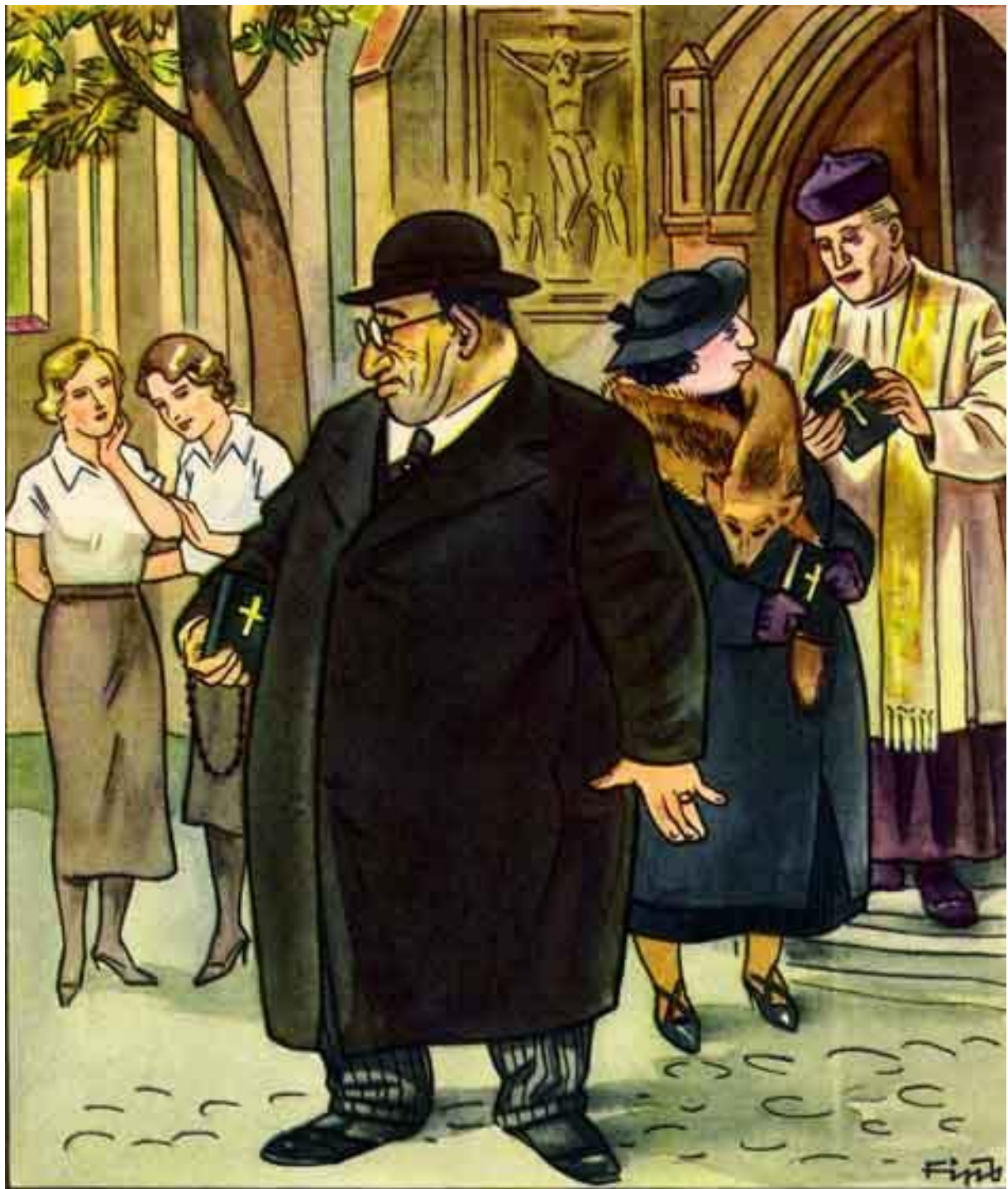
„Im Talmud steht geschrieben: ‚Nur der Jude allein ist Mensch. Die nichtjüdischen Völker werden nicht Menschen genannt, sie werden als Vieh bezeichnet.‘ Und weil wir Juden den Nichtjuden als Vieh betrachten, sagen wir zu ihm nur Goy.“

Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmeverlag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

Já a figura 7 se apresenta em um ambiente católico, provavelmente pós-missa. A imagem mostra um homem com a caricatura do judeu e um tom de pele mais amarelado, indicando provável doença ou sujeira. As outras pessoas da figura evidenciam um tom totalmente branco, a mulher que está tomando a bênção final do padre está com vestimentas de uma elite financeira e segura uma bíblia na mão. O judeu em destaque também está segurando uma Bíblia e um terço. No fundo há uma figura dourada de Jesus Cristo crucificado e duas alemãs com vestimentas iguais, provavelmente fazem parte do mesmo grupo de oração. Elas estão comentando sobre sua aparência e ressaltam que o batismo não faz diferença, pois segundo a legenda: eles serão judeus da mesma forma.

Outro ponto a se atentar é que a clareza dessa imagem trazendo à luminosidade de um ambiente externo, pois a coloração da parte interna da igreja remete à escuridão. Talvez para demonstrar a relação ambígua do nazismo com a Igreja católica, afinal Jesus era judeu.

Figura 7 – Por que os Judeus se batizam?



„Die Taufe hat aus ihm keinen Nichtjuden gemacht...“

Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmervelag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

Nas duas próximas imagens do livro há uma mudança de cenário para a área rural. Na figura 8 podemos ver uma criança que afirma ao seu pai que: “quando tiver a sua própria terra não irá permitir a entrada de judeus”. No fundo há uma caricatura do judeu conversando com dois camponeses alemães. Pelo texto complementar que se tem ao lado da página é possível saber que o judeu enganou os dois alemães e os obrigou a venderem seu terreno.

Dentro da ótica nazista, o povo judeu não teria interesse em comprar a terra para plantar, mas sim para explorar o camponês alemão, conforme escreveu Hitler:

Como o judeu nunca cultivava a terra, que para ele representa um fundo de exploração, o camponês deve ficar vivendo ali, entretanto tão miseravelmente oprimido por seu novo senhor, que a aversão contra esse povo vai pouco a pouco se convertendo em ódio. (HITLER, 2016, p. 229)

O antissemitismo rural aparece no slogan de propaganda “*Blut und Boden*” (Sangue e Solo). O antissemitismo rural pode aparecer como uma disputa de vivências também, pois para Mann (2008, p. 256) “os judeus representavam um símbolo exótico conveniente para as verdadeiras queixas dos agricultores contra um mundo urbano cosmopolita pelo qual se julgavam oprimidos.

A importância de se retratar um ambiente agrícola no qual se tem uma criança realizando o trabalho com o seu pai é para ressaltar o pensamento nazista acerca do *Volksgemeinschaft* (comunidade nacional), ou seja, um país sem distinção de classes, apenas uma grande comunidade que se ajuda. Já a figura 9 mostra o interior de uma propriedade rural. Sabe-se que se passa no campo devido a legenda inserida na imagem. “Como os comerciantes judeus trapaceiam: Agricultora, tenho algo especial para você hoje. Olha esse material! Você pode fazer um vestido que vai fazer você parecer uma baronesa, uma condessa, uma rainha...”

Essa legenda consegue evocar um pensamento de Hitler:

Cada calúnia, cada mentira dos judeus contra um de nós, deve ser vista como uma honrosa. Quanto mais eles nos difamarem, mais nos aproximaremos um dos outros. Os que nos votam ódio mais mortal são justamente os nossos melhores amigos. (HITLER, 2016, p.258)

Figura 8 – Como um camponês foi expulso?



„Du, Vater, wenn ich einmal einen Bauernhof habe, dann darf ein Jude überhaupt nicht in mein Haus herein...“

Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmeverlag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

Figura 9 – O Judeu trapaceiro



„Hofbäuerin, heut' hab' ich für dich was Besonderes. Schau diesen Stoff an! Das gibt ein Kleid für dich, Hofbäuerin, ein Kleid, du wirst darin aussehen wie eine Baronin, wie eine Fürstin, wie eine Königin...“

Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmeverlag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

Na Figura 10 o judeu é representado como um médico, e pode-se observar que sua paciente é uma mulher, branca e loira, o que demonstra o ideal da raça ariana. A porta entreaberta e a escuridão por trás, não aparecendo o consultório, representa uma desconfiança sobre as intenções do médico judeu, como se ele tivesse algo a esconder e não fosse confiável. A frase na legenda da imagem é traduzida para “dois olhos criminosos brilharam por trás dos óculos e os lábios gordos sorriram”. O texto de apoio da próxima página mostra um pequeno verso que era entoado pela Liga das Meninas Alemãs:

O diabo, era ele
 Quem mandou o médico judeu para a Alemanha.
 Como um demônio ele contamina
 A mulher alemã, a honra da Alemanha.
 O povo alemão, eles não serão sadios
 A menos que muito em breve o caminho seja encontrado
 Para a cura alemã, maneiras alemãs,
 Aos médicos alemães nos dias futuros. (STREICHER, 1938)

O texto e a imagem tentam convencer que o povo judeu seria capaz de produzir danos, ao longo prazo, exercendo trabalhos livres na sociedade alemã. Hitler enxergava a necessidade de o judeu trabalhar para os alemães e não com os alemães, pois ele acreditava que o dever do povo ariano era conquistar e submeter os homens inferiores e regular sob o seu comando atividades práticas dessas raças para o seu próprio fim fazendo não só com que os inferiores tivessem trabalho útil para os objetivos da raça ariana, mas também criando um tempo de liberdade para os arianos. (HITLER, 2006)

O desenho em questão pode também ser associado às seguintes proposições de Hitler:

O judeuzinho de cabelos negros espreita, horas e horas, com um prazer satânico, a menina inocente que ele macula com o seu sangue, roubando-a ao seu povo. Não há meios que ele não empregue para estragar os fundamentos raciais do povo que ele se propões a vencer. Do mesmo modo que, segundo um plano traçado, vai corrompendo mulheres e mocinhas, também não recua diante do rompimento de barreiras impostas pelo sangue, empreendendo essa obra em grande escala no país estranho. (HITLER, 2016, p. 240)

Figura 10 – Inge vai ao médico



Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmerverlag, 1938.

Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.

Acesso em: 11 mai. 2022

A próxima figura apresenta dois judeus conversando nos corredores em uma instituição. Em um primeiro momento pensa-se que os judeus são professores e a imagem se passa em um ambiente escolar. Isso porque observa-se na cena uma mulher e uma criança sentadas ao fundo, olhando com expressão de aparente tristeza e leve espanto para os homens que figuram em primeiro plano.

A legenda da imagem diz “Bem, colega Morgenthau, fizemos um bom negócio hoje.” “Esplendido, colega Silberstein. Pegamos o dinheiro adorável das duas mulheres Goy e podemos colocá-lo em nossos próprios bolsos.” Reafirmava-se assim a imagem dos homens como golpistas, que queriam se aproveitar da ingenuidade das mulheres alemãs e roubar seu dinheiro, uma mensagem que visava reforçar a ideia defendida por Hitler (2016), segundo a qual o judeu não é movido por outra coisa senão pelo egoísmo individual nu e cru. Com essa ideia em mente, o partido nazista propagava a ideia do judeu obcecado por dinheiro e mentiras.

Se valendo do pensamento de Schopenhauer, Hitler defendeu que:

Na vida do judeu, incorporado como parasita no meio de outras nações e de outros Estados, existe um traço característico [...] “O judeu é o grande mestre da mentira”. A vida impele o judeu para a mentira, a mentira incessante, da mesma maneira que obriga o homem do norte a vestir roupa quente. (HITLER, 2016, p.226)

O Partido Nazista acreditava que os judeus se estabeleciam completamente em uma sociedade a partir de trabalhos cotidianos e que para sobreviver e tomar o lugar dos moradores originais eles se valiam apenas de uma arma, a mentira. Conforme escreveu Hitler (2016, p.258) “o judeu mente sempre e que uma ou outra verdade é apenas o disfarce de uma falsidade e por isso sempre mentira. O judeu é o maior mestre da mentira e a mentira e a fraude são as únicas armas de sua luta.

Figura 11 – Os Judeus advogados



„Na, Herr Kollege Morgenthau, da haben wir beide wieder gemacht ein gutes Geschäft.“

„Großartig, Herr Kollege Silberstein! Nun haben wir die beiden Gofas gebracht um ihr schönes Geld, und wir können es stecken in unseren Sack.“

Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmeverlag, 1938.

Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.

Acesso em: 11 mai. 2022

Seguindo a ideia de que o judeu seria movido pelo egoísmo pessoal a imagem 12 apresenta a representação de um judeu banqueiro. Nela, pode-se observar que há a instituição econômica, sabe-se disso devido a inscrição *Börse*, que significa bolsa de valores, com várias silhuetas representando os judeus ao fundo. No centro da imagem, em primeiro plano há um uma figura masculina sentado sobre uma bolsa de dinheiro enquanto segura o talmude. A legenda da imagem traz o seguinte texto: “O Deus dos judeus é o dinheiro. Para ganhar dinheiro, ele comete os maiores crimes. Ele não descansará até que possa sentar-se em um enorme saco de dinheiro, até que se torne o rei do dinheiro”. Por isso da representação de uma coroa e do livro sagrado na imagem.

Para Hitler (2016, p.227) o judaísmo nunca foi uma religião, apenas um povo com características raciais bem definidas. Hitler ainda concluí para que o povo judeu pudesse ter progresso ele deveria ser avarento e roubar todas a culturas que ele infectasse.

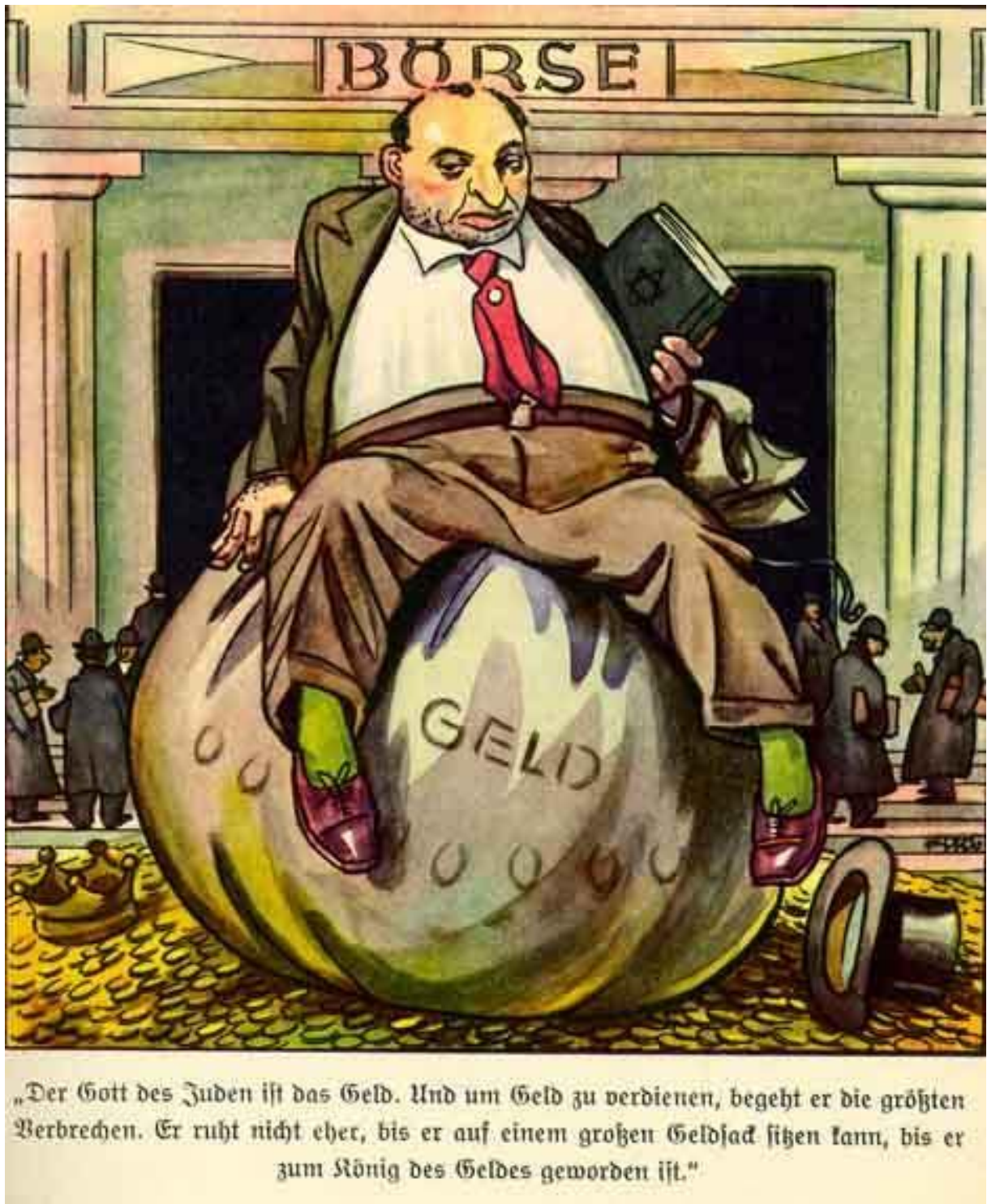
Em relação ao acúmulo de dinheiro o pensamento da época é que o Talmude não seria um livro de preparação para o outro mundo, mas sim para vida presente boa e suportável, incluindo riqueza de sobra. Com isso Hitler indicava que:

Assim, em pouco tempo, o judeu ameaça adquirir o monopólio do comércio. Começa com empréstimos de dinheiro, e, como sempre, com juros dos usuários. Na verdade, foi ele quem, por este meio, introduziu o juro [...] Considera o comércio e todos os negócios financeiros como seu privilégio pessoal que explora sem escrúpulo algum. (HITLER, 2016, p. 229)

Hitler e o autor da imagem pretendiam assim pontuar que o judeu fará de tudo para conseguir o acúmulo de riqueza adentrando a bolsa da própria Alemanha e tornando-se assim controlador da bolsa e das finanças de todo o país. Tais proposições eram acentuadas pelo texto de apoio apresentado para a imagem:

o judeu tem apenas uma ideia neste mundo;
É: Dinheiro, Dinheiro, Dinheiro!
Por todo tipo de truque e dispositivo
Para tornar-se imensuravelmente rico.
Que lhe importa o escárnio e o desprezo!
O dinheiro era e é o seu Deus!
Através do dinheiro ele espera dominar sobre nós,
E alcançar o domínio do mundo. (HIERMER, 1938)

Figura 12 – Dinheiro é o deus dos Judeus



Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmerverlag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

E como última ilustração do livro a figura 13 traz a imagem de um cartaz de Julius Streicher sendo observada por três meninos de idades diferentes, um seria integrante da *HitlerJugend*, o que é indicado por seu uniforme, no qual a suástica se faz presente, além de duas meninas da Liga das Moças Alemãs. E como última ilustração do livro, a figura 13 apresenta a imagem de um cartaz de Julius Streicher sendo observada por três meninos de idades diferentes, um seria integrante da *HitlerJugend*, o que é indicado por seu uniforme, no qual a suástica se faz presente, além de duas meninas da Liga das Moças Alemãs. Atrás, um senhor está atento às crianças. Há um foco em dois homens que, a partir das suas vestimentas, percebe-se que um deles é um soldado da SA, representado com um boné reto e uniforme na cor marrom. Há também um oficial da SS com quepe preto com insígnias pratas e uniforme preto.

O cartaz localizado no centro da cena informava que Julius Streicher faria comício com o propósito de demonstrar que o judeu seria um infortúnio na comunidade alemã. A legenda da imagem é uma frase de sua autoria: “Sem Resolver a Questão Judaica Não há Salvação para a Humanidade. Aquele que luta contra os Judeus luta contra o Diabo.”

Streicher era um antissemita convicto conforme escreve Rees:

Em outro discurso em 1922, Streicher disse que não deveria ser considerado crime se “um dia nos levantássemos e mandássemos os judeus para o inferno” e “pegássemos os bastardos por suas mentiras”.³⁴ Também alegou que os judeus demonstravam “desejar a desgraça da Alemanha” e que se “o povo [alemão] tivesse conhecido o conteúdo secreto dos tratados de guerra, teria matado todos os judeus”. Era óbvio para todos que se tratava de um indivíduo agressivo e potencialmente perigoso, obcecado pelo ódio aos judeus e às “raças” estrangeiras. Isso fez com que se tornasse o tipo ideal de homem que Hitler queria no Partido Nazista. (REES, 2018, p.27).

Embora fosse fácil falar para as crianças que elas são superiores que os demais, que existe um dever em destruir o povo judeu, há o problema que os judeus das propagandas e caricaturas nazistas eram extremamente estereotipados e distorcidos da realidade criando uma certa barreira de associação entre as crianças e o povo judeu.

Laurence Rees conclui que o livro *Der Giftpilz* poderia funcionar como um instrumento de persuasão perfeito se fosse utilizada habilidade pelo adulto responsável em ensinar aquela criança. Conforme propõe o autor:

Uma maneira que os professores acharam para contrabalancear essa desconexão entre os judeus da propaganda nazista e os de carne e osso que os alunos conheciam era enfatizar uma suposta natureza fraudadora dos

judeus. O exemplo mais deplorável disso era o livro infantil *Der Giftpilz* (“O Cogumelo Venenoso”) Os judeus, ao se mostrarem encantadores e solícitos, estariam revelando seu aspecto mais traiçoeiro – assim como, implicitamente, os cogumelos venenosos da floresta se mostrariam como os mais atraentes, embora na realidade fossem os mais danosos. Os judeus eram apresentados, portanto, como a antítese da “germanidade”. Os verdadeiros alemães não tinham necessidade de esconder sua natureza genuína, enquanto os judeus se sentiam obrigados a esconder sua duplicidade. Enquanto os alunos “arianos” eram “alguém especial”, os judeus eram uma coisa venenosa. (REES, 2018, p.86).

Figura 13 – Nosso herói Julius Streicher



Fonte: ERNST, Hiemer. Der Giftpilz. Nuremberg: Stürmeverlag, 1938.
Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/thumb.htm>.
Acesso em: 11 mai. 2022

CAPÍTULO 3

TRAU KEINEM FUCHS AUF GRÜNER HEID UND KEINEM JUD BEI SEINEM EID!

“Não acredite em nenhuma raposa na charneca verde e em nenhum juramento do Judeu: Um livro de imagens para os grandes e pequenos.” Foi escrito e ilustrado pela autora Elvira Bauer⁸ e publicado pela editora *Stürmer* de Julius Streicher em 1936. Ele é um livro infantil ilustrado que contém rimas infantis acompanhado os desenhos estereotipados.

Esse livro atingiu tamanho sucesso que em 1937, Julius Streicher precisou publicar em seu jornal *Der Stürmer* uma matéria defendendo o livro contra as críticas internacionais. Nas palavras dele: “Se você quer saber se algo é bom ou ruim, basta ouvir o que o judeu tem a dizer. Quando os judeus do mundo protestam contra esse livro ilustrado, é uma prova de seu grande valor.” (STREICHER, 1937, p. 10).

O livro tem como intuito de demonstrar para as crianças as diferenças, concebidas de falsas ideias, entre os judeus e a raça ariana. Ele é dividido em 10 seções. Cada seção tem um texto de rimas para explicar as imagens estereotipadas. Na capa, que é predominantemente vermelha, é possível observar o desenho de uma raposa e a representação caricata de um judeu, nariz grande e curvado, orelha grande, careca, gordo, corcunda e ainda há o desenho de uma Estrela de Davi ao lado. A mão do judeu está levantada como se ele estivesse fazendo um juramento. Já a raposa foi desenhada com um olhar malicioso em um gramado verde.

Para Mills, a raposa presente representa a malícia, sendo essa ideia algo antigo e presente no imaginário alemão, conforme ela pontua:

A lenda grega considerava a raposa como uma criatura do mal ou mesmo o próprio mal. Ao ligar o judeu a esta imagem universal enganosa, Bauer simultaneamente se baseia em outro, lealdade ao juramento como aparece no conto de fadas alemão *Eid aufs Eisen*. *Eid aufs Eisen* pode ser traduzido como "verdade absoluta". *Eid* significa "juramento" e *aufs Eisen* significa literalmente “em ferro”. Esta expressão vem da Idade Média, onde a verdade de um juramento tinha que ser provada em batalha. Figurativamente, este é o juramento mais forte possível. No conto de fadas alemão, a raposa supera outro animal ao fazer um juramento falso. Um juramento feito por um judeu é assim identificado por Bauer: como enganoso. (MILLS, 1999, p.2)

A versão original do livro possui a mesma tipologia utilizada no livro *Der Giftpilz*. Para facilitar a compreensão e ser possível analisar o texto que acompanha as

⁸ Foi uma professora do jardim de infância, apoiadora nazista e na época em que escreveu o livro ela era estudante de arte.

imagens, a versão utilizada nesse trabalho será com a tipografia habitual. O livro foi digitalizado e disponibilizado pelo pesquisador militar e juiz Edoardo Mori em seu site, no qual ele disponibiliza para pesquisa uma série de livros e artigos, além dos livros de sua autoria.⁹

⁹ <https://www.mori.bz.it/index.htm>

Figura 14 - Não acredite em nenhuma raposa na charneca verde e em nenhum juramento do Judeu



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20-Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

A primeira seção do livro se chama: O Pai dos Judeus é o Diabo. Ela começa com um texto introdutório e logo após ele há uma página com 8 imagens diferentes se relacionando com cada verso do texto.

Nessas imagens é possível observar algumas etnias e localidades diferentes, além de um desenho do Diabo que se encontra em destaque no meio da página.

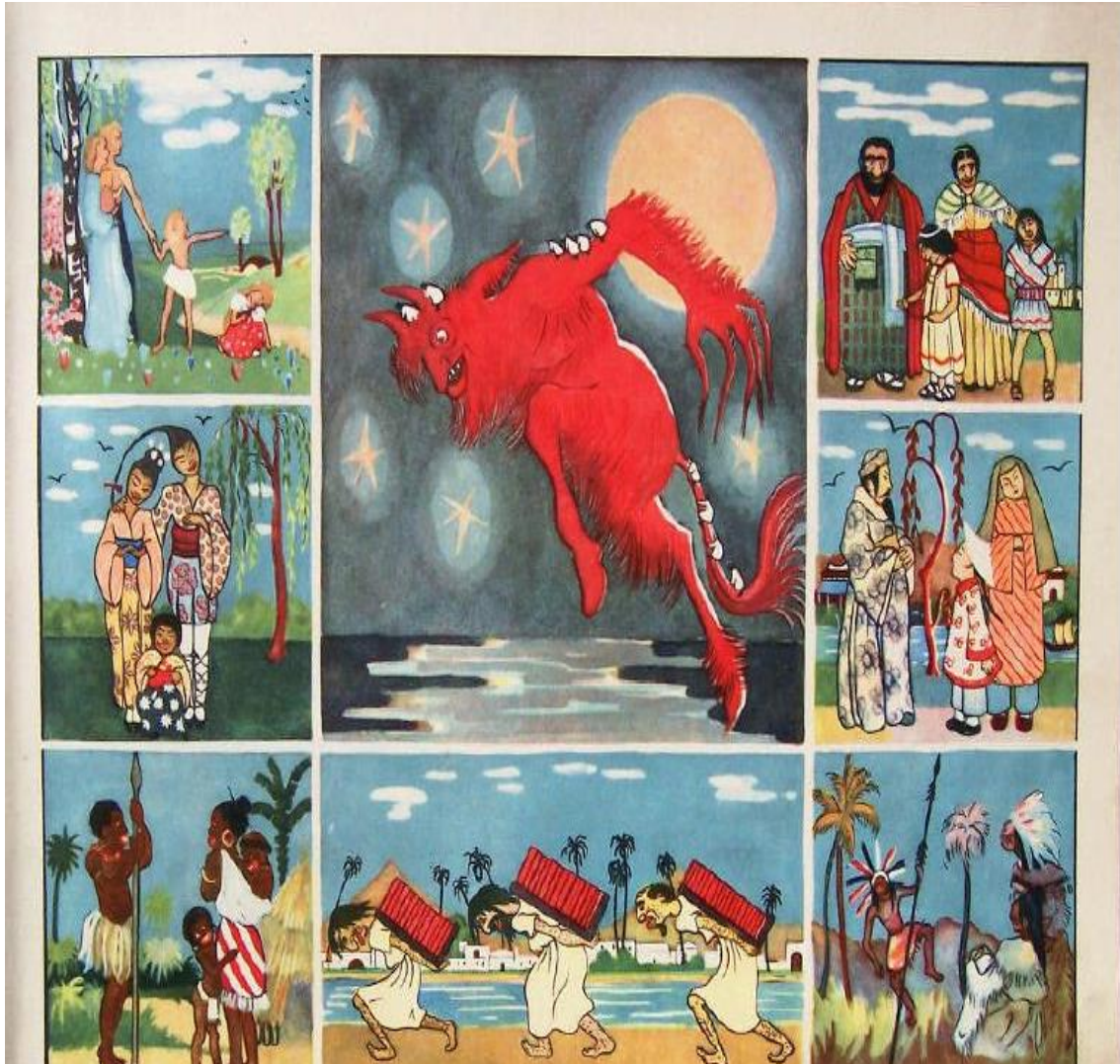
O texto é uma falsa explicação religiosa sobre a criação da raça humana. Ele fala que no início Deus criou os indígenas vermelhos, os negros, os asiáticos, os alemães e a “tripulação podre, os judeus”. O texto prossegue dizendo que desde o início a raça alemã trabalha a terra com empenho e suor, sendo o judeu o único povo a não trabalhar, pois desde o início eles se aliaram ao Diabo em uma greve para não trabalhar e mentir. E que como um prêmio por suas mentiras o povo judeu ganhou o Talmud. Para Hitler (2006) o Talmud é um livro para a vida boa e prática.

Até que certo momento observando essa inequidade através do Rio Nilo um faraó resolveu obrigar o povo judeu a trabalhar carregando tijolos em suas costas, segundo o texto essa é a origem das costas arqueadas do povo do judeu.

O texto continua dizendo que pelo povo judeu ser aliado do Diabo, ele libertou os judeus do trabalho no Egito e os levou para a Alemanha na forma de ladrões, pois roubaram a terra e o trabalho dos alemães na esperança de obter uma vantagem sobre a Alemanha.

Fazendo uma análise das imagens, é possível observar que não só o povo judeu foi representado com um estereótipo. O povo alemão foi representando como ideal ariano e como plano de fundo ele aparenta estar em uma terra prometida, em um paraíso no qual ele pode trabalhar a terra e cultivar. Já o povo judeu em um primeiro momento aparece como uma família e logo após montado nas costas do Diabo sendo carregado para o lado alemão, enquanto isso embaixo aparece trabalhando de maneira curvada para o Faraó egípcio como castigo de sua preguiça.

Figura 15 – O pai dos Judeus é o Diabo



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Ainda nessa sessão há a continuidade do texto e na página seguinte há mais duas imagens acompanhadas de pequenos textos fazendo uma comparação entre o alemão e o judeu.

No texto que precede a página com as imagens, a autora incita a criança a comparar e escolher qual ela achar melhor.

Os alemães – e os que cedem!
Então você tem que comparar
O alemão e o judeu,
dê uma boa olhada neles,
os dois das imagens.
Uma piada - você pode pensar assim.
Porque é fácil adivinhar:
O alemão se levanta - o judeu cede! (BAUER, 1936, p. 3)

A autora já no início do livro tem a intenção de inserir nas crianças os estereótipos negativos sobre o judeu e reforçar o pensamento ariano da raça alemã ser orgulhosa e forte. Nas imagens comparativas ela desenha o jovem alemão como um rapaz trabalhador, loiro, alto, rosto quadrado com mandíbula forte e corpo proporcional. Enquanto o judeu é gordo, fumante, baixo, careca, nariz, orelhas, pés e mãos grandes em relação ao corpo. Esse texto tem como base o que foi escrito por Hitler em seu livro em que ele diz que “o judeu é que apresenta o maior contraste com o ariano.” (HITLER, 2006, p. 222).

O texto que acompanha as imagens só reafirma esse tipo de pensamento. No pequeno texto em cima da imagem caricata do judeu está escrito que:

Esse é o judeu, você pode ver isso imediatamente.
O maior canalha de todo o Reich!
Ele se acha o mais bonito e consegue ser tão feio.
(BAUER, 1936, p. 4)

Já o texto que acompanha a imagem que representa o jovem ariano pontua:

O alemão é um homem orgulhoso,
Que pode trabalhar e lutar.
Por ele ser tão lindo e cheio de coragem,
O judeu o odeia.
(BAUER, 1936, p. 4)

Há ainda alguns detalhes que os textos não contemplam. O jovem alemão olhando com firmeza para o lado direito, representando que ele está olhando para frente, para o futuro. E o judeu olhando de canto de olho para a esquerda, evocando assim uma imagem de desconfiado e trapaceiro que fica olhando para trás. Além dele estar portando um jornal no bolso. Dentro do pensamento nazista os judeus utilizavam

os jornais, controlados por eles, para disseminar mentiras ou caluniar o povo alemão, conforme escreve Hitler:

Quem não é atacado nos jornais judeus, por eles caluniado e difamado, não é um alemão independente, não é um verdadeiro Nacional Socialista [...] Os adeptos do movimento e, em sentido mais lato, todo o povo, devem ficar convencidos de que, nos seus jornais, o judeu mente sempre e que uma ou outra verdade é apenas o disfarce de uma falsidade e por isso sempre mentira. (HITLER, 2006, p.258)

Figura 16 – O pai dos Judeus é o Diabo



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Partindo para a segunda sessão, chamada de O Eterno Judeu, Bauer faz uma analogia ao mito medieval conhecido como “O Judeu Andarilho”, pois o nome do personagem judeu que ela traz no texto é Ahasuerus, o judeu que agrediu Cristo enquanto ele carregava a cruz, conforme o texto de Daube:

Segundo a lenda, Cristo foi expulso da porta de Ahasuerus, onde parou para descansar. Em resposta à ação do judeu de golpeá-lo enquanto gritava, 'Ande mais rápido!', Cristo respondeu, 'eu vou, mas você vai andar até que eu volte! Por meio dessa maldição, Cristo transferiu figurativamente seu fardo da cruz para o judeu. (DAUBE, 1955, p.166).

Em seu texto Bauer escreve para as crianças terem muito cuidado com qualquer judeu, pois além dele ser do povo que foi amaldiçoado, qualquer um pode ser o verdadeiro Ahasuerus:

E acredite crianças, é claro que ele ainda anda escondido por todo o judaísmo.
Portanto, crianças, tomem cuidado com todos os judeus.
O judeu andarilho se esgueira como uma raposa, então olhe em volta!
(BAUER, 1936, p. 5)

Além dos elementos traçados com o mito, há também uma base de pensamento proposta por Hitler em seu livro *Mein Kampf*. A autora pontua que o judeu não tem um lar para chamar de seu, que a alma nômade dele não encontra descanso, pois ele é uma parasita em todos os lugares que ele se estabelece. (BAUER, 1936).

Apesar de pontuar que o povo judeu não tem lar, nação ou território e está sempre andando de um lugar para outro, Hitler coloca que não se pode chamar de povo nômade por completo, pois:

O nômade dispõe, para viver, de um espaço limitado por fronteiras; não o cultiva, porém como um lavrador estabelecido, mas vive do rendimento de seus rebanhos, com os quais percorre as suas terras [...] o judeu é um parasita incorporado ao organismo dos outros povos. Sua mudança de domicílio, uma vez por outra, não corresponde às suas intenções, sendo resultado da expulsão sofrida por ele, de tempos em tempos, da parte dos povos que o abrigam e que ele explora. O fato dele continuar a se espalhar pelo mundo é um fenômeno próprio a todo parasita. (HITLER, 2006, p. 225-226)

Então a alma nômade do judeu seria por conta de sua expulsão dos territórios que ele tenta se estabelecer. A autora pontua que isso faz parte da maldição sofrida por Ahasuerus, que ele e todo o seu povo jamais irão conseguir se estabelecer em algum lugar e ficam à espreita para atacar em todos os lugares.

No campo da imagem, a ilustração representa um homem com cabelo e barba bagunçados, segurando dois sacos e um bastão, representando um arquétipo de um andarilho, sabe-se que a autora quis representar o Judeu Andarilho por conta do nariz

estereotipado. Está olhando para trás, para o seu passado, e pode estar com uma feição de dor.

O gramado pode fazer a alusão a raposa escondida em uma charneca verde, mas também pode fazer uma alusão as chamas do inferno. Pois seu formato se assemelha a uma chama, estaria fazendo ligação com a primeira imagem e texto do livro, à maldição dada por Cristo e isso poderia explicar o porquê do olhar de dor.

Figura 17 – O eterno Judeu



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Continuando com a ideia de ensinar as crianças a “identificarem” o povo judeu, Elvira Bauer escreve uma seção chamada Nomes Judaicos. No texto ela pontua para as crianças os possíveis nomes alemães que os judeus poderiam se chamar.

Para que o judeu você não reconheça
Seu nome aparece sob outro disfarce.
Nathan chama a si mesmo de Jonathan,
[...]
Outros são ainda mais astutos!
Eles largam seus nomes estrangeiros de uma só vez
[...]
Lindenstein e Blumenfeld.
[...]
Mais modestos ainda são aqueles judeus
Que se chamam pelo nome de Blum.
(BAUER, 1936, p.7)

Saber identificar esses nomes, na ótica nazista, se faz importante para que não haja uma mistura e convívio entre as raças. Pois o pensamento imposto pelo regime Nazista (HITLER, 2006) era que o papel do mais forte é dominar, não devendo se misturar com o mais fraco, caso isso aconteça vai acontecer um enfraquecimento da raça mais pura.

Nos elementos imagéticos há crianças apontando para residências de judeus. No primeiro quadro há um cirurgião e uma agente comercial, pode-se perceber se passa em uma cidade. Nas placas que constam os nomes há dois nomes germânicos. Os judeus estão fazendo caretas, um levantando o punho em sinal de desaprovação, para as crianças. Provavelmente por terem sido descobertos pelas crianças.

A mulher está lendo uma edição do *Frankfurter Zeitung*, o Jornal de Frankfurt, podendo indicar que a cidade em questão é Frankfurt. O Jornal de Frankfurt era um dos únicos jornais que não estavam sob o comando dos nazistas. “A Gestapo estava ciente que o Jornal de Frankfurt continha artigos maliciosos e dedicados aos interesses judaicos”. (EVANS, 2005, p. 146). E para Hitler, esse jornal era uma arma da imprensa judia para envenenar a população alemã:

É justamente para os nossos semi-intelectuais que o judeu escreve na sua chamada “Imprensa intelectual”. O tom do *Frankfurter Zeitung* e do *Berliner Tageblatt* é mantido com a intenção de agradar a essa classe, justamente a mais influenciada por esses jornais. Ao passo que, com o máximo cuidado, evitam toda grosseria de linguagem, recorrem a outros processos para envenenar o espírito público. Por meio de amálgama de frases agradáveis, eles enganam seus leitores, inculcando-lhes a crença de que a ciência pura e a verdadeira moral são as forças propulsoras de suas ações, ao passo que na realidade, isso não passa de um inteligente artifício para roubar uma arma que seus adversários poderiam usar contra a imprensa. Enquanto uns, por decência, sentem-se enojados, tanto mais acreditam os imbecis que se trata de ataques temporários que nunca chegarão a ferir de morte a “liberdade de imprensa”, como se costuma denominar o abuso desse instrumento de

ludíbrio e de envenenamento do povo, ao abrigo de quaisquer punições.
(HITLER, 2016, p.185)

O segundo quadro está acontecendo em outra localidade, pois o povo judeu conseguiu se estabelecer “completamente em cidades, bairros e lugarejos.” (HITLER, 2006, p. 229). A imagem é provavelmente em uma área mais rural, na placa de identificação não consta uma profissão, mas que é uma propriedade privada. Há duas crianças judias fazendo caretas para uma menina alemã que está com uma postura tímida, enquanto um homem com roupão e charuto, indicando dinheiro, olha para duas crianças com uma cara de desaprovação. As duas crianças estão conversando entre si e apontando para o homem, provavelmente cochichando a descoberta dele ser um homem judeu.

Figura 18 – Nomes judaicos



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Dando continuidade ao livro, a autora traz uma seção como nome de: Uma vez judeu, sempre judeu. O texto de apoio conta a história de um judeu que resolveu se converter ao catolicismo e pede para um padre batizá-lo.

Ainda no texto, e depois representado na imagem, o judeu resolve comer carne de ganso em uma sexta-feira. De acordo com o código 1251 do Direito Canônico da Igreja Católica, não é permitido comer carne nas sextas-feiras:

Guarde-se a abstinência de carne ou de outro alimento segundo as determinações da Conferência episcopal, todas as sextas-feiras do ano, a não ser que coincidam com algum dia enumerado entre as solenidades; a abstinência e o jejum na Quarta-Feira de Cinzas e na Sexta-Feira da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. (CDC, 1983, p.215).

Ao ver tal heresia o padre fica chocado e questiona ao judeu convertido o porquê de tal atitude. O judeu responde que ele havia convertido o ganso para um peixe, sendo assim não haveria pecado. A autora tenta incitar nas crianças a ideia de que não há mudança na natureza das pessoas, apesar do batismo, e que o povo judeu sempre será um povo mentiroso. Isso se faz possível perceber com o final do texto da autora:

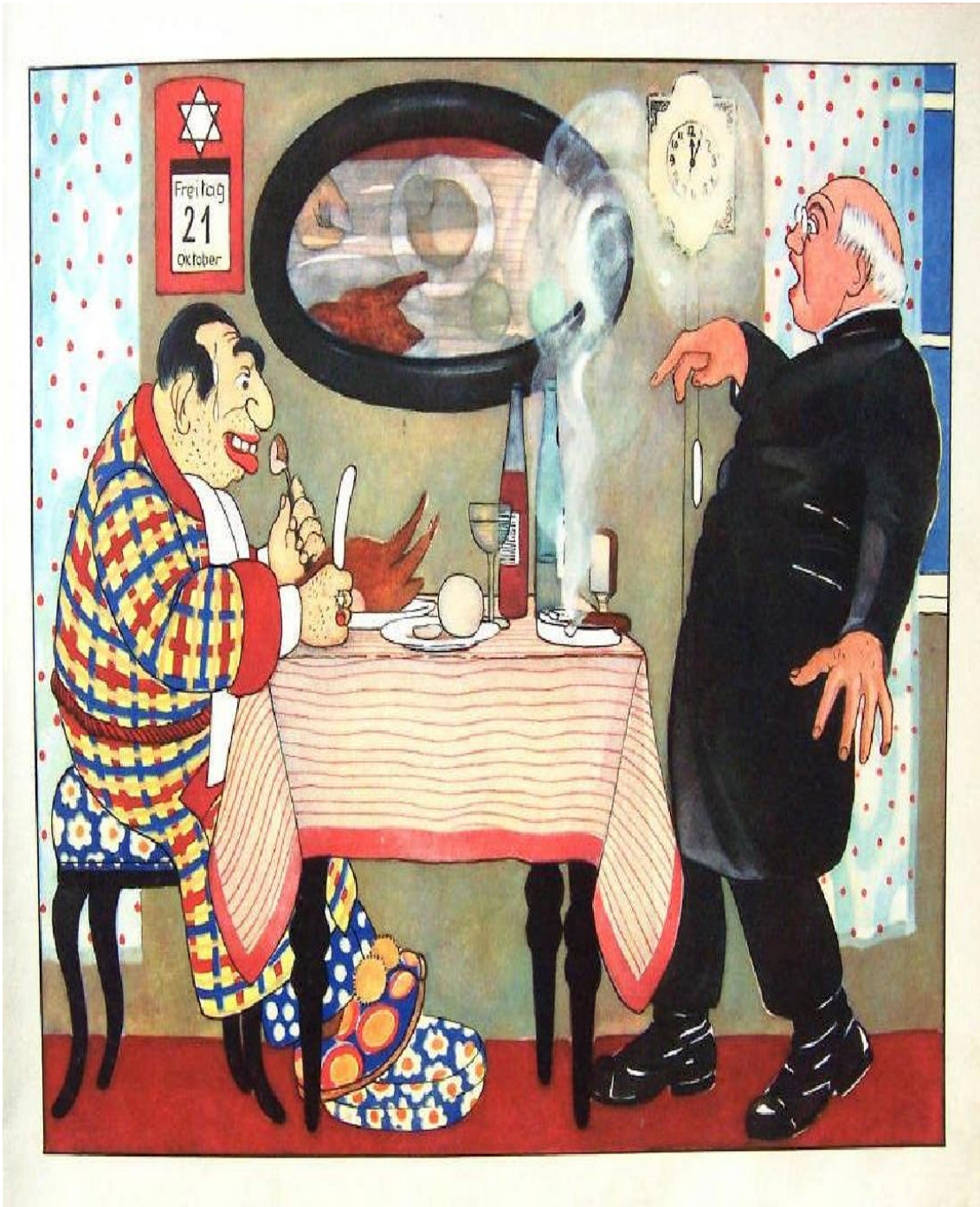
Judeu Itzig teve uma ideia:
 “Sei lá, serei batizado.”
 Essas pessoas estúpidas certamente dirão:
 “Olha, lá vai um homem cristão.”
 [...]
 Crianças, apenas olhem para o judeu.
 Ele vai mudar a si mesmo quando for batizado?
 Ele parece um cristão agora?
 Cinco baldes de água na cabeça não mudam a cabeça de um judeu.
 Você deve se lembrar disso, uma vez judeu sempre judeu.
 (BAUER, 1936, p.9)

Na imagem da próxima página há uma caricatura de um judeu e de um padre, o padre está espantando e quase coberto com a fumaça de um charuto que está sob e a mesa. O judeu está sendo representado com um roupão e joias nos dedos, indicando riqueza, além dos traços estereotipados característicos da estética nazista. Há na mesa um ganso, mas pelo espelho pode parecer qualquer carne frita, podendo assim representar uma ilusão, para Hitler (2006) o judeu sempre quer iludir. Na parede há um calendário com uma estrela de Davi e está indicando que é sexta-feira.

Os elementos dessa seção evocam uma linha de pensamento escrita por Hitler:

Uma pessoa pode, sem mais nem menos, mudar sua língua, quer dizer, pode servir-se de outra, mas, no seu novo idioma, expressará suas ideias antigas, sua natureza íntima não sofrerá alteração. O judeu é o melhor expoente desse fenômeno. Fala várias línguas e, conserva-se, entretanto, sempre judeu. Seus traços característicos conservaram-se sempre os mesmos [...] é sempre o mesmo judeu. (HITLER, 2006, p.231).

Figura 19 – Uma vez Judeu, sempre Judeu



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

A seção seguinte trata a questão, para a ótica nazista, do povo judeu ser ganancioso e querer tirar vantagem do povo alemão. Ela traz como título: O Judeu do Gado. Sem passa em um ambiente rural, percebe-se pela imagem colorida e representada com animais.

O texto conta que um judeu chamado Kohn conseguiu cem mil hectares de terra através da negociação e que sua ganância judia sempre estava fazendo ele querer mais. Hitler (2006) escreve que os judeus chegam na Alemanha, na época de Roma, através de negociações e que ele sempre quer a vantagem.

Na imagem está retratada um senhor com certo ar de desespero e indignação. O texto diz que o senhor estava precisando de dinheiro e utiliza as vacas e os porcos como garantia de pagamento, mas o judeu só lhe envia a metade do dinheiro prometido e confisca os animais do senhor enquanto vai embora sorridente. Esse recorte do texto e a imagem remetem a um elemento escrito por Hitler:

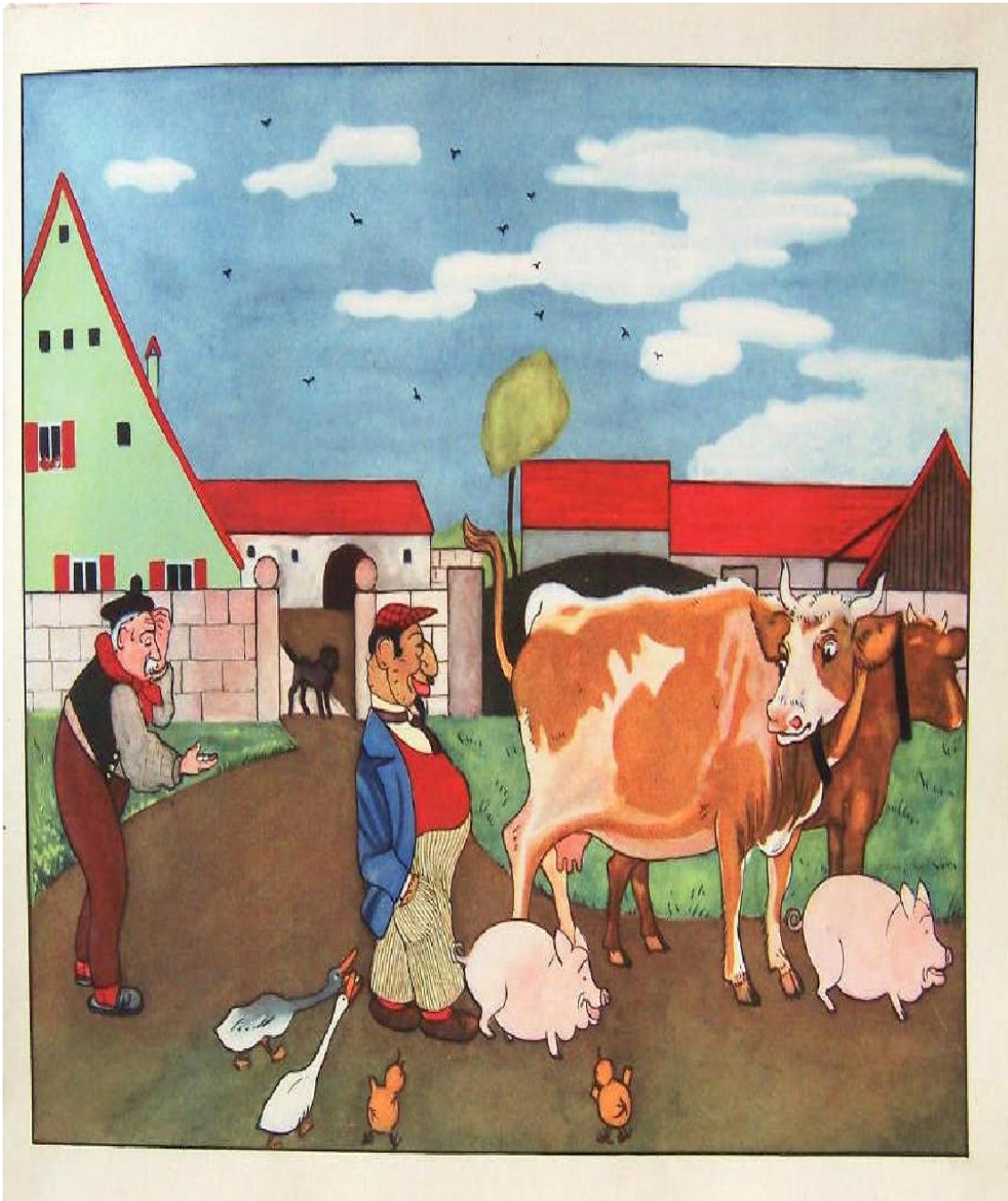
Aos poucos ele (judeu) começa a trabalhar no terreno econômico, não como produtor, mas exclusivamente como intermediário. Na sua habilidade milenar de negociante, supera muito os arianos, os quais ainda se mostram sem jeito, sobretudo, de uma proibidade sem limites. (HITLER, 2006, p.229)

Dentro do desenho podemos perceber que essa representação do judeu contém uma certa satisfação no rosto e que ele está afugentando os porcos e as vacas enquanto os gansos e pintinhos o observam com ar de indignação, sugerindo até mesmo que eles estivessem expulsando o judeu.

A autora ao representar o judeu feliz com sua vitória, ou trapaça, sob o senhor alemão quis evocar um sentimento de irritação nas crianças. Pois dentro do pensamento nazista, a maneira com que o povo judeu vem tratando o povo ariano é um sinal evidente de que a sua vitória está próxima. (HITLER, 2006).

A autora termina o texto comentando que os judeus são traiçoeiros e que por isso as crianças devem sempre lembrar que: “não confie em uma raposa em uma charneca verde e nem no juramento de um judeu”.

Figura 20 – O Judeu do gado



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

A próxima seção é dividida entre três textos e três imagens. Ela traz para as crianças, de maneira errônea, o costume judaico de guardar o sábado, o Sabbath. O intuito da autora nessa seção é mostrar, pretensiosamente, que o judeu é uma pessoa preguiçosa e desonesta até em seus dias sagrados.

Apesar das três imagens representarem pessoas diferentes a autora os desenha com as mesmas características estereotipadas, tentando assim reforçar para as crianças de como uma seria a suposta aparência de um judeu. Gordo, baixo, nariz curvado e grande, orelhas grandes e com as mãos e pés desproporcionais ao corpo.

O primeiro texto está se referindo a um casal judeu, ambos representados com a mesma feição, indo para casa na sexta-feira. Pelas vestimentas percebe-se que os dois são pertencem a classe alta. O homem está de cartola, terno, luvas brancas e sapatos brilhosos. Já a mulher está trajando um chapéu com véu combinando com uma echarpe, vestido, sapatos brilhosos, carrega uma bolsa e assim como o homem está com um guarda-chuva. Atrás há uma construção que se assemelha tanto ao banco trabalhado na figura 12, quanto ao prédio do parlamento alemão, podendo indicar a participação do povo judeu dentro dessas instituições.

Há um detalhe no canto da imagem em que tem um menino loiro descalço dentro de uma floresta. Esse elemento pode representar que os judeus estão enriquecendo enquanto o povo alemão está empobrecendo, a autora tenta reforçar isso em seu texto:

Ele parece um perfeito cavalheiro;
 Uma semana enganando “goys” estúpidos
 E contar mentiras traz alegrias sabáticas.
 Ele chacoalha com sua bolsa de dinheiro.
 (BAUER, 1936, p. 13)

O elemento textual pontua que apesar de aparentar resplandecente e com vestimentas limpas, o judeu, mesmo tomando seu banho de preparação para o Sabbath, continua sujo. Segundo a autora mesmo durante o banho o judeu prefere deixar restos de suas sujeiras na pele. Na imagem pode-se ver pela coloração mais escura do homem perante a mulher. A autora tenta aqui passar para crianças uma mensagem de que mesmo com aparência limpa o judeu vai ser sempre sujo. Além de reforçar o estereótipo físico.

Figura 21 – O Sabbath



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

O segundo texto e imagem dessa seção acontecem no sábado e em um ambiente domiciliar. O personagem judeu é nomeado de Aaron Kahn, um sobrenome alemão e possível disfarce do nome judaico como trabalhado na seção “Nomes Judaicos”.

Segundo o texto, Aaron Kahn é dono de uma loja de departamentos e que ele ganhou uma fortuna vendendo produtos de má qualidade para o povo alemão. O texto ainda complementa que pessoas bateram em sua porta pedindo pão pois estavam passando necessidade e que foi um mal causado por pessoas como Aaron Kahn, ambas as pessoas foram expulsas pelo dono da casa. A autora termina o texto repetindo a frase: “não confie em uma raposa na charneca verde e nem no juramento de um judeu”.

Pela imagem podemos perceber uma menina descalça e um homem com roupas remendadas e portando um saco em suas costas, elementos de uma possível pobreza. O homem está com os cabelos grisalhos e carrega uma bengala indicando assim a sua idade avançada.

Aaron Kahn está vestindo uma roupa social, mas está calçando pantufas. Comparando os textos com esses elementos, pode-se imaginar que autora quis dizer que até no seu dia sagrado de descanso o povo judeu estaria tentando lucrar com negócios, conforme a autora pontua que só interessa para Aaron a chuva de dinheiro.

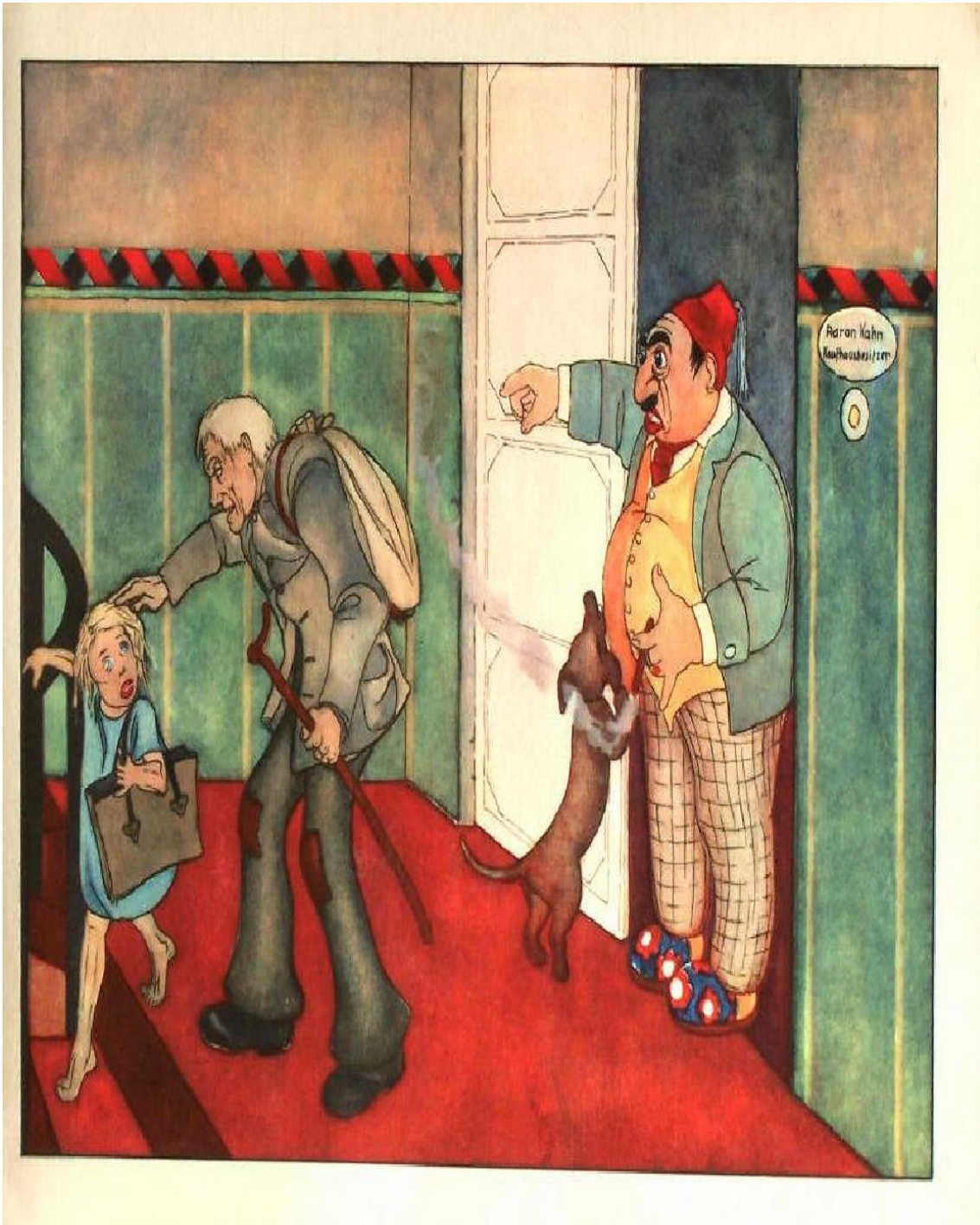
Esses elementos podem ter sido baseados na ideia escrita por Hitler sobre a religião judaica:

A doutrina judaica é, em primeiro lugar, um guia para aconselhar a conservação da pureza do sangue, assim como o regulamento das relações dos judeus entre si, mas ainda com os não judeus, isto é, com o resto do mundo. Não se trata, em absoluto, de problemas morais, e sim de questões econômicas, muito elementares. (HITLER, 2006, p. 227)

Em sua cabeça está sendo retratado um chapéu chamado fez, antigo chapéu tradicional do Império Otomano, utilizado por judeus originários da região turca.¹⁰ Além das joias em seus dedos, demonstrando riqueza, o judeu também está portando um charuto aceso enquanto com a outra mão, e um olhar maldoso, ele expulsa os alemães da residência. Autora ainda traz um animal, pode ser um cachorro, mas tem a aparência da raposa da capa. Pode-se imaginar que é a raposa, pois a autora termina o elemento textual dessa imagem repetindo o título do livro.

¹⁰ <https://www.myjewishlearning.com/article/the-meaning-behind-of-different-jewish-hats>

Figura 22 – O Sabbath



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmervelag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Já o terceiro, e último, elemento dessa seção se passa em um açougue. Mesmo sendo sábado, dia de guarda para os judeus, a figura que representa o judeu está trabalhando. Autora quis assim reforçar a ideia da ganância do povo judeu.

Um elemento iconográfico bastante presente nas imagens antissemitas nazista é o charuto. Há várias imagens em que a representação do judeu está segurando um charuto aceso, ou há um charuto no ambiente. A última imagem dessa seção traz um charuto bem fumegante na boca de Isaak Blumenfeld, o personagem judeu do texto e da imagem. O fumo era considerado um perigo para a raça, e Hitler era um militante do movimento antitabagismo conforme Proctor pontua:

A Alemanha teve o movimento antifumo mais forte do mundo na década de 1930 e no início da década de 1940, apoiado pelos nazistas líderes médicos e militares, eles temiam que o tabaco pudesse provar ser um perigo para a raça. Muitos líderes nazistas foram oponentes vocais do fumo. Ativistas antifumo salientava que, enquanto, Churchill Stalin e Roosevelt gostavam de tabaco, os três maiores líderes fascistas da Europa - Hitler, Mussolini e Franco eram todos não-fumantes. Hitler era o mais inflexível, caracterizando o tabaco como "a ira do Homem Vermelho contra o Homem Branco por ter recebido bebidas alcóolicas." A certa altura, o Führer chegou a sugerir que o nazismo poderia nunca ter triunfado na Alemanha se ele não tivesse parado de fumar. (PROCTOR, 1996, p.145).

Ele ainda pontua que os nazistas viam no tabaco, assim como no vício de fumar, obra do "capitalismo judaico". Conforme podemos ver na sua transcrição da fala de Johann Von Leers, editor da revista *Nordische Welt*:

Acusando o "capitalismo judaico" de ter ajudado a espalhar o tabagismo na Europa. Leers descreveu como os judeus trouxeram o primeiro tabaco para Alemanha e como ainda controlavam a indústria fumageira de Amsterdã, principal porta de entrada tabaco para a Europa. (PROCTOR, 2018, p.208)

Na imagem em questão a fumaça produzida pelo fumo está impregnando o ambiente, juntamente com os alimentos em exposição. Ainda na imagem há um gato em cima de um pedaço de carne, uma faca de açougueiro no chão e um pedaço de carne embaixo do pé do judeu. Para a autora seria uma tática gananciosa do judeu para lucrar mais, conforme ela pontua que "o judeu vende meia carne e meia porcaria, carne suja pesa mais na balança". (BAUER, 1936, p.17).

O judeu está com o avental inteiro sujo de sangue, há algumas manchas com formato da pata de gato, e a calça com a mancha em formato de mãos, podendo indicar que ele limpa a mão suja em sua roupa e não há lava. A mãe e o filho estão com roupas limpas, apesar de haver um remendo na calça do menino, e com uma expressão fácil mais sutilmente desenhada que a do judeu. Ele está pagando a carne,

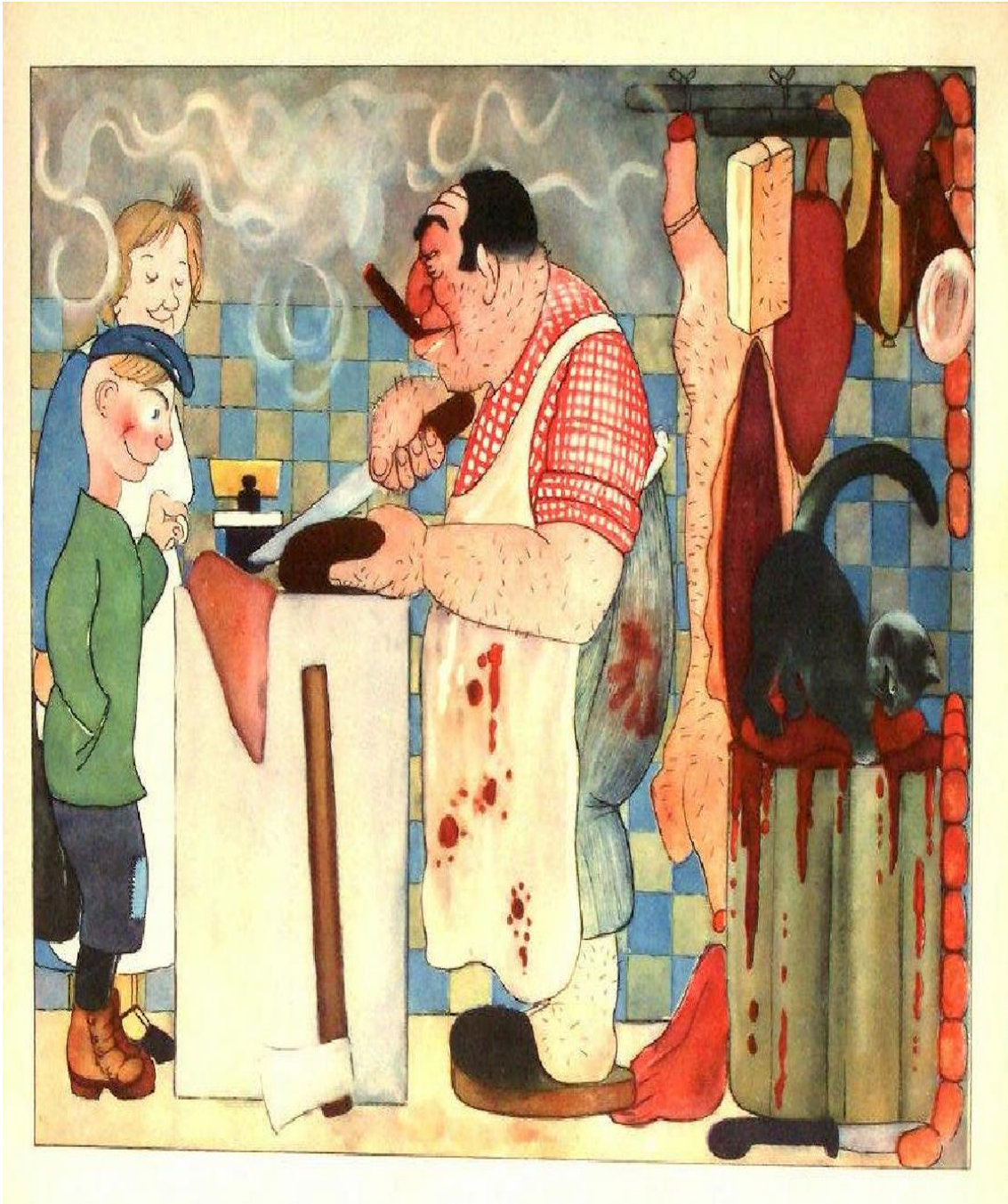
conforme a autora lhe chama de desavisado por comprar carne desse estabelecimento.

No canto da imagem há embutidos e carnes suspensos, juntamente com um porco aberto. Essas carnes estão desenhadas com cores mais vivas que a carne que o judeu está vendendo para a família, podendo indicar que o judeu está vendendo carne suja, até mesmo estragada. Um elemento desenhado na imagem, que foi retratado no texto, que chama atenção é o porco aberto. Religião judaica não permite o consumo da carne de porco e para a autora isso é um jogo sujo e vergonhoso.

Ele não come nem o que vende! Oh caramba!
Essas coisas sujas Só um judeu pode fazer isso!
É por isso que você ouve as pessoas de longe:
Não confie em uma raposa em uma charneca verde
e não confie no juramento de um judeu!"
(BAUER, 1936, p.17).

Esse elemento textual e imagético é mais uma narrativa criada pela autora para inculcar a ideia de que o povo judeu é sorrateiro ao vender um produto que nem ele consome. Mas conforme pontuam Flandrin e Montanari (2020, p.317) "os açougues judeus produziam quantidades superiores às suas necessidades, abastecendo a cidade com carne de carneiro, boi, novilho e cabrito."

Figura 23 – O Sabbath



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

A imagem da próxima seção é dividida em dois atos, percebe-se pela mudança das datas e também pela fisionomia dos elementos desenhados. Ela se passa em um escritório de um advogado, essa noção se dá pela placa que consta na porta e pelo nome da seção ser O Advogado Judeu.

O primeiro quadro traz a representação de um judeu, traços faciais desenhados com o estereótipo alemão, baixo, a diferença desse desenho com os demais é que esse judeu está representado magro e com roupas desbotadas, sapatos abertos. Podendo representar que ele está passando por alguma necessidade. Segundo o texto dessa seção os negócios desse advogado estavam indo mal e o fazendeiro alemão, chamando Michael, escolhe esse advogado pois em um primeiro momento ele pede apenas, farinha e manteiga como forma de pagamento.

Há ainda outro elemento que pode indicar que esse advogado estava passando por uma necessidade, o boicote dos estabelecimentos judeus e as leis que proibiam o povo judeu trabalhar, conforme pontua Bessel:

Assim que Hitler consolidou a sua posição no governo, foram baixadas medidas discriminatórias contra os judeus. Depois do boicote de empresas judias no começo de abril de 1933, aprovaram-se leis antissemitas para restringir o emprego de judeus. Em 7 de abril de 1933, o governo pôs em vigor a Lei de Reconstituição do Serviço Público Profissional, que estipulava que “funcionários públicos que não sejam de ascendência ariana devem ser aposentados” [...] No outono de 1933, os judeus foram proibidos de trabalhar em palcos e meios de comunicação. A partir do verão de 1934, não tiveram mais permissão para obter a qualificação como advogados. (BESSEL,2014, p.78).

Apesar dos boicotes e das leis, os dois livros analisados trazem judeus exercendo suas profissões normalmente, alguns até enriquecendo mais. A autora do livro a todo momento reforça a ideia que quem compra, ou participa, em negócio judeu é “desavisado” ou até mesmo “tolo”. Os livros trazem isso para as crianças, na tentativa de criar a falsa ideia de que os judeus só ganham a vida a partir da enganação e mentira.

A imagem traz um casal de fazendeiros, o homem está fumando um cachimbo, veste uma roupa ornamentada e está com uma bolsa cheia presa em sua cintura. Já a mulher porta uma cesta com ovos, uma bolsa cheia, uma joia no pescoço, e segundo a autora, vestes finas assim como seu marido. Ambos estão desenhados com os rostos redondos e felizes.

A segunda parte da imagem acontece quase um ano depois, conforme a data no calendário mostra, agora o judeu está mais gordo, o casal de fazendeiro magro e

o ambiente está mais organizado, os livros embaixo da mesa do advogado estão arrumados e a lixeira está mais vazia. Em uma primeira olhada na imagem percebe-se que a autora quis repassar que o casal foi enganado pelo advogado, além das mudanças na fisionomia, há também alguns elementos que nos indicam isso. A posição e feição de descontentamento da mulher, enquanto o homem está demonstrando incredulidade com a situação. E nota-se que as bolsas e a cesta agora estão vazios. Enquanto o advogado está mais gordo, pois comeu os produtos dos fazendeiros, com um terno mais fino, um charuto aceso e uma joia em seu dedo demonstrando que ele conseguiu ganhar dinheiro com o caso.

No elemento textual dessa seção a autora traz que o advogado havia prometido para o casal que eles ganhariam a causa, de fato ganharam, mas perderam todo seu dinheiro e produtos para o advogado judeu. Ela traz para as crianças que esse tipo de enganação é chamado de Direito Judeu e que todas as pessoas que lerem o livro devem estar atentas para não caírem nesses golpes que parecem ser a solução dos problemas.

Figura 24 – O advogado Judeu



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Essa seção é chamada A Serva, ela se passa em três ambientes e tem três histórias diferentes. Aqui a autora tenta criar uma ideia para as crianças que não é bom se relacionar, e nem trabalhar, com judeus, seja homem ou mulher, pois, para ela, além de acabar com a raça alemã, o povo alemão que se relaciona com judeu sempre irá sofrer, seja tratado como objeto ou como escravo.

A primeira imagem e texto dessa seção tratam a questão de uma pessoa alemã trabalhando para uma pessoa judia, a autora tenta colocar nas crianças uma ideia em que isso seria algo terrível, pois seria apenas sofrimento, conforme ela pontua no elemento textual. E nas entrelinhas, baseando-se na ideia de Hitler da superioridade da raça, esse tipo de submissão seria um atraso para a raça ariana:

O homem que desconhece e menospreza as leis raciais, em verdade, perde, desgraçadamente, a aventura que lhe parece reservada. Impede a marcha triunfal da melhor das raças, com isso estreitando também a condição primordial de todo o progresso humano. No decorrer dos tempos, vai caminhando para o reino do animal indefeso, embora portador de sentimentos humanos. (HITLER, 2016, p.215)

Na imagem temos a representação de uma mulher alemã e duas mulheres judias. Segundo o texto, a mulher alemã saiu do campo para cidade e em um anúncio de jornal viu que uma família judia estava precisando de uma pessoa para trabalhar. Ao chegar no local a alemã, chamada Rosi, descobriu que teria uma vida pior que a de um cachorro. (BAUER, 1936). A imagem se passa dentro de uma cozinha, percebe-se pelos elementos desenhados, e traz uma mulher alemã, mais alta, engraxado um sapato, há outros pares limpos no chão, enquanto está sob o olhar julgador e atento de uma mulher representada como judia, mais baixa e com os traços estereotipados, ela está com um olhar atento para ver se a alemã faz um trabalho correto, pois, “não querem saber de trabalhar, mas de explorar” (BAUER, 1936, p.21). No fundo tem uma representação de mulher judia se observando no espelho, fumando e com joias nos dedos.

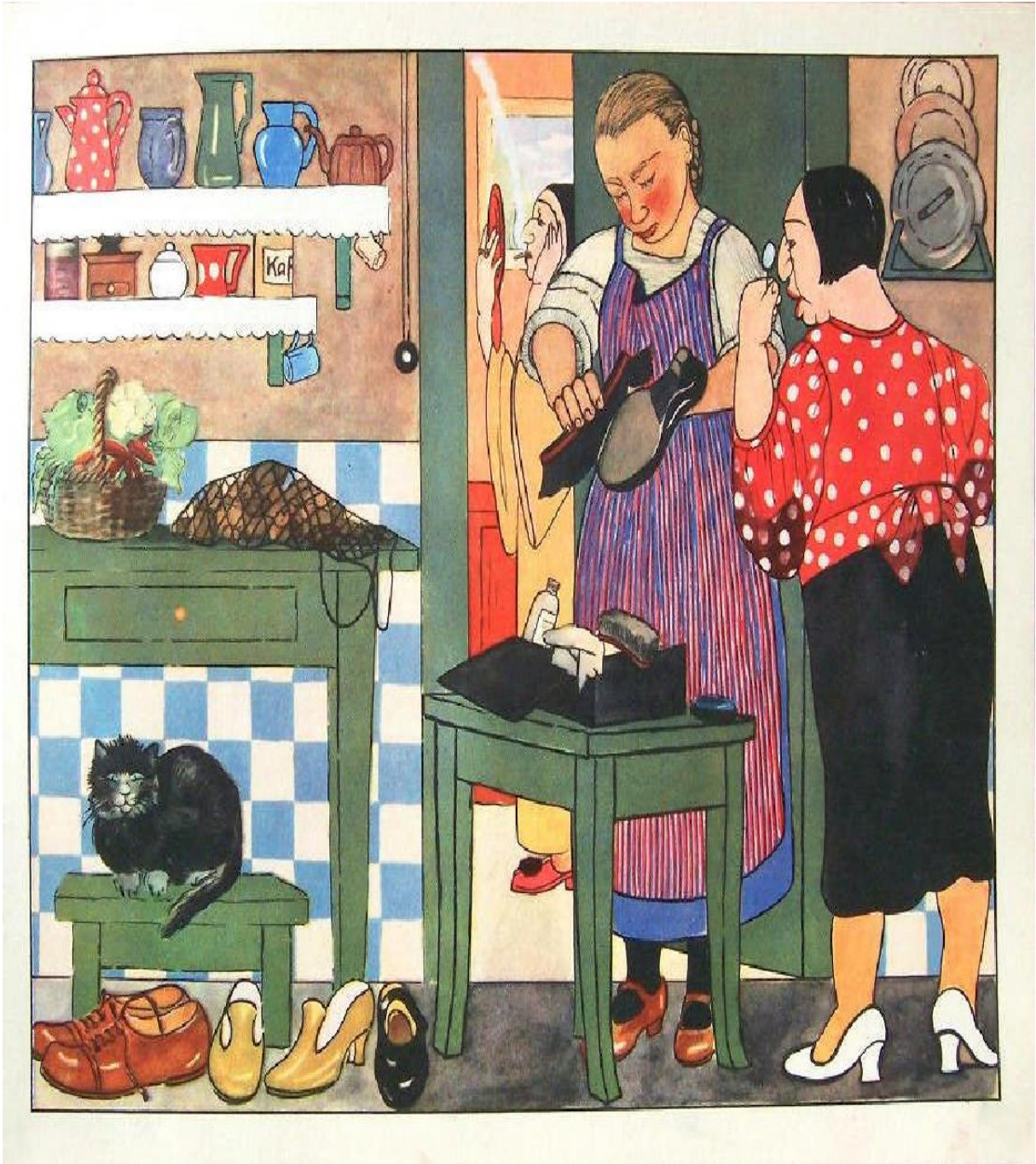
O olhar da alemã é um olhar mais contido, rosto mais fechado, pois “ela sabe que está sendo tratada como um animal e que o judeu deveria pagar ela” (BAUER, 1936, p.21). Já nos olhares das duas mulheres judias há uma soberba desenhada.

No elemento textual a autora traz que essa família são quatro pessoas, o marido, a esposa e duas filhas. Ela não se refere quem são as duas pessoas representadas e onde estão as outras duas.

No canto esquerdo da imagem, há o desenho de um gato preto. Esse elemento representa um ditado alemão: *Schwarze Katze von links bringt Unglück.*¹¹

¹¹ Gato preto vindo da esquerda traz azar. Esse elemento representa alguns conceitos de mau repassados pela Alemanha medieval. A cor, o animal e a posição ele está representam o mal de acordo com o texto: <https://www.beste-kumpels.com/schwarze-katze-gluecksbringer-oder-ungluecksrabe/#:~:text=Beim%20J%C3%BCngsten%20Gericht%20sollen%20sich,gegen%20den%20W illen%20Gottes%20versto%C3%9F>

Figura 25 – A serva



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Já a segunda parte dessa seção traz um casal, uma mulher alemã e um homem judeu, Percebe-se pelo texto que antecede a imagem

Que criatura é o judeu.
 Nem mesmo de sua própria mulher ele gosta.
 Juntou-se com uma esposa alemã
 Ele se acha esperto. Pode apostar sua vida!
 Olhe para o judeu e a garota aqui:
 É certo que ele não pode ser considerado igual a ela!
 Compare-o com esta alemã.
 Ele faz é figura lamentável!
 Eu gostaria que o judeu tivesse bom senso.
 Seria melhor ele deixar as garotas alemãs em paz.
 E experimentar a sua "kalle".¹²
 (BAUER, 1936, p.23)

Na imagem temos a representação de um homem judeu, aparentando elementos de riqueza, como cartola, terno, sapatos e joias. Os seus traços foram desenhados com o mesmo estereótipo das outras representações do judeu. Uma de suas mãos está envolta na mulher, como se ela fosse posse dele, e a outra mão está oferecendo um colar de joias para a mulher, ilustrando uma tentativa de comprar ela. Além de ser representado dando um sorriso malicioso para a mulher.

Já a mulher alemã, mais alta que o judeu, está com vestimentas simples, até mesmo com um avental azul. Ela está olhando para a direção contrária do marido, indicando desinteresse e até mesmo uma repulsa, esse elemento pode ser apoiado ao perceber a maneira que uma de suas mãos foi desenhada, como se ela estivesse afastando o homem do seu lado.

Ao desenhar esse tipo de desinteresse, e afastamento, a autora quis, através do texto também, passar que até em um relacionamento a pessoa alemã deve saber de seu dever apontado por Hitler:

Só existe, porém, um direito sagrado e esse direito é, ao mesmo tempo, um dever dos mais sagrados, consistindo em velar pela pureza racial, para, pela defesa da parte mais sadia da humanidade, tornar um possível aperfeiçoamento maior da espécie humana. (HITLER, 2006, p.306)

Há também quatro crianças desenhadas. Uma mais ao fundo com uma vestimenta completa e uma pasta, provavelmente indo para escola, lhe atribuindo um olhar maldoso. Dois meninos descalços apontando e fofocando sobre o casal, e uma menina com o rosto e mãos desenhados de forma apreensiva, passando uma ideia de que ela tem medo de que seu futuro seja igual ao da mulher alemã, ou com um medo do judeu que está a sua frente.

¹² Segundo a autora, "kalle" é o nome dado para as mulheres judias.

Figura 26 – A serva



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

A autora encerra a seção com uma questão familiar, pelo texto e pela imagem percebe-se que é um pai revoltado com a sua filha.

Dentro do elemento textual a autora coloca que a mulher está manchando o sangue da raça alemã ao se casar com um judeu seu egoísmo.

O pai diz à filha: "Uma preocupação terrível está me incomodando!
Somos todos um só sangue!
Mas você sai por egoísmo por roupas bonitas e por dinheiro
Para o judeu Sali Rosenfeld.
E pense que você ainda quer se tornar sua esposa!
(BAUER, 1936, p.25)

Já no elemento imagético, pode-se notar que a mulher está com um casaco fino, uma joia em seu pulso, um chapéu combinando com seu salto e uma pele de animal presa em seu pescoço. Já o pai aparenta estar usando um terno comum, enquanto ele reprova a atitude de sua filha, nota-se pela sua mão fechada e o rosto desenhado como se estivesse gritando com ela.

O pai está preocupado, não tanto pela sua filha, mas pelo sangue que corre nela, esse tipo de pensamento refere-se a ideia de manter a pureza racial sem se misturar com outras raças.

As causas exclusivas da decadência de antigas civilizações são: a mistura de sangue e o rebaixamento do nível da raça, que aquele fenômeno acarreta. Está provado que não são as guerras perdidas que exterminam os homens e sim a perda daquela resistência, que só o sangue puro oferece. Tudo o que, no Mundo, não é raça boa é joio.(HITLER, 2006, p.220)

Já o rosto da sua filha foi desenhado com um olhar soberbo e não está olhando para a direção do seu pai, pois está ignorando-o. O egoísmo aqui dito pelo pai da mulher, e a maneira que o olhar dela foi desenhado, o livro, até o momento, só havia se referido aos judeus dessa maneira. Aqui há uma tentativa de evocar para as crianças que conforme se anda com a outra raça, pega-se os seus costumes e até mesmo sua semelhança física. Esse tipo de pensamento tem como base:

O ariano sacrificou a pureza de sangue, perdendo assim o lugar no Paraíso, que ele mesmo tinha preparado. Sucumbiu, com a mistura racial; perdeu, aos poucos, cada vez mais, sua capacidade civilizadora, até que começou a se assemelhar mais aos indivíduos subjugados do que a seus antepassados, e isso, não só no intelectual como fisicamente. Algum tempo ainda, pode fruir dos bens já existentes da civilização, mas, depois, sobreveio a paralisação do progresso e o homem se esqueceu de si próprio. (HITLER, 2006, p, 220)

Na imagem há apenas duas cadeiras ilustradas na mesa de jantar, indicando que apenas duas pessoas moram nesse lugar. A mãe pode ser falecida, ou separada, ou a filha já mora com Sali Rosenfeld.

Figura 27 – A serva



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Essa seção é dividida entre seis imagens e seis textos. Ela começa com a autora trabalhando com a questão de um médico judeu, passa pela exaltação de Julius Streicher e do jornal *Der Stürmer*, incentivo às crianças a não comprarem de lojas de judeus, demonstra para as crianças do porquê não ter judeus nas escolas e termina com idealização da expulsão do povo judeu da Alemanha.

Na primeira imagem há a representação de dois judeus, um doente e um médico, no canto está desenhado um menorá e no outro canto há a morte. Aqui a morte está representada com um chapéu que se assemelha ao chapéu *hoiche* utilizado pelo povo judeu, podendo indicar que a morte é uma amiga do povo judeu.

O homem que está doente aponta para a morte como se ele estivesse a vendo, já o médico olha calmamente para o homem. O doente foi representado de uma maneira magra, sua roupa está sobrando no pescoço e também nos braços, já o médico está representado de maneira gorda, e apesar de estar de *smoking* e cartola, sua calça parece ser de um pijama, podendo indicar que ele foi atender o homem às pressas. O pijama do homem doente tem as cores e formato semelhante, ao que viria a ser mais tarde, os uniformes dos campos de concentração.

No elemento textual a autora nomeia o médico como Dr. Wehdir, uma brincadeira com as palavras, pois *weh dir* tem como tradução ai de você. Remetendo que quem se trata com médico judeu no final acaba sofrendo, até mesmo morrendo conforme a autora pontua em seu texto.

A autora ainda escreve que o remédio que o médico vai dar para o homem é um segredo desse médico, mas que ela sabe que o remédio antes de ser completado foi testado em alemães e que três morreram e outros tiveram sua saúde arruinada até chegar o resultado final. Pois, segundo ela, vale tudo para salvar outro judeu do inferno. A autora nesse elemento remete à ideia apresentada no começo do livro, que os judeus são filhos do Diabo, sendo assim, o seu lugar após a morte sempre vai ser o inferno.

Assim, o Dr. Wehdir também garante
 Esse mais um judeu é salvo do Inferno.
 Se em “goys” foi tentado primeiro
 Para os cristãos, isso não é pior.
 Esta é a verdadeira moral desta história:
 Nunca confie em médicos judeus!
 “O cristão é realmente como um cachorro,
 Portanto, é nosso trabalho acabar com ele.
 Ame apenas os judeus.”
 Assim está escrito Talmud. (BAUER, 1936, p.27)

Figura 28 – O médico Judeu



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Na segunda parte dessa seção há a introdução, e exaltação, de Julius Streicher. No elemento textual a autora escreve que esse homem é uma das salvaçãoes da Alemanha, pois, segundo ela, ele veio do interior da Alemanha e ensinou aos alemães o que é ser um povo saudável, conforme ela pontua:

Os judeus, por sua vez, ele ensinou uma lição,
O valor de um povo saudável.
Ele os deixou sentir o espírito alemão
Entre judeu e nós, ele mostrou a diferença.
(BAUER, 1936, p.29)

Durante o texto que antecede a imagem a autora não cita o nome de Streicher, ela coloca como legenda da imagem. Na imagem em que ele está representado ele está recebendo flores de uma menina, enquanto várias crianças estão sorrindo em sua volta e outras fazendo uma saudação nazista. Ele foi retratado com o uniforme de *Gauleiter*¹³ e um sorriso calmo.

O texto produzido pela autora tem relação com a importância atribuída ao *Der Stürmer* no momento, além do terror que o jornal conseguia causar entre a população alemã e também judaica. Conforme pontua Bessel:

Fregueses de lojas judias podiam ser fotografados por membros do Partido Nazista e os que comerciavam com judeus podiam ter o nome registrado no jornal antissemita *Der Stürmer*. (BESSEL, 2014, p.80).

As ideias antissemitas espalhadas pelo jornal de Streicher conseguiam circular na população alemã mais do que as leis antissemitas produzidas pelo governo nazista. Apesar do *Der Stürmer* não ter uma boa aprovação dentro do círculo político do Partido Nazista, sendo proibido por certo tempo até mesmo no governo Nazista (KERSHAW, 2010), ele conseguiu se enraizar em alguns focos de populações regionais. Pois o preconceito antissemita, espalhado pelo jornal, começa a alimentar práticas antissemitas.

A partir do momento que as leis antissemitas começam a ser instaladas, o princípio básico de que todos são iguais perante a lei acaba sendo destruído. “O Estado Nazista torna-se um local explicitamente racial, baseado na pressuposta ideia de pureza de sangue e luta racial entre povos” (BESSEL, 2014, p.79) e que caberia ao povo protagonizar essa luta, com a ajuda, e libertação, de seus guias nazistas. Julius Streicher acaba assumindo esse papel através da criação de estereótipos

¹³ Líder regional. Streicher foi líder da região de Francônia de 1929 a 1940.

malignos do povo judeu. Utilizando seu jornal para persuadir e criar o ódio em seus leitores. Baseado nisso, a autora o coloca com um salvador do povo.

Figura 29 - O médico Judeu



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmerverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20-Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Prosseguindo com o culto a imagem de Streicher, a autora escreve um texto dizendo que ele está em uma missão há anos, essa missão causa medo em todos os judeus e eles devem começar a tremer, pois logo Streicher será conhecido no mundo já que seu jornal já chegou na América, além do texto a autora pontua isso ao desenhar um jornal com a manchete: Grite América.

Na questão da imagem, a autora desenha três representações de judeu conversando entre si, um deles está com um olhar desconfiado e dois estão com olhares firmes, ao lado há três corvos, representando os judeus e eles estão agindo como se estivessem conspirando entre si, aqui a autora quis perpetuar nas crianças a imagem de um povo sorrateiro, que se reúne para conspirar contra o povo Alemão.

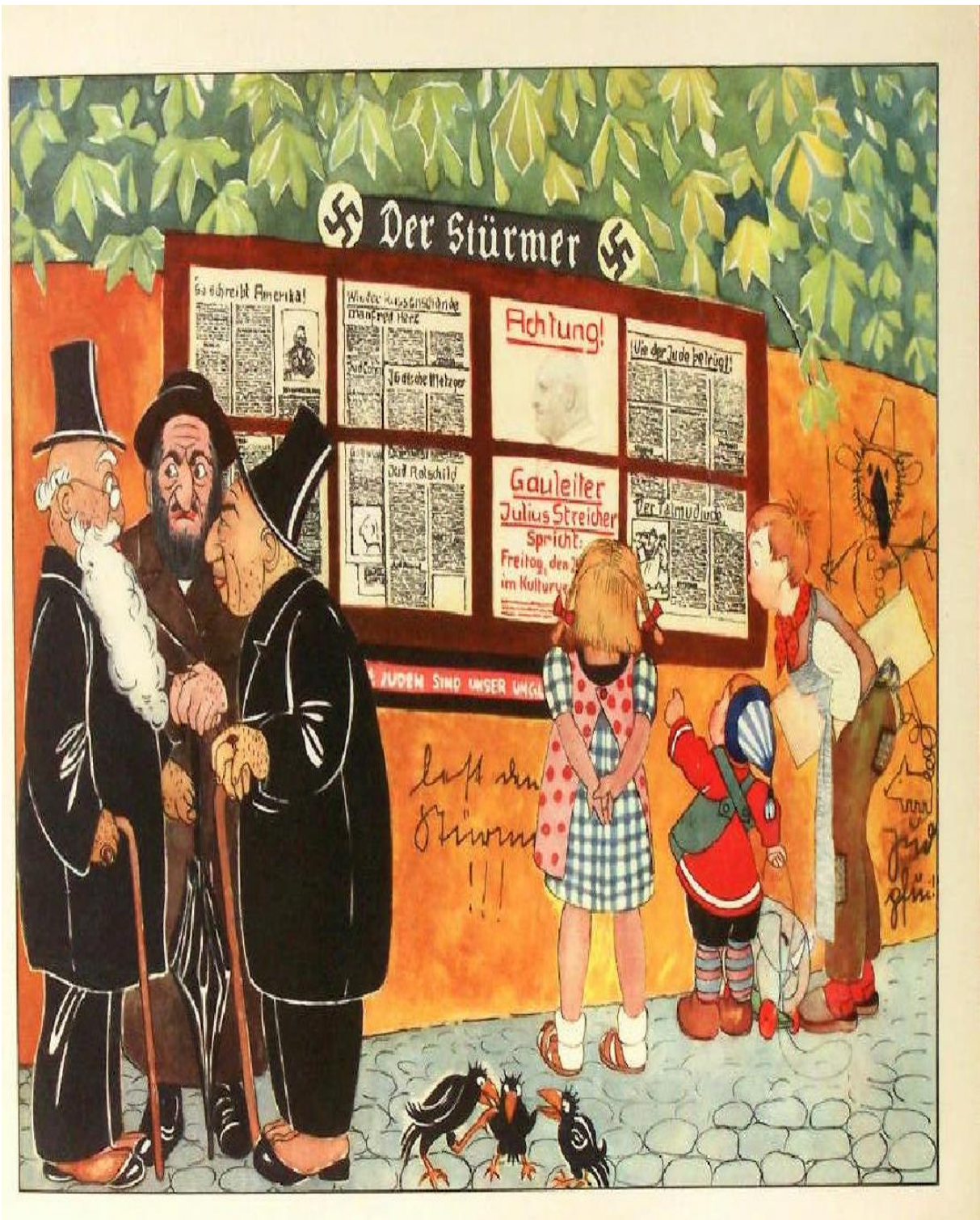
Essa analogia entre os judeus da imagem e os corvos pode ser pensada devido a maneira que a autora os desenhou, os dois judeus mais novos estão prestando atenção ao judeu mais velho que se encontra a mais esquerda, assim como os dois corvos estão prestando atenção ao corvo a mais esquerda, esse que está com uma garra levantada como se estivesse ditando uma ordem. Além dos judeus estarem apenas com vestimentas escuras, assim como corvos.

O olhar desconfiado do judeu se dá também pelo clima que a imagem está passando ao leitor, no fundo há um mural de avisos do *Der Stürmer*, que traz as duas únicas suásticas desenhadas no livro, há alguns jornais colados, uma propaganda de Julius Streicher escrita: Atenção. E abaixo há um cartaz comunicando que Julius Streicher irá fazer um comício na sexta-feira no centro cultural.

No muro há pixações em uma grafia incompreensível e dois desenhos remetendo aos judeus, o primeiro é uma caricatura, além dos estereótipos já retratados essa traz uma bengala, indicando que pode ser algum dos judeus que estão na imagem, e abaixo há um porco desenhado, querendo fazer a alusão de animal e sujeira ao povo judeu.

Um detalhe a atentar, há apenas crianças observando os avisos, a menorzinha portando um carrinho de brinquedo. Uma criança está com um avental e roupas remendadas, indicando que ela trabalha e não tem muita condição de vida, em contraposição aos judeus representados de maneira bem-vestida. A autora desenhou apenas crianças aqui, pois além de ser um livro infantil, para servir como introdução a última seção desse livro que é sobre a juventude hitlerista.

Figura 30 - O médico Judeu



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmerverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20-Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Essa parte da seção está destinada a inserir nas crianças a ideia do boicote aos negócios de judeus. O elemento textual traz uma mãe falando para sua filha que não se deve comprar em lojas em que os judeus são donos, e por conta disso elas vão caminhar mais um pouco para uma loja alemã. A autora coloca para as crianças sempre lembrarem que se deve comprar produtos alemães feitos por mãos e força do trabalho alemão. Pois além de ser mais barato, vai haver muito mais qualidade do que os produtos das lojas dos judeus.

Pela imagem conseguimos perceber que essa loja é de um judeu devido ao seu nome estar na vitrine e pela Estrela de Davi pendurada como um brinquedo. A imagem traz três crianças de costas, uma delas há a possibilidade de ser uma criança judia. Pois seu cabelo está desenhado como o estereótipo apresentado em outras crianças judias que foram retratadas no livro. Mais distante à esquerda, há duas crianças abraçadas e apontando para uma boneca. Na entrada da porta há um cachorro preto, ele aparecerá novamente ao longo da seção.

Em primeiro plano temos uma mãe e sua filha, ambas representadas com o ideal ariano, a mulher é alta e loira, a criança é mais alta que as demais e loira também. Ela está apontando para a loja com um olhar de curiosidade, enquanto sua mãe está falando com ela de uma maneira tranquilo, como se de fato estivesse explicando algo.

Como o livro foi publicado em 1936, ainda era permitido aos judeus terem seus negócios, apesar de haver um forte boicote promovido pelo Partido Nazista e pelo *Der Stürmer*. A proibição dos negócios acontece em 1938 após a Noite dos Cristais.

Em 12 de novembro, o governo decretou que os judeus teriam de transferir as suas empresas varejistas para arianos; três dias depois todas as crianças judias foram expulsas das escolas alemãs. No final de 1938 os judeus não podiam ter negócios, comparecer a peças ou concertos públicos, matricular os filhos em escolas alemãs nem dirigir veículos motorizados. (BESSEL, 2014, p.83)

Apesar do esforço da proibição, e do incentivo da autora para não comprar em nenhum negócio judeu, os esforços ainda não tinham sido o suficiente para alcançar grande parcela da população alemã, conforme o texto analisado por Bessel:

Nesse mês de setembro, um apoiador do Partido Social-Democrata na Saxônia escreveu: “A maioria da população, no entanto, ignora a difamação dos judeus; até escolhem abertamente comprar em lojas de departamentos judaicas e adotam uma atitude bastante hostil em relação as SA de serviço ali [...]”. A situação não havia mudado quase dois anos mais tarde (1937), quando a Gestapo na Baviera relatou que negociantes de gado judeus ainda controlavam a maior parte do mercado e que um grande número de camponeses se mostrava contente em fazer negócios com eles. (REES, 2018, p.85)

Essa parte da seção traz uma idealização da expulsão de pessoas judias das escolas. No elemento textual a autora escreve com o ponto de vista de uma criança, dizendo que agora vai ser divertido ir a escolas, pois os judeus, velhos e novos, estão sendo forçados a ir embora. E que a partir de agora os professores alemães estariam no controle e assim seria melhor aprender.

Apesar das Leis de Nuremberg, aprovadas em 1935, retirarem alguns direitos do povo judeu, elas não entravam no âmbito de retirar o acesso de crianças judias nas escolas. Então, nessa seção, a autora faz uma idealização do que para ela seria um lugar ideal para ser viver. “E mesmo com as leis em vigor, muitos alemães comuns não se preocupavam tanto com as medidas tomadas contra os judeus, para eles era mais importante a questão da diminuição do desemprego.” (REES, 2018, p. 83).

Nesse livro há um esforço da autora em preparar as crianças para serem mais intolerantes que grande parte dos seus pais. Apesar do clima da Alemanha ser antissemita, é possível perceber que não existe, até o momento, uma forte radicalização do povo alemão. Ao criar a ideia de *Völkisch*¹⁴, Hitler esboça a ideia de como seria a nação alemã sem o seu inimigo, o povo judeu. Para isso ele precisaria mudar toda a mentalidade da nação alemã, tarefa que ele vai atribuir a educação escolar. Pois seria mais fácil modificar a mentalidade das crianças, mas isso é um trabalho de longo prazo, conforme Rees:

Uma parte crucial dessa “tarefa educacional” era despertar os alemães “arianos” para o perigo dos judeus. Mas embora Hitler pudesse legislar a respeito da perseguição aos judeus por meio de novas leis, não contava com a mesma facilidade para mudar a mentalidade da nação. E em setembro de 1935, o mesmo mês em que foram anunciadas as Leis de Nuremberg, ficou claro que estava ainda um pouco distante de concretizar essa que ele chamou de “gigantesca tarefa educacional”. (REES, 2018, p.85).

Na parte imagética, a autora retratou um ambiente escolar. Pode-se perceber que há seis crianças desenhadas pelo estereótipo judaico, cabelos escuros, nariz e orelhas grandes, sobrancelhas espessas. Algumas dessas crianças estão fazendo caretas para as crianças alemãs, outras estão chorando por terem sido expulsas e há um menino que está puxando o cabelo de uma menina alemã, enquanto um alemão puxa o seu cabelo rindo. Já o professor judeu está com um olhar de reprovação e os punhos cerrados, indicando raiva por ter perdido o seu emprego.

¹⁴ Ideia de um Estado relativo ao povo alemão, voltado para o conceito de pureza racial.

Já as crianças alemãs foram representadas rindo, algumas fazendo careta e apontando para os judeus, e outras estão de costas voltadas para o professor alemão que está sorrindo para elas e apontando para uma criança que está fazendo uma saudação nazista.

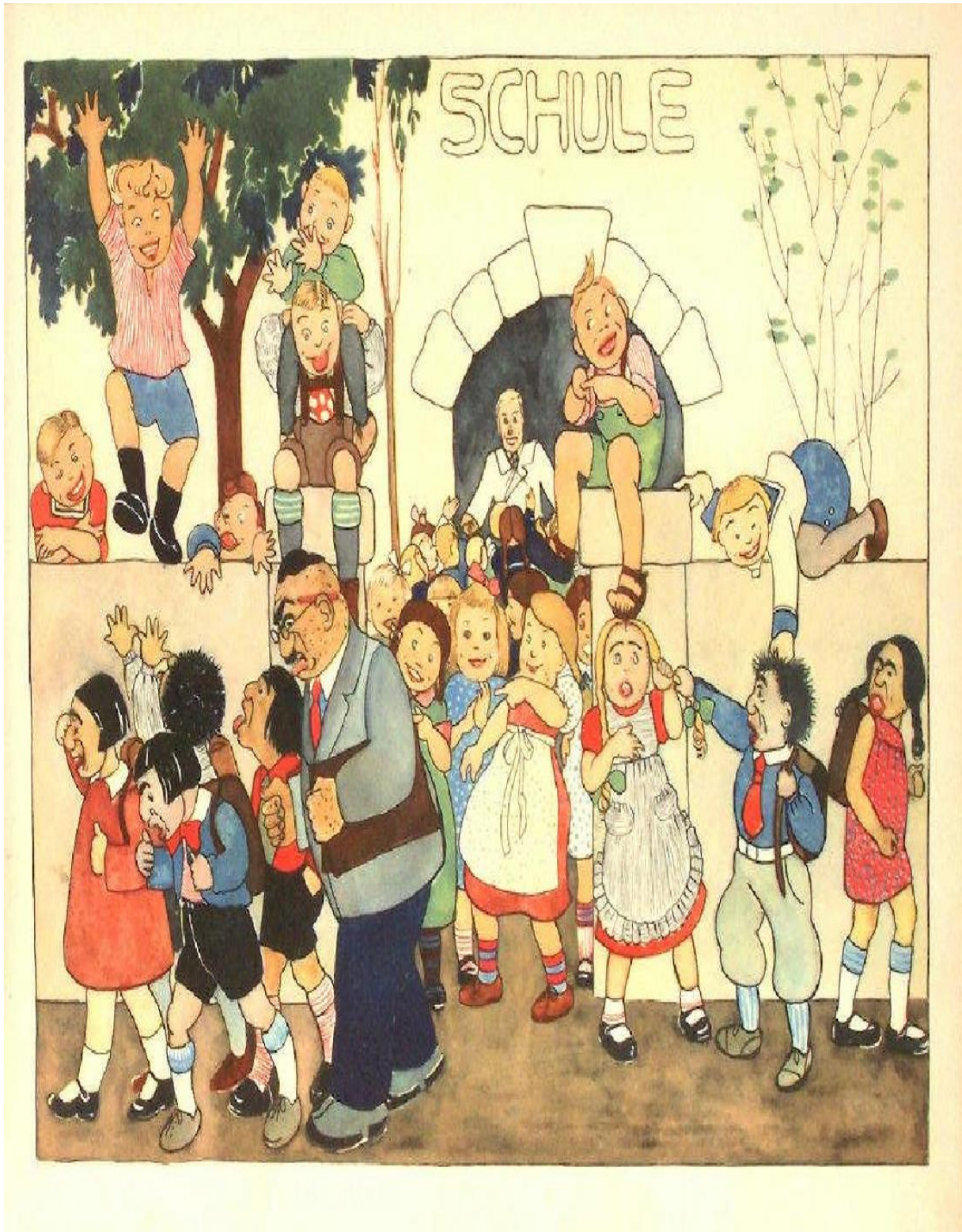
A autora ao ilustrar, e escrever, esse clima de exaltação das crianças em conseguirem ter somente professor alemão quis demonstrar que agora as crianças teriam o conhecimento de como é ser verdadeiramente alemão, aqui ela está tentando criar nas crianças a ideia proposta por Hitler da comunidade racial alemã. A maneira que a autora desenhou a imagem pode ser interpretada juntamente com esses dois relatos trabalhados por Rees:

Professores do sistema de educação nazista passavam boa parte do tempo dizendo a seus alunos “arianos” que eles eram superiores aos judeus, portanto o contexto geral no qual se ensinava o antissemitismo era de positividade. Maria Mauth, por exemplo, lembra que seus professores no norte da Alemanha na década de 1930 diziam que “apenas os alemães são seres humanos de valor – havia um livrinho chamado Inventores alemães, poetas alemães, músicos alemães –, não existia mais nada. E nós o devorávamos. Estávamos absolutamente convencidos de ser os maiores”. Erna Krantz, jovem colegial em Munique na mesma época, achava que “Foi realizada muita coisa na área educacional, os jovens tinham muitas oportunidades [...] tudo estava sendo organizado. Não vivíamos em abundância como hoje, mas havia ordem e disciplina. E também tínhamos muitos modelos para nos inspirar. Isso era estimulado. Bons escritores, eles eram enfatizados, os filósofos também [...] Bem, tenho que dizer que era algo contagiante, vocês costumam afirmar que se dissermos a um jovem todo dia ‘Você é alguém especial’, então no final ele vai acreditar nisso. Bem, quero dizer que eles tentavam criar a chamada raça alemã. E repetiam muitas vezes, queremos isso, queremos aquilo, queremos gente saudável, pessoas fortes, trabalhadoras, pessoas aptas. Acima de tudo, palpitava a germanidade; o que era exercitado, fortalecido, naqueles anos, era a germanidade”. (REES, 2018, p.86)

O relato de Erna Krantz pode ser utilizado para a introduzir a próxima, e última, seção e também reafirma o que Hitler escreve sobre como deveria funcionar parte da educação nazista:

[...] o Estado deve dirigir a educação do povo, não no sentido puramente intelectual, mas visando sobretudo à formação de corpos saudáveis. Em segundo plano, é que vem a educação intelectual. Aqui, ainda a formação do caráter deve ser a primeira preocupação, especialmente a formação do poder de vontade e de decisão e do hábito de assumir com prazer todas as responsabilidades. Só depois disso, é que vem a aquisição do conhecimento puro. (HITLER, 2016, p.309)

Figura 32 – O médico Judeu



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

No encerramento dessa seção a autora coloca para as crianças a ideia de *Vaterland*¹⁵ e que ela deve se manter pura. Para isso a autora faz uma analogia com as belezas naturais e espaços físicos da Alemanha.

No texto a autora coloca que todos conhecem as belezas naturais do país, que ela traz força e saúde para quem frequenta esses locais. E que por isso os judeus não são permitidos frequentar esses locais, pois eles serão uma mancha nas belezas naturais. Pois os céus desses locais pertencem ao povo alemão e como dever eles devem impedir a entrada do povo judeu nesses locais.

Essa parte da seção é trabalhada em cima da ideia de Hitler:

Para mim, porém, e para todos os verdadeiros nacionais socialistas, só há uma doutrina: Povo e Pátria. O objetivo da nossa luta deve ser o da garantia da existência e da multiplicação de nossa raça e no nosso povo, da subsistência de seus filhos e da pureza do sangue, da liberdade e independência da pátria, a fim de que o nosso povo germânico possa amadurecer para realizar a missão que o criador do universo a ele destinou. (HITLER, 2016, p.162)

Na parte de imagem a autora desenhou o judeu dono da loja de brinquedos, sabe-se disso devido o cachorro, com sua família indo aproveitar o lago e o gramado. Mas se deparam com uma placa escrita: Judeus são indesejados aqui. Nessa placa há dois corvos desenhados com os bicos abertos, podem estar rindo da família.

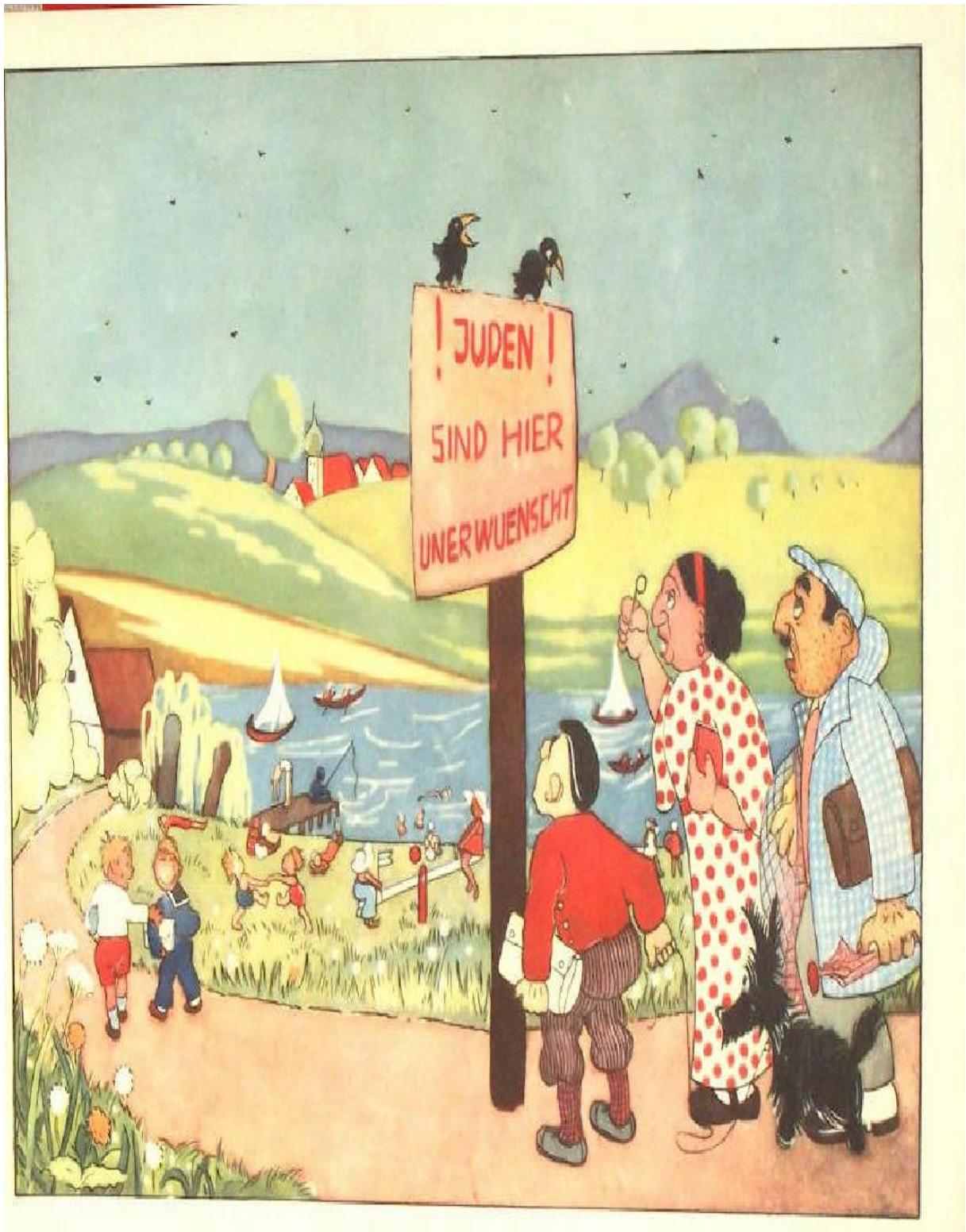
Já a família, desenhada com os traços estereotipados, aparentam estar surpresos ao lerem o que está escrito na placa. Mais ao fundo há duas crianças alemãs, voltando da escola, olhando para trás e rindo da família. Enquanto há várias crianças brincando no gramado e outras no lago.

Rees, ao trabalhar com alguns relatos, consegue confirmar a hostilidade desenhada pela autora:

Rudi Bamber lembra que, por volta de 1935, “você precisava ser cada vez mais cauteloso, porque muitas cidades e vilas exibiam cartazes que diziam ‘Judeus não são bem-vindos’, por isso era difícil achar um lugar onde você pudesse ir e ser aceito como judeu”. (REES, 2018, p.79)

¹⁵ Conceito de pátria

Figura 33 – O médico Judeu



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Na última seção a autora incentiva as crianças, ao atingirem a idade, a se alistar na Juventude Hitlerista. Ela começa com um texto de exaltação ao movimento juvenil.

Os jovens que se dizem realmente alemães
Devem ser comprometidos com a Juventude Hitlerista.
Ela quer viver para o *Führer*
Seu esforço é para o futuro.
Se tornarão maiores e mais fortes,
então assumam a herança alemã,
a grande pátria sagrada
Está hoje como sempre esteve.
A partir desta imagem pode ser visto,
Juventude Hitlerista em semblante esplêndido,
Do menor ao maior menino.
Todos são resistentes e fortes.
Eles amam seu *Führer* alemão
E Deus no Céu eles temem.
Mas os judeus eles devem desprezar!
Eles não são como esses meninos,
Portanto, os judeus devem ceder!
(BAUER, 1936, p.39)

Um ponto do texto a ser destacado é a relação que a autora coloca com Hitler, ela escreve que “a juventude quer viver pelo *Führer*”. Apesar da devoção e paixão, criada e alimentada nas escolas, esses jovens não passavam de um instrumento a ser utilizado para que Hitler alcançasse seus objetivos.

Criada oficialmente em 1926, a Juventude Hitlerista oferecia a seus integrantes agitação, aventura e novos heróis para venerar. Deu a estes jovens esperança, poder e a oportunidade de fazer suas vozes serem ouvidas. [...] deu também a oportunidade de se rebelarem contra os pais, professores, padres e outros superiores. [...] Adolf Hitler admirava a energia natural e a capacidade de envolvimento dos jovens. Entendeu que eles poderiam ser uma poderosa força política que ajudaria a moldar o futuro da Alemanha. Em sua luta pelo poder, Hitler aproveitou o entusiasmo e a lealdade deles. [...] Hitler contava com os meninos e meninas da Alemanha. (BARTOLLETTI, 2006, p.13)

No elemento da imagem há vários meninos, já que a *HitlerJugend* era destinada ao sexo masculino, marchando com o mesmo uniforme e portando uma bandeira com uma runa chamada *sig*. Essa runa pode ser entendida como símbolo da vitória conforme a reinterpretação nazista:

A runa *sig* simbolizava a vitória (sieg). O nome da runa ᚱ é traduzido como "Sol", no entanto, von List¹⁶ a reinterpretoou como um sinal de vitória quando compilou sua lista de "runas de Armanen". (YENNE, 2010, p.68)

Essa marcha está ocorrendo em um campo isolado da cidade, ela pode ser vista desenhada atrás de uma floresta. Essa distância retratada pela autora pode

¹⁶ Guido Von List, escritor do livro *Das Geheimnis der Runen* (O segredo das Runas) no qual ele cria as runas de Armanen que seriam utilizadas pelo partido Nazista.

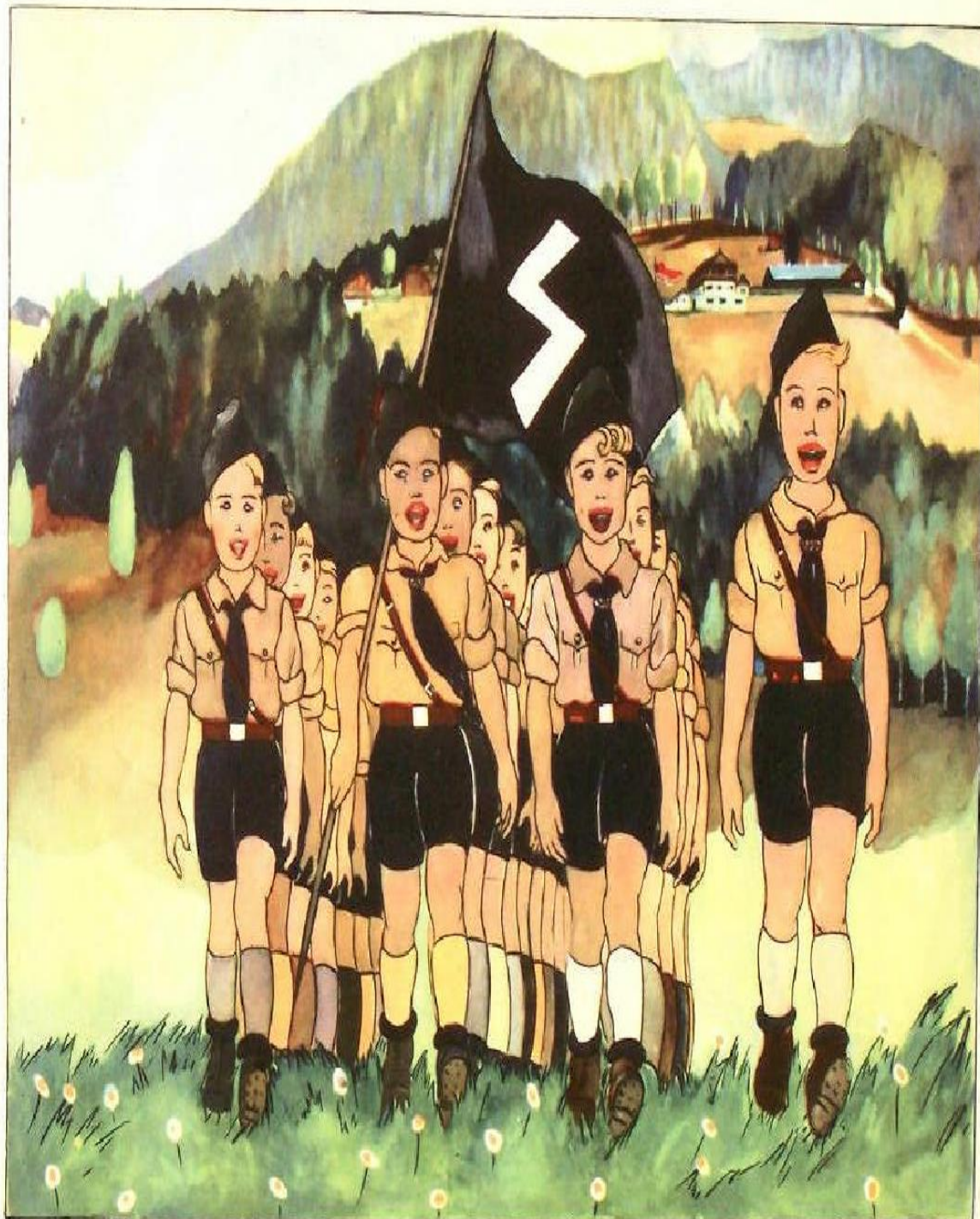
indicar que os jovens estavam marchando por uma grande distância e mesmo assim, foram desenhados, sorrindo e felizes. Trazendo a ideia da juventude forte e valente tão propagada por Hitler. Segundo ele:

É dever do Estado nacionalista cultivar a eficiência física, não somente nos anos de frequência à escola, mas também depois da idade escolar. Enquanto o indivíduo se estiver desenvolvendo fisicamente, este desenvolvimento deve ser dirigido de modo que se torne para ele uma benção futura. (HITLER, 2016, p.313)

Todos os jovens foram retratados com uniformes idênticos, com exceção das meias que possuem tonalidades próximas, e isso além de demonstrar a unidade que estava querendo se passar, há também uma ideia escrita por Hitler acerca do vestuário da juventude.

Só por um imenso desenvolvimento de nossa força de vontade, por uma sede de liberdade e por uma alta devoção à Pátria é que se poderá reconquistar o que nos tem faltado. Até o vestuário dos jovens deve ser apropriado a esse fim. É uma verdadeira lástima ser obrigado a ver como os moços de hoje se submetem a uma moda idiota que muito bem se traduz no ditado popular – as roupas fazem os homens. Justamente na mocidade é que o vestuário deve estar em função da finalidade educacional. Um jovem que, no verão, anda para cima e para baixo vestido até o pescoço, só por isso dificulta a sua educação física. O espírito de honra e – digamos entre nós – a vaidade deve ser cultivada, mas não a vaidade de possuir belas roupas, que nem todos podem comprar, mas a de criar-se um corpo bem formado, a que todos podem concorrer. (HITLER, 2016, p.312)

Figura 34 – A Juventude de Hitler



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

E como encerramento da seção, e do livro também, a autora idealiza para as crianças o que seria uma nação perfeita para o povo alemão. Uma nação sem os judeus.

No elemento textual ela escreve que os judeus vieram do extremo sul e para lá devem voltar, seguindo o raciocínio do início do livro no qual ela pontua que os judeus se espalharam pelo mundo a partir do Egito.

Ela retoma os nomes dos personagens representados, colocando que eles devem sair da Alemanha tão rápido quanto chegaram e que a imagem desenhada é algo nojento pois, para ela, os judeus são animais sujos e estão completamente de cara fechada ao serem removidos do país

Tanto no elemento textual, quanto no imagético, a autora está incentivando uma expulsão de todos os judeus do território alemão. Isso aconteceria mais tarde, principalmente no ano de 1938 com o pogrom da Noite dos Cristais, mas até o ano de 1936, época que o livro foi escrito, ainda havia uma grande quantidade de judeus vivendo na Alemanha, sendo que muitos já estavam presos.

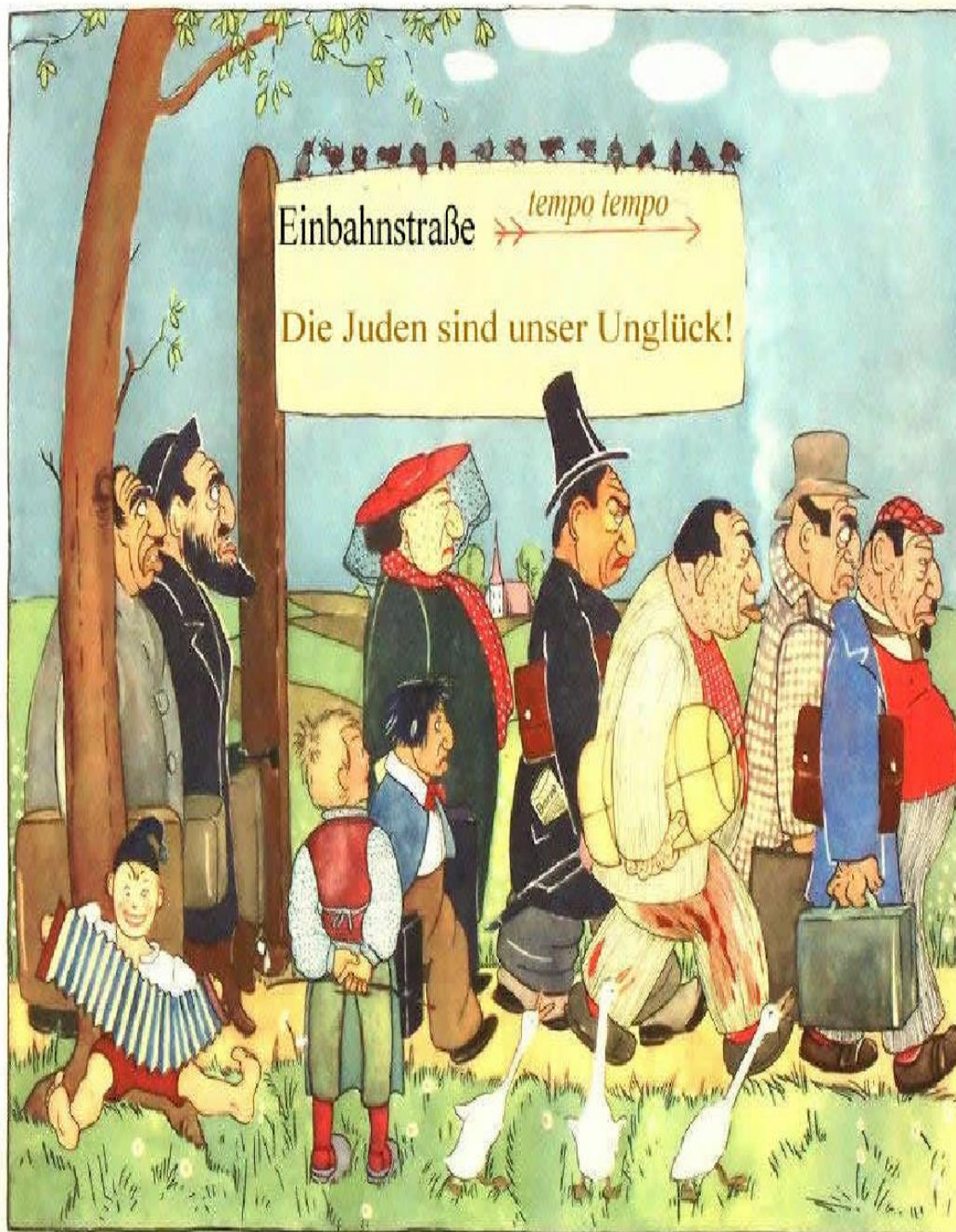
Na metade de 1935, menos de quatro mil pessoas estavam presas no sistema de campos de concentração – enquanto mais de vinte e cinco vezes essa cifra continuava em prisões convencionais. Quanto aos judeus alemães, a política nazista continuou sendo a de restringir seus direitos na Alemanha e incentivá-los a sair do país. Mas emigrar não era fácil para os judeus. (REES, 2018, p.77)

Na imagem está desenhando alguns personagens judeus que apareceram ao longo do livro. Alguns representados com uma cara indicando raiva, dois olhando para a placa com descrença, e o mais à frente aparenta estar preocupado, foram desenhadas duas gotas de suor em seu rosto e ele está cabisbaixo com o olhar cerrado para o chão. Há algumas sutilezas desenhadas, como o açougueiro estar com a roupa suja de sangue dos animais, indicando a imundice que a autora se refere ao povo judeu, e o homem com as melhores vestes com um jornal no bolso, podendo indicar o controle judeu sob a mídia, conforme pontuava Hitler.

Na placa há alguns passarinhos escuros em cima, pode ficar entendido como o desenho dos corvos que a autora fazia alusão aos judeus. E nela está escrito: Via de mão única. Rápido, rápido. Os judeus são nosso infortúnio.

Indicando a pressa que a autora tem em expulsar os judeus da Alemanha, e que por ser uma rua de mão única eles não deveriam voltar, apenas ir para o extremo sul. E isso sendo observado por duas crianças, uma tocando uma sanfona e rindo e outra segurando uma vareta em posição de ordem.

Figura 35 – A Juventude de Hitler



Fonte: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nuremberg: Stürmeverlag, 1936. Disponível em: <https://www.mori.bz.it/Bauer%20Elvira%20Trau%20Keinem%20Fuchs.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

CAPÍTULO 4 MATERIAL DIDÁTICO

Com uma análise crítica acerca dos materiais produzidos pelo Partido Nazista é possível demonstrar para os estudantes a importância de se combater o ódio e a discriminação, bem como demonstrar como uma nação foi levada a crer nesses ideais.

Fazer os alunos refletirem sobre as imagens que lhe são postas diante dos olhos é uma das tarefas urgentes da escola e cabe ao professor criar as oportunidades, em todas as circunstâncias, sem esperar a socialização de suportes tecnológicos mais sofisticados para as diferentes escolas e condições de trabalho, considerando a manutenção das enormes diferenças sociais, culturais e econômicas pela política vigente. (BITTENCOURT, 1998, p. 89)

O material didático proposto por esse trabalho foi norteado a partir do pensamento de Circe Bittencourt sobre as oportunidades e circunstâncias para a análise das imagens.

Com isso em mente, o material foi dividido em 4 passos para a sua utilização e chegada do seu objetivo, esses passos foram pensados numa perspectiva prática e mais flexível referente ao número de aula. A análise do material deve ser feita com o objetivo de desconstruir o ódio, bem como, discutir o momento atual. Pois conforme pontua Martine Jolly:

Como dissemos, uma boa análise define-se antes de mais pelos seus objetivos. Definir o objetivo de uma análise é indispensável para estabelecer os seus próprios instrumentos, não esquecendo que eles determinam em alto grau o objeto da análise e as suas conclusões. De fato, a análise por si própria não só não se justifica como não tem interesse; ela deve servir um projeto e é este que lhe fornecerá a sua orientação, assim como lhe permitirá elaborar a sua metodologia. Não há método absoluto para a análise, mas sim opções a fazer, ou a inventar, em função dos objetivos. (JOLLY, 2003, p.54)

A avaliação do conteúdo deve ocorrer no quarto passo desse processo, essa atividade pode ser avaliada não apenas com o intuito de atribuição de nota, mas também com uma forma de diagnosticar a classe e o estudante em alguns níveis como a capacidade de interpretação das imagens; desenvolvimento de uma narrativa a partir de uma fonte; expressão de ideias e valores e a organização individual ou do grupo referente ao projeto proposto.

Esse material é uma sugestão de uso de imagens para compreender o período da Alemanha Nazista de 1933 a 1945. O material vai se manter ao tema trabalhado nessa dissertação, o antissemitismo. Mas o/a professor/a pode ficar a vontade de trabalhar novas imagens e outros temas referentes a crítica do imaginário nazista.

4.1 PRIMEIRO PASSO

O primeiro passo é o processo de contextualização da época em que as imagens foram produzidas. Explicar para os estudantes como o contexto pode afetar a interpretação das imagens e como isso pode ser útil para compreender as imagens que eles devem analisar. Esse passo deve ser utilizado como uma introdução ao conteúdo sobre ascensão nazista na Alemanha. Elementos do período pós Primeira Guerra Mundial devem ser retomados, tais como: A Queda da Bolsa de 1929, Pangermanismo; Tratado de Versalhes.

Feito o processo de retomada de conteúdos pré Segunda Guerra Mundial cabe um momento de provocação aos estudantes, pode-se fazer perguntar simples como:

Alguém sabe dizer o que é o Nazismo?

Quem foi o principal nome do Partido Nazista?

Já ouviram falar da Suástica? O que ela representa?

O que levou várias pessoas a seguir uma doutrina de ódio?

Essas perguntas devem propor discussões acerca do tema e principalmente a instigar os alunos a iniciar uma reflexão sobre o tema. Após essa contextualização a turma vai ser direcionada a trabalhar um tema específico acerca do conteúdo. Reiterando, o tema aqui proposto é o antissemitismo, mas há a liberdade para se trabalhar outras temáticas, como: gênero na Alemanha Nazista, trabalho, anticomunismo, culto ao *Führer*, etc.

Com o tema escolhido deve se iniciar a separação da turma em grupos, é interessante que esse trabalho seja feito grupo devido as várias visões que as pessoas podem ter acerca das imagens escolhidas para serem trabalhadas. É recomendado que cada grupo tenha imagens diferentes, sobre o mesmo tema, para que seja possível criar uma diversidade de ideias ainda maior.

Já com os grupos escolhidos deverá ser comunicado aos estudantes que cada grupo deverá apresentar para a turma as análises das imagens e cada integrante do grupo deverá entregar por escrito para o/a professor/a as suas próprias reflexões sobre o tema. Aqui sugere-se que seja passado algumas perguntas para os alunos responderem ao final do trabalho, a fim de manter um direcionamento da discussão. E deve orientar a turma a escrever o que chamou atenção durante a apresentação dos outros grupos, isso é para que todos prestem atenção nos demais.

4.2 SEGUNDO PASSO

Nessa aula deve-se introduzir aos estudantes diretamente ao conceito que será trabalhado, aqui no caso será o antissemitismo. A aula deve começar com uma explicação sobre as teorias raciais, como isso acaba impactando o mundo atual, bem como a sua utilização pelo Partido Nazista.

Após a explicação inicial deve-se introduzir para os estudantes algumas imagens produzidas na época referente ao tema trabalhado. Após a apresentação de algumas imagens é interessante criar alguns questionamentos para a classe: se eles compreendem de o porquê dessas imagens terem sido produzidas, de como elas eram utilizadas para difundir mensagens de ódio e discriminação contra uma determinada parcela da população, se eles acham que houve um impacto na população, se pode ser caracterizado como arte. Aqui cabe também a explicação do Holocausto, como o produto final do ódio nazista pelos outros.

Até o final desse passo se espera que os estudantes tenham conseguido seguir o método proposto no livro de Peter Burke:

O primeiro desses níveis era a descrição pré-iconográfica, voltada para o 'significado natural', consistindo na identificação de objetos (tais como árvores, prédios, animais e pessoas) e eventos (refeições, batalhas, procissões, etc.). O segundo nível era a análise iconográfica no sentido estrito, voltado para o 'significado convencional' (reconhecer uma ceia como a *Última Ceia* ou uma batalha como a Batalha de Waterloo). O terceiro e principal nível, era o da interpretação iconológica, distinguia-se da iconografia pelo fato de se voltar para o 'significado intrínseco', em outras palavras, 'os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica'. É nesse nível que as imagens oferecem evidência útil, de fato indispensável, para os historiadores culturais. (BURKE, 2004, p.45)

Para que haja um controle de como anda o entendimento dos estudantes e se eles conseguiram compreender os três passos propostos por Peter Burke, recomenda-se que o/a professor/a projete uma imagem para a turma e passe uma ficha para a classe com as seguintes perguntas:

Quais foram os elementos que você conseguiu identificar na imagem?

Essa imagem está retratando algum evento ou situação cotidiana?

Qual é a sua interpretação sobre o que a imagem quer nos passar?

A partir dessas perguntas é possível avaliar se os estudantes compreenderam como funciona o processo para a análise das imagens e se não há dúvidas de como vai funcionar o andamento para eles apresentarem o seu projeto.

4.3 TERCEIRO PASSO

Na terceira aula ocorrerá o momento em que os estudantes vão criar as suas análises, nesse momento o/a professor/a entregará para os grupos cerca de três a quatro imagens diferentes, mas com a mesma temática. E após isso estará presente para ajudar a identificar possíveis dúvidas dos alunos acerca das imagens. Aqui os estudantes terão a autonomia para se organizarem do jeito que acharem mais prático, de propor as suas próprias teorias e divisão acerca do que cada membro do grupo vai fazer.

Com os grupos organizados as imagens serão entregues esses devem começar a identificar e destacar os elementos visuais das imagens atribuídas a cada grupo. Nesse primeiro momento os grupos devem destacar as cores, símbolos, características, formas, palavras e tentar perceber se há um padrão em cada imagem trabalhada por eles. Caso haja dúvidas sobre possíveis palavras nas imagens, os estudantes podem utilizar um celular para realizar a tradução.

Após o processo de identificação nas imagens, os grupos deverão criar teorias acerca do que aquela imagem quis representar. E de como esses elementos visuais podem criar, ou distorcer, realidades. No caso desse trabalho, os alunos deveriam conseguir reconhecer a construção do estereótipo judeu, bem como alguns elementos que o partido Nazista atribuiu ao povo judeu.

Após esses processos serem realizados, os grupos devem começar a organizar a sua apresentação para a classe inteira. Aqui cabe salientar a importância de que todos os membros expressem suas ideias ou percepções acerca das imagens trabalhadas com o grupo, pois um elemento que pode ser avaliado é a expressão de ideias de cada estudante sobre o que foi trabalhado, bem como, a construção de narrativa a partir de um documento.

Ao final dessa aula o/a professor/a fica encarregado de sanar possíveis dúvidas que podem surgir ao longo das apresentações, fazer possíveis correções e novas provocações para os grupos, caso algum detalhe tenha passado despercebido pelo grupo durante a sua análise.

4.4 QUARTO PASSO

Nessa última aula deverá acontecer a entrega do produto final de cada aluno, preferencialmente por escrito. E também deve acontecer uma discussão com a turma toda, sempre voltada para como desconstruir as mensagens antissemitas propagadas pelas imagens trabalhadas e de como a análise dos elementos visuais e do contexto histórico podem ajudar a entender melhor o significado das imagens.

Cabe aqui uma discussão voltada para o momento atual de massacres, e ameaças, em escolas que estão sendo propagados com mensagens e imagens nazistas, bem como contextualização sobre jogos, imagens e demais coisas que os alunos podem ter acesso e que façam referências ao Nazismo.

Essa reflexão deve ter como base o produto final no qual os estudantes devem colocar como a circulação de imagens de ódio na internet compactuam e ainda perpetuam a estratégia nazista do incentivo ao ódio pelas imagens e desenhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho apresentou dois livros infantis produzidos pelo Partido Nazista voltado para o público infantil e que tiveram o intuito de criar o ódio contra os judeus nessa parcela da população. O trabalho teve como objetivo a análise imagética e a contextualização dessas imagens, e textos, para a produção de um material didático para aulas mais interativas sobre um tema tão cruel e necessário.

Compreende-se que a Segunda Guerra Mundial possui um espaço no imaginário dos estudantes devido a jogos, filmes e séries. E o ódio incitado pelo movimento Nazista no período pré-guerra é algo que acaba sendo ofuscado por esses elementos mais atrativos.

Espera-se que com o trabalho apresentado seja possível criar uma visão mais crítica às imagens produzidas pelo Partido Nazista, não apenas as imagens analisadas no presente trabalho, mas possíveis outras que os estudantes possam se deparar ao longo de seus estudos. Pois certos elementos analisados no trabalho se repetem em demais cartuns, cartazes, livros, etc.

Durante o período do *Terceiro Reich* Hitler, e os demais apoiadores do seu partido, conseguiu doutrinar crianças e jovens com elementos persuasivos nada sutis e com o seu objetivo já escancarado, como por exemplo os livros aqui analisados. Essa doutrinação proposta por ele visava criar uma geração de racistas, conforme pontuado por Hitler:

Quem falar de uma missão do povo alemão neste mundo, deve saber que essa missão só pode consistir na formação de um Estado que vê, como sua maior finalidade, a conservação e o progresso dos elementos raciais que se mantiveram puros no seio do nosso povo, na humanidade inteira [...] O Estado alemão deve reunir todos os alemães com a finalidade não só de selecionar os melhores elementos raciais e conservá-los, mas também de elevá-los, lenta mas firmemente, a uma posição de domínio. (HITLER, 2006, p. 303)

Ao escrever isso, Hitler estava jogando o futuro do seu Estado alemão nas mãos dos jovens. Jovens que nem haviam nascido no momento em que ele escreveu o seu livro. Esse tipo de atitude mostra que a doutrinação nazista foi algo pensando com antecedência e prontamente colocada na educação a partir de várias reformas feitas até o final do *Terceiro Reich*.

O impacto dessas reformas, e doutrinação, foram tão grandes que muitas crianças morreram na fase final da guerra ao tentar defender a Alemanha. Esse

impacto pode ser observado com o comentário de Bartoletti acerca da decisão do Tribunal de *Nuremberg*¹⁷:

O Tribunal Internacional concluiu que as crianças e adolescentes do Terceiro Reich foram traídas, desertadas e sacrificadas por um partido e um regime que as usou para chegar ao poder.(BARTOLETTI, 2006, p. 136).

De acordo com o *United States Holocaust Memorial Museum*:

A Alemanha nazista e seus colaboradores mataram cerca de 1,5 milhão de crianças judias e dezenas de milhares de crianças Romani (ciganas), 5.000 a 7.000 crianças alemãs com deficiências físicas e mentais que viviam em instituições, bem como muitas crianças polonesas e crianças que residiam nos territórios ocupados pelos alemães da União Soviética. Adolescentes judeus e não judeus (13 a 18 anos) tinham maior chance de sobrevivência, pois poderiam ser usados para trabalhos forçados.

Espera-se que com esse trabalho o tema seja abordado da maneira crítica e necessária que ele se faz no atual momento do Brasil. Estudar o tema é algo visceral e parte do ódio não se faz atrativa, porém acaba sendo de grande pertinência visto que atualmente há tantos questionamentos sobre a educação mais inclusiva no Brasil. No período em que essa dissertação foi escrita há várias escolas militares espalhadas pelo país e uma certa banalidade do Nazismo nas redes sociais e até mesmo na educação. Visto que ultimamente há grande número de imagens nazistas circulando na internet, figurinhas fazendo apologia e incitando o ódio em grupos de redes sociais, notícias de apreensão de vários materiais nazistas e demais casos.

Dentro das redes sociais há perfis anônimos glorificando o nazismo e recrutando diversos estudantes para apoiar essa ideologia. Grande parte dos casos dos massacres, e ameaças, que aconteceram no período de escrita dessa dissertação eram de pessoas com perfis em redes sociais que exaltavam a ideologia nazista. E dentro desses perfis havia uma glorificação, até mesmo um incentivo, ao suicídio feito pelos autores desses massacres. Como é o caso da exaltação ao episódio do massacre de Columbine¹⁸.

Essa questão da exaltação ao suicídio é algo que foi escrito por Hitler (2016) que o sacrifício da pessoa pelo bem comum dos seus semelhantes seria algo louvável e que deveria atribuir o sentido de dever cumprido, já que a pessoa não pensou apenas em si, mas que procurou servir à coletividade, dos seus iguais. Esses

¹⁷ Série de julgamentos feitos pelos Aliados contra os crimes cometidos pelos Nazistas no período em que se mantiveram no poder.

¹⁸ Massacre escolar que ocorreu em 1999 na escola de Columbine nos Estados Unidos. Os dois autores do crime mataram 13 pessoas, feriram 24 e depois cometeram suicídio.

massacres são planejados e realizados por pessoas que se colocam como vítimas da sociedade, enquanto na realidade eles acabam sendo os agressores. Essa ideia de se colocar no papel de vítima e transformar isso como uma justificativa para a sua agressão foi descrita por Hitler:

A conquista da alma do povo só é realizável quando, ao mesmo tempo se luta para os próprios fins, se aniquila o adversário dos mesmos. O povo, em todos os tempos, encara a agressão impetuosa do adversário como uma prova do direito do agressor e considera a abstenção no aniquilamento do outro como um sinal de dúvida do próprio direito, quando não como sinal de ausência do mesmo. [...] A nacionalização de nossa massa popular só é realizável quando, na luta positiva para a conquista da alma do nosso povo, ao mesmo tempo esmagarmos os seus envenenadores internacionais. (HITLER, 2006, p. 250).

Trazer o tema sobre o ódio da maneira que o Partido Nazista levou para as crianças é um exercício de extrema importância para a educação, pois assim pode, e deve, se construir um olhar crítico sobre os estragos feitos por esse governo, bem como diminuir as chances da sedução que as imagens sem o contexto podem trazer para uma pessoa sem o conhecimento mais elaborado sobre o tema. Para Hitler (2016, p. 257) “o futuro do nosso movimento depende do fanatismo, mesmo da intolerância.” Com isso compreende-se que a maneira de se combater uma ascensão do nazismo dentro das escolas é debater sobre o tema, ao invés de silenciar.

Acredito que como educador da rede básica de ensino, e historiador, é meu dever manter a discussão e problematização desse tema viva. Principalmente nos tempos atuais, pois a educação escolar acaba disputando lugar com as redes sociais e *influencers*, muitos dos quais espalham desinformação sobre temas sensíveis.

Esse trabalho tem a função de servir como uma sugestão do uso do tema em sala de aula. Ele deu apenas uma pincelada no vasto número de fontes produzidas no período, se alongar mais seria um trabalho exaurível e se tornaria inviável de se utilizar em sala de aula. Há um leque enorme de temas das imagens produzidas pelos nazistas, assim como uma grande quantidade de imagens antissemitas produzidas. A escolha das imagens torna-se livre dependendo do que for trabalhado em sala de aula. Espera-se que essa dissertação, bem como material didático, sirva de inspiração para se explorar novas fontes e maneiras de trabalhar de maneira crítica e mais leve um tema tão pesado, e necessário, quanto é o nazismo. Até mesmo os estudantes podem sugerir cartazes e cartuns sobre o tema para que haja um trabalho crítico de algo tão convidativo e que sem o acompanhamento necessário se torna influenciável demais para os jovens.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia Maria. **A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino.** São Paulo: História, 2003. p.183 -193.
- ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo.** Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BARING-GOULD, Sabine. **The Wandering Jew: Curious myths of the Middle Ages.** Londres: Rivingtons, 1876. p. 1–31.
- BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram.** Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- BAUER, Elvira. **Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid.** Nuremberg: Stürmeverlag, 1936.
- BESSEL, Richard. **Nazismo e Guerra.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- BITTENCOURT, Circe. **O Saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1998.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** 3º Edição. Brasília: L.G.E & Editora UNB, 2004,
- BOLSANELLO, Maria. A. Darwinismo social, eugenia e racismo. In: **Educar**, n. 12, Curitiba: Editora da UFPR, 1996. p. 153-165.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem.** Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- BURLEIGH, Michael; WIPPERMANN, Wolfgang. **The Radical State, Germany 1933-1945.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 82.
- BRIDGES, Lee H. **Anti-Semitism And Der Sturmer On Trial In Nuremberg, 1945-1946: The Case Of Julius Streicher.** Texas: University of North Texas, 1997.
- BRUSTEIN, William I. **The Logico f Evil: The Social Origins of the Nazy Party, 1925 – 1933.** New Haven: Yale University Press, 1996.
- CESAR, Newton. **Direção de arte em propaganda.** 5ª. Edição. São Paulo: Futura, 2000.
- CREW, D. F. **Hitler and the Nazis: a history in documents.** New York: Oxford University Press, 2005.
- LEITE, António, S. J. **Código de direito canônico.** 4º edição. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1983. p. 215.

DAUBE, David. **Ahasver**: The Jewish Quarterly Review. Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 1955. p. 243 – 244.

DOMENACH, Jean-Marie. **A Propaganda Política**. São Paulo: Difusão, 1955.

ERNST, Hiemer. **Der Giftpilz**. Nuremberg: Stürmerverlag, 1938.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich no poder**. Tradução de Lúcia Brito. 1. ed, São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

FINK, Fritz. The Jewish Question in Education in: **Anti-Semitism and Schooling under the Third Reich**. Londres: Routledge, 2002.

GEISS, Immanuel. A nova Alemanha. In: **História do século XX (1919-1934)**. São Paulo: Abril, 1974.

GERVEREAU, Laurent. **Ver, compreender, analisar as imagens**. Lisboa: Edições 70, 2013.

GRUNBERGER, Richard. **A Social History of the Third Reich**. Phoenix: Orion, 2005.

GUEDES, S. R. ; NICODEM, M. M. F. **A utilização de imagens no ensino de história e sua contribuição para a construção de conhecimento**. V.8. Medianeira: Revista Eletrônica Cient. Inov. Tecnol, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

HEINZE, C. Matthias Schwerendt: **Antisemitismus in nationalsozialistischen Schulbüchern und Unterrichtsmaterialien**, Berlin: Metropol 2009.

HIERMER, Ernst. **Der Giftpilz**. Nuremberg: Stürmerverlag, 1938.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. 3ª Ed. São Paulo: Centauro, 2016.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2ª Ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HÜRLIMANN, Bettina. **Three centuries of children's books in Europe**. London: Oxford University Press, 1967.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 6ª ed. Campinas: Papyrus Editora, 2003.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.

KOCH, H. W. **A juventude hitlerista: Mocidade traída**. Trad. de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1973.

KUSTZ, Harold. O malogro da democracia. In: **História do século XX (1919-1934)**. São Paulo: Abril, 1974.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.

LIEBEL, Vinícius. **Humor, propaganda e persuasão: as charges e seu lugar na propaganda nazista.** Dissertação (Mestrado em História) UFPR. Curitiba, 2006. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/5779/Humor%20Propan;jsessionid=034A3072B98F4E076F89D4D6FAC2ABFE?sequence=1>> . Acesso em: 27 jul. 2022.

LIEBEL, Vinícius. **O Historiador e o trato com as fontes pictóricas.** Rio de Janeiro: Revista Topoi, 2016.

LIEBEL, Vinicius. Charges, In: **Possibilidades de pesquisa em História.** São Paulo: Contexto, 2017.

LITZ, V. G. **O uso da imagem no ensino de História.** Curitiba: Editora UFPR, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

MANN, Michael. **Fascistas.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

MEYER, Hubert. **The 12th SS: The History of the Hitler Youth Panzer Division V. 2.** Pensilvânia: Stackpole Books, 2005.

MICHALANY, Douglas. **História das Guerras Mundiais.** Livro IV. São Paulo: Michalany. 1967.

MICHAUD, Eric. Soldados de uma ideia: Os jovens do terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos Jovens 2 - A época contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MILLS, Mary. **Propaganda and Children during the Hitler Years.** The Nizkor Project, 1999. Disponível em: <https://www.nizkor.org/hweb/people/m/mills-mary/mills-00.html>. Acesso em: 03 jun. 2022.

NICHOLLS, A. J. O putsch de Munique. In: **História do século XX (1919-1934).** São Paulo: Abril, 1974.

NOAKES, Jeremy; PRIDHAM, Geoffrey. **Nazism, State Economy and society 1933-1939.** v. 2. Exeter: University of Exeter Press, 2000. P 186.

PAIVA, E. F. **História e imagem.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PENKE, Niels. Die antisemitischen Kinderbücher des Stürmer-Verlags, in: **Kinder- und Jugendliteratur der Jahre 1925 bis 1945,** Göttingen: Göttingen Universität, 2019. p. 69–76. Disponível em: https://www.uni-siegen.de/phil/germanistik/mitarbeiter/penke_niels/publikationen.html. Acesso em: 03 jun. 2022.

PANOFSKY, E. Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: **Significado nas Artes Visuais.** 2ª ed. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986.

PROCTOR, Robert N. **The anti-tobacco campaign of the Nazis**: a little known aspect of public health in Germany, 1933-45. Princeton: Princeton University Press, 1996

PROCTOR, Robert N. **The Nazi War on Cancer**. Princeton: Princeton University Press, 2018.

RAMES, Jonathan; BHASKARAN, Lakshmi. **Design Retrô**: 100 anos de design gráfico. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

REES, Laurence. **O Carisma de Adolf Hitler**. Rio de Janeiro: Leya, 2013.

REES, Laurence. **O Holocausto**. São Paulo: Vestígio, 2018.

ROOS, Daniel. **Julius Streicher und "Der Stürmer" 1923 – 1945**. Verlag Ferdinand Schöningh, 2001.

SCHWERENDT, Matthias. **Antisemitismus in nationalsozialistischen Schulbüchern und Unterrichtsmaterialien**. Metropol, Berlin 2009

STREICHER, Julius. **Der Stürmer**. Nuremberg: Stürmerverlag, 1937. Disponível em: [https://www.historisches-lexikon-bayerns.de/Lexikon/Der Stürmer. Deutsches Wochenblatt zum Kampf um die Wahrheit](https://www.historisches-lexikon-bayerns.de/Lexikon/Der_Stürmer_Deutsches_Wochenblatt_zum_Kampf_um_die_Wahrheit). Acesso em: 09 mai. 2022

STREICHER, Julius. **Vaterländischer Verlag**. Nuremberg: Stürmerverlag, 1934. Disponível em: [https://www.historisches-lexikon-bayerns.de/Lexikon/Der Stürmer. Deutsches Wochenblatt zum Kampf um die Wahrheit](https://www.historisches-lexikon-bayerns.de/Lexikon/Der_Stürmer_Deutsches_Wochenblatt_zum_Kampf_um_die_Wahrheit). Acesso em: 09 mai. 2022

International Military Tribunal. **Trial of the Major War Criminals before the International Military Tribunal**. v. 22. Nuremberg: Governo EUA. 1947. pág. 129. Disponível em: https://www.loc.gov/item/2011525338_NT_Vol-XXII/ Acesso em: 04 jun. 2022.

VITKINE, Antoine. **Mein Kampf**: A história do livro. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

YENNE, B. **Hitler's Master of the Dark Arts**. Mineápolis: Zenith Press, 2010. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2064935/hitlers-master-of-the-dark-arts-himmlers-black-knights-and-the-occult-origins-of-the-ss-pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

ZELNHEFER, Siegfried. **Der Stürmer**. Deutsches Wochenblatt zum Kampf um die Wahrheit. Bayern: Historisches Lexikon Bayerns, 2008. Disponível em: [https://www.historisches-lexikon-bayerns.de/Lexikon/Der Stürmer. Deutsches Wochenblatt zum Kampf um die Wahrheit](https://www.historisches-lexikon-bayerns.de/Lexikon/Der_Stürmer_Deutsches_Wochenblatt_zum_Kampf_um_die_Wahrheit) . Acesso em: 04 jun. 2022.